

Riso. Uma experiência rica e variada



Mario Fleig

O riso e o hiato da condição humana

Elias Thomé Saliba

As raízes do riso e a ética emocional
brasileira

Vera Cecília Machline

A fisiologia do riso e a “moderação”
da alegria

E mais:

>> **Jorge Abrahão de Castro**
A política social brasileira e o estado
de bem-estar

>> **Moisés Sbardelotto**
Igreja e internet: uma relação
de amor e ódio

Riso. Uma experiência rica e variada

O que é o riso? Quais são seus significados? Como ele foi encarado ao longo da história? Quais suas relações com o esfacelamento do temor e da fé? Qual é o seu flerte com a transgressão? Esses são alguns dos questionamentos debatidos na IHU On-Line desta semana.

Na opinião do filósofo e psicanalista **Mario Fleig**, docente na Unisinos, o riso é dotado de força afirmativa, mas também subversiva, e demonstra a “eterna defasagem entre o que somos e o que deveríamos ser”. A partir da obra de **Freud**, ele analisa o significado do chiste e sua relação com uma verdade insuportável ao sujeito. O historiador **Elias Thomé Saliba**, da Universidade de São Paulo - USP, analisa as raízes do riso e a ética emocional brasileira. Experiência humana diversificada, o riso popular permitiu o surgimento do humor como arma política contra a repressão, criando produções ambíguas, não inocentes e espécie de “espelho da sociedade, embora distorcido”, frisa.

Na opinião da professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, **Maria Generosa Ferreira Souto**, o riso é produto de uma cultura e resulta da complexidade do social. **Vera Machline**, pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, examina a fisiologia do riso e a “moderação” da alegria. Segundo ela, o tema foi objeto de interesse por pensadores ao longo da história, merecedor de inúmeros rótulos, como verdadeiro e falso. O riso como arma e libertação é a temática de **Henrique Rodrigues**, da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio. Rir de si mesmo tem um efeito libertador, além do fato de que o riso faz com que o homem mostre seus dentes, movimento físico que expressaria agressividade, observa.

A historiadora **Verena Alberti**, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, examina o risível através dos tempos e aponta **Arthur Schopenhauer** como precursor de uma concepção do riso para alcançar o “impensado”.

Jesus riu? **José Rivair de Macedo**, professor da UFRGS, lembra que “a idéia de Cristo jamais riu, defendida por certos pensadores cristãos do início da Idade Média, tinha a finalidade mostrar que a renúncia aos prazeres mundanos era uma necessidade, pois segundo tais escritores o verdadeiro riso só deveria provir do *gaudium*, da felicidade eterna no Paraíso”. Duas entrevistas com psicanalistas complementam essa edição. Uma delas com **Marília Medeiros**, do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, e a outra com **Abrão Slavutsky**, psicanalista e médico psiquiatra.

Mais duas entrevistas e um artigo completam a edição. A atual política social brasileira é analisada por **Jorge Abrahão de Castro**, professor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e o jornalista **Moisés Sbardelotto**, coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, um dos programas do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, descreve a relação de amor e ódio da Igreja com a internet. Os últimos ataques político-midiáticos dos EUA contra Cuba são o tema do artigo do historiador, jornalista e professor da Universidade de Camagüey, **Noel Manzanera Blanco**.

A trajetória de **Frank Jorge**, um dos coordenadores do curso de graduação Produtores e Músicos de Rock da Unisinos, também pode ser lida nesta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Anelise Zanoni MTB 9816 (aneliseza@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mario Fleig: O riso e o hiato da condição humana

PÁGINA 11 | Marília Lemos: Com as unhas cravadas no mal-estar

PÁGINA 15 | Verena Alberti: O risível através dos tempos

PÁGINA 16 | José Rivair Macedo: A Idade Média e o riso sob um prisma moral

PÁGINA 18 | Vera Machline: A fisiologia do riso e a “moderação” da alegria

PÁGINA 21 | Maria Generosa Ferreira Souto: O riso e suas interdições na sociedade

PÁGINA 24 | Elias Thomé Saliba: As raízes do riso e a ética emocional brasileira

PÁGINA 27 | Henrique Rodrigues: O riso como arma e libertação

PÁGINA 30 | Abrão Slavutsky: Uma vacina contra o desespero

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 36 | Jorge Abrahão de Castro: A política social brasileira e o estado de bem-estar

» Coluna do Cepos

PÁGINA 40 | Noel Manzanares Blanco: Últimos ataques político-midiáticos dos EUA contra Cuba

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 46 | Moisés Sbardelotto: Igreja e internet: uma relação de amor e ódio

» IHU Repórter

PÁGINA 53 | Frank Jorge



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O riso e o hiato da condição humana

Dotado de força afirmativa, mas também subversiva, o riso demonstra a “eterna defasagem entre o que somos e o que deveríamos ser”, pondera o filósofo e psicanalista Mario Fleig. A partir da obra de Freud, o pesquisador analisa o significado do chiste e sua relação com uma verdade insuportável ao sujeito

POR MÁRCIA JUNGES

“**C**onciso, breve e criativo, o chiste não se confunde com a piada, ainda que ambos sejam produtores de prazer. A linguagem chistosa deixa irromper a verdade de forma indireta, com o máximo de sentido para um mínimo de suporte, ou seja, com o mínimo de palavras obtém um máximo de graça, deixando escapar algo inconciliável e insuportável. A verdade que aflora por meio do chiste é da ordem do real insuportável que acossa o sujeito”. A explicação é do filósofo e psicanalista Mario Fleig, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, analisando o conceito de chiste, proposto por Sigmund Freud. De acordo com o professor da Unisinos, um chiste que necessita de explicação perde sua graça. A condição necessária para um chiste provocar graça é o riso do Outro. “O riso do outro, como efeito do chiste, vem como o selo de autenticação de que ali houve um chiste. Se ele não ocorrer, se não se produz o laço social no rir juntos, mas vergonha por ter sido pego em flagrante, seria apenas um lapso”. O riso seria um tipo de alívio, “dispêndio psíquico decorrente da liberação da energia alocada na tensão”.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo, e em Psicologia pela Unisinos, Mario Fleig é mestre e doutor em Filosofia. Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em metafísica. Como psicanalista, é membro da Association Lacanienne Internationale e da Escola de Estudos Psicanalíticos. Com Jean-Pierre Lebrun organizou *O mal-estar na subjetivação* (Porto Alegre: CMC Editora, 2010) e *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é um chiste? E qual é a sua relação com o inconsciente, como proposto por Freud?

Mario Fleig - O chiste faz parte de um conjunto diverso de fenômenos próprios do ser humano que produzem a graça e o riso. Freud¹ se dedica a seu

1 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o

estudo, e o denomina pelo termo alemão *Witz*. Trata-se de um enunciado surpreendente e desconcertante que opera por meio dos recursos da linguagem, cuja técnica foi demonstrada por Freud, e provoca uma satisfação particular, tendo assim um importante papel na vida psíquica. E Freud estabelece a relação que o chiste tem com o inconsciente, como veremos logo a seguir.

Sugiro que consideremos o chiste a

tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jF>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da **IHU On-Line**)

partir de um de seus efeitos: o riso. Mesmo que este não esgote o chiste, visto que os mistérios que o envolvem atravessam a história da humanidade, sabemos que o selo de autenticidade de um chiste irrompe no riso. Um chiste que precise ser explicado já não tem nada mais de chistoso, perdeu a graça. Por isso o que estamos elucidando aqui sobre o chiste não tem graça nenhuma, não nos faz rir e muito menos apresenta um lance criativo, como é peculiar ao chiste. Que a graça seja própria do ser humano já fora afirmado por Aristóteles² em *As*

2 Aristóteles de Estagira (384 a C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de

partes dos animais ao escrever que “O homem é o único animal que ri”, atribuindo assim ao riso valor ímpar e apresentando a fisiologia do riso, que tem como elemento principal o diafragma. Outros autores retomarão esta linha de estudo, descrevendo as afecções corporais do riso, como o calor, o rubor, o estremecimento e até algumas minúcias das transformações da expressão facial. A busca por estudos acerca do risível acaba por nos remeter ao livro perdido de Aristóteles, em que algo da comédia estaria escrito. Posteriormente, Quintiliano³, sob a influência da filosofia de Cícero⁴, afirmara que “na verdade, todo o sal de uma palavra está na apresentação das coisas de uma maneira contrária à lógica e à verdade: conseguimos isso unicamente seja fingindo sobre nossas próprias opiniões ou sobre as dos outros, seja enunciando uma impossibilidade”.

Mistério e diversidade

Enfim, o riso não deixa de esconder seu mistério e sua diversidade: pode se apresentar agressivo, sarcástico, escarneador, amigável, etc., sob a forma da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, do cômico, do chistoso, etc. O riso é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode-se rir para não chorar. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia, assim como pode ser um riso aparentemente imotivado, expressando dramas subjetivos particulares, como se pode encontrar na psicose. O riso pode ser apaziguador, fascinante e até mesmo inquietante e assustador. Parece que o riso, por sua

pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

3 Marcus Fabius Quintilianus (35 d.C. - 95 d.C.): orador e professor de retórica romano. (Nota da IHU On-Line)

4 Marco Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.): filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. (Nota da IHU On-Line)

força afirmativa e ao mesmo tempo subversiva, por sua irrupção discreta ou escancarada, flutua sempre numa certa indeterminação e equivocidade. Ele indica o permanente hiato de que padece o ser humano, na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico: os animais não riem, assim como também os deuses. Parece que a fonte do riso se encontra na eterna defasagem entre o que somos e o que deveríamos ser, e não é por acaso que na tradição grega a tragédia desemboque na comédia. Por que rir é o melhor remédio?

A verdade de forma indireta

Então, se um dos efeitos do chiste é o riso, em que consiste o chiste? Vamos que Freud se debruçou com atenção sobre o enigma do riso por uma de suas formas: o chiste, Witz, com o qual se defrontou desde o início de seu trabalho clínico, nos casos de tratamento das histéricas. Ele postula que, se uma representação inconsciente for recalçada, ela poderá retornar de uma forma irreconhecível, para escapar da censura. As formas de retorno do recalçado são diversas, constituindo o que Lacan⁵ reuniu com a denominação de “formações do inconsciente”. São os sonhos, os lapsos, os sintomas, os chistes, etc. Estas formações, que encontram um terreno fértil no duplo sentido de uma palavra, a polissemia da linguagem, po-

5 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da Revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://migre.me/zAMA>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional *A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [ne cède pas sur ton désir?], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://migre.me/zAMO>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível para download em <http://migre.me/zAMQ>. (Nota da IHU On-Line)

dem constituir a via que permite essas transformações, ou seja, contornar a censura. Foi assim, por exemplo, para aquela jovem que sofria de uma dor penetrante na fronte, dor que a remedia inconscientemente a uma lembrança remota de sua avó desconfiada, que a olhava com um olhar “penetrante”. Nesse caso, o inconsciente joga com o duplo sentido que a palavra “penetrante” adquire. De igual modo, é de forma similar que as coisas se dão no chiste ou dito espirituoso. Em razão disso, podemos afirmar, com Lacan, que as três grandes obras inaugurais de Freud, a *Interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *O chiste e suas relações com o inconsciente* (1905), publicadas na aurora do século XX, são consagradas aos mecanismos de linguagem do inconsciente, inaugurando uma nova teoria do inconsciente, e complementada com seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Não vamos aqui tentar percorrer a riqueza e a graça que perpassa a obra de Freud sobre os chistes, que na sua maioria somente podem ser apreciados em sua língua original, mas apenas indicar que ela se divide em três partes. A primeira, analítica, trata da técnica e das tendências do chiste; a segunda parte, sintética, elucida o mecanismo psíquico e linguístico gerador do prazer espirituoso, seus motivos e seu processo social; e finalmente a terceira parte, teórica, examina a relação do chiste com o sonho e o inconsciente e o distingue do cômico e do humor.

Conciso, breve e criativo, o chiste não se confunde com a piada, ainda que ambos sejam produtores de prazer. A linguagem chistosa deixa irromper a verdade de forma indireta, com o máximo de sentido para um mínimo de suporte, ou seja, com o mínimo de palavras obtém um máximo de graça, deixando escapar algo inconciliável e insuportável. A verdade que aflora por meio do chiste é da ordem do real insuportável que acossa o sujeito. A brevidade do chiste é o indicativo do sucesso criativo de seu principal mecanismo linguístico, a condensação, por meio da qual dois campos de significados em conflito se fundem, causan-

do estupefação e surpresa. O termo utilizado por Freud para o significativo enigmático, que deixa o sujeito siderado, é *Verblüftung*, estupefação, desconcerto, espanto, assombro, perplexidade. Ao mesmo tempo, diferente do que ocorre no ato falho ou no sintoma, que são metáforas fracassadas, no chiste ocorre um ato criativo, visível frequentemente na formação de um neologismo.

O riso do Outro como autenticação

Vejamus um singelo exemplo, referido por uma colega: Um menino, em sério conflito com seu irmão, no momento da oração, assim conclui o “Pai nosso”: “... livrai-nos do mala mém.” O cruzamento de duas cadeias de pensamento, uma manifesta e a outra latente, se faz pela condensação de “mal” + “mala” resultante do deslocamento do intervalo para a letra seguinte. Essa condensação permite então a irrupção da frase recalcada, reveladora dos pensamentos de agressividade endereçados ao irmão. Lembremos que a condição necessária para que esta frase seja um chiste é que ela produza o efeito do riso, e por isso ela precisa convocar o outro. O riso do outro, como efeito do chiste, vem como o selo de autenticação de que ali houve um chiste. Se ele não ocorrer, se não se produz o laço social no rir juntos, mas vergonha por ter sido pego em flagrante, seria apenas um lapso.

No chiste, aquilo que até então estava emudecido pode, enfim, tomar a palavra, visto que ao fazer rir o sujeito desarma o Outro, que até ali mantinha uma censura intransponível. E isso produz uma satisfação naquele que faz e/ou naquele que ouve um chiste. Como se explica esse prazer? O jogo de palavras e sua sonoridade poderiam nos remeter a um grande prazer sentido da infância e agora revisitado. Contudo, mais do que isso, Freud destaca que o êxito do chiste se encontra na particularidade da elaboração da frase que é então mais facilmente aceita pela censura, mesmo quando se trata de pensamentos rejeitados pela consciência. Assim, produz-se uma suspensão do recalçamento em curso

“O chiste requer então um terceiro, cuja verdade é atestada pelo riso, ao passo que o cômico necessita apenas de dois polos, o eu e o objeto”

e a liberação da energia utilizada para isso. É na liberação desta energia economizada que dá o prazer, definido por Freud como diminuição da tensão.

O chiste requer, então, um terceiro, cuja verdade é atestada pelo riso, ao passo que o cômico necessita apenas de dois polos, o eu e o objeto. Assim, uma gozação pode se fazer sobre uma determinada pessoa, que se encontra numa situação peculiar. Por exemplo, uma senhora vistosamente vestida que pisa em uma casca de banana e se estatela no passeio público pode ser algo muito cômico. Se isso acontecesse com uma trôpega senhora muito idosa certamente produzir um sentimento de pesar nos transeuntes. Deste modo, Freud insiste que a verdade, inicialmente inadmissível, que irrompe no dito espirituoso só vale como chiste quando enunciada para um terceiro, que ao rir irá atestá-la. Destaca-se assim a assunção subjetiva da função subversiva da fala, que já havia sido descoberta pelos gregos, como se pode ler na *Retórica* de Aristóteles, que encontra seu aval no terceiro, denominado por Lacan de Outro, que está para além do semelhante. O Outro, lugar da Lei, tanto é aquele que autentica a verdade da fala espirituosa que burla a censura assim como aquele que é subvertido, visto que passível de falha. Resulta, enfim, em uma subversão da posição do sujeito, pois o dito espirituoso rompe a sideração resultando da condição de gozo de estar à mercê do Outro, e dá à luz ao *desiderium*, ou seja, à de-sideração, quer dizer, ao desejo. Lacan localiza nesta operação a instância da letra no inconsciente, elemento material mínimo que, por propiciar a escrita de uma borda, faz

cessar o gozo mortífero que assombrava este sujeito. Vemos, assim, que outras formações do inconsciente, como os lapsos de memória, os atos falhos e os sintomas, ainda que sejam retornos do recalçado inconsciente, não apresentam a dimensão criativa do chiste com seu poder subversivo.

IHU On-Line - Há uma necessidade psicológica em fazermos chistes? Por quê?

Mario Fleig - Por que rimos ou por que precisamos rir? Se o riso é o melhor remédio, como afirma a sabedoria popular, podemos supor que sua necessidade brota do mal que nos assola. Freud segue esta linha de raciocínio, que também encontramos em Kant⁶. Este afirma em seu estudo *A arte do gênio*: “O riso é um afecção decorrente da súbita transformação de uma expectativa tensa em nada” (KANT, I. *Os pensadores*: Kant II. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 266). O riso parece consistir em um tipo de alívio, um dispêndio psíquico decorrente da liberação da energia alocada na tensão.

IHU On-Line - O que difere um chiste de uma piada?

Mario Fleig - Certamente que nem toda piada corresponde a um chiste. Para precisar a diferença entre ambos, vale inicialmente a diferença que Freud estabelece entre o chiste e o

cômico. Se o chiste é sempre causa do
⁶ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

riso, por meio de uma elaboração frasal produzida de propósito, o cômico é da ordem de um efeito resultante de um achado em situação. Uma situação é cômica, um dito é espirituoso. Assim, podemos ter piadas que podem ter graça ou não, visto que graça pode estar no desempenho do narrador, que então consideramos um bom contador de piada. Dentre os vários gêneros de piadas, temos, por exemplo, o uso de estereótipos, em que são confrontados dois pontos de vista. Basta o contador de piada introduzir o tema, dizendo: “Vocês sabem aquela do papagaio?”, e o clima já está formado. O mesmo ocorre se a narrativa incide sobre campos socialmente controversos e suficientemente conhecidos dos ouvintes, em que o texto parece querer dizer uma coisa, mas diz outra. Geralmente, a controvérsia gira em torno da sexualidade, das instituições (escola, religião, família, governo), das desgraças. Há pouco, em um quadro humorístico de Chico Anysio, o personagem, que parecia estar falando das cartas do baralho, se referia à liberação da “copa”, para que então outros ficassem com o “ouro”, assim como um coringa que se achava um rei, etc. Para que esta piada se produza, é preciso ter acompanhado as notícias relativas à liberação de verbas para obras públicas da Copa do Mundo no Brasil, assim como o papel desempenhado pelo ex-presidente Lula na política atual.

IHU On-Line - O objetivo de um chiste é o riso?

Mario Fleig - Como vimos antes, no caso do chiste, o riso é um efeito. O riso é o atestado de que ali se produziu um dito espirituoso. O cômico e a piada têm como objetivo fazer rir, ao passo que o chiste é uma elaboração produzida de propósito para suspender o recalçamento e, assim, liberar-se do mal-estar gerado pelo assombramento de estar à mercê do Outro, na forma de um gozo mortífero. Por isso, entendemos que o chiste é uma formação do inconsciente. Ou seja, ele ocorre de propósito no sentido que visa algo que ultrapassa a intenção consciente do sujeito. Neste sentido, Freud afirma que o chiste é uma formação do

“Se o riso é o melhor remédio, como afirma a sabedoria popular, podemos supor que sua necessidade brota do mal que nos assola”

inconsciente, ao passo que outras formas de produzir riso operam com elementos pré-consciente e consciente.

IHU On-Line - No que consistia o estudo do riso empreendido por Aristóteles? Algum outro filósofo analisou esse tema?

Mario Fleig - Pouco sabemos sobre este suposto livro que faria parte da *Poética* de Aristóteles, além de suposições medievais de que teria existido e que, então, teria sido perdido. Ou ele nunca chegou a ser escrito, ou foi queimado no incêndio que destruiu a Biblioteca de Alexandria. Sua existência é uma suposição bem plausível, visto que a comédia é o que logicamente se seguiria à análise da tragédia, no estudo sobre a retórica do teatro.

O estudo sobre o riso é imenso e eu não poderia dar conta aqui da história do interesse sobre o tema na filosofia, na sociologia, nas artes, etc. Posso sugerir, entre outras, a obra magistral de Mikhail Bakhtin⁷, *A obra de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e na Renascença*,

⁷ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975): linguista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado como filósofo da linguagem e sua linguística é uma “trans-linguística” porque ela ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extra-linguísticos como contexto de fala, intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico. Bakhtin professa uma abordagem marxista da língua e da linguística, pois para ele “a palavra é o signo ideológico por excelência” e também “uma ponte entre mim e o outro”. Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski* (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997). (Nota da IHU On-Line)

que retoma a história do riso do século do XIV ao século XVI.

IHU On-Line - Em *O nome da rosa*, a trama se baseia em livros que tiveram suas páginas envenenadas para que seus leitores morressem após folheá-las. Uma dessas obras era o segundo tomo de *A poética*, de Aristóteles. O argumento do Venerável Jorge, monge beneditino que havia embebido as páginas do livro com veneno, era que o riso matava o temor e, por conseguinte, a fé. Como podemos compreender essa afirmação? O que ela guarda de verdade, embora tenha sido feita dentro de uma obra de ficção?

Mario Fleig - *O nome da rosa*, do escritor italiano Umberto Eco⁸, traduz de forma literária a importância do aristotelismo para o pensamento cristão medieval. Trata-se de uma trama policial, como reverberações múltiplas da literatura ocidental, da filosofia e da ciência, que se desdobra em torno de um livro misterioso, um tratado de Aristóteles sobre como o riso pode auxiliar na busca pela verdade, que acaba por levar vários monges à morte em uma abadia medieval.

O Venerável Jorge de Burgos, monge responsável pela biblioteca do mosteiro para o qual se encaminha William de Baskerville, afirma que a obra deveria ser destruída justamente por ter sido escrita por Aristóteles. A influência do pensador grego era tamanha que, ao endossar o riso e o escárnio como fontes válidas para se chegar ao conhecimento da verdade, Aristóteles poderia desencadear o caos na sociedade, uma vez que, ao rirem do mundo, os homens espantariam o temor ao demônio e perceberiam como Deus era desnecessário, produzindo-se um colapso geral. Assim, o verdadeiro perigo viria deste livro, pois ele é que poderia contaminar os doutos, e não

⁸ Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente e Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. A ilha do dia anterior; *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

do riso das pessoas simples e médios. O riso poderia afastar o indivíduo de Deus, ao passo que o livro de Aristóteles afastaria os doutos do caminho da razão e da verdadeira sabedoria, e aí se encontrariam o verdadeiro perigo. Vejamos esta argumentação nas próprias palavras do Venerável Jorge de Burgos:

“O riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece pobre e tolo, portanto controlável. Mas este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sabedoria. Quando ri, enquanto o vinho borbulha em sua garganta, o aldeão sente-se patrão, porque inverteu as relações de senhoria: mas este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. Então, seria transformado em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do aldeão é ainda e afortunadamente operação do ventre. Que o riso é próprio do homem é sinal do nosso limite de pecadores. Mas deste livro quantas mentes corrompidas como a tua tirariam o silogismo extremo, pelo qual o riso é a finalidade do homem! O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo próprio medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. E deste livro poderia partir a fagulha luciferina que atearia no mundo inteiro um novo incêndio: e o riso seria designado como arte nova, desconhecida até de Prometeu, para anular o medo. Para o aldeão que ri, naquele momento, não lhe importa morrer: mas depois, acabada sua licença, e a liturgia impõe-lhe de novo, de acordo com o desígnio divino, o medo da morte. E deste livro poderia nascer a nova e destrutiva aspiração a destruir a morte por meio da libertação do medo. E o que queremos nós, criaturas pecadoras, sem o medo, talvez o mais benéfico e afetuoso dos dons divinos”.

Como oposição à pretensão de ter a verdade absoluta e à certeza de ser a “mão de Deus”, o frade Baskerville pondera que “talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, *fazer rir a verdade*, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade.”

IHU On-Line - Por que o riso foi considerado, por vezes, demoníaco, uma vez que é prerrogativa exclusivamente humana?

Mario Fleig - Sabemos que um importante suporte das religiões é o temor dos deuses, sendo que a estratégia de cindir a divindade em duas, uma boa e protetora e a outra maléfica, permite que a primeira seja fortalecida pelo incrementado temor na segunda. Uma das hipóteses para o aumento do temor ao demônio, que se constata no período medieval e perdura até nossos dias, seria decorrente do incessante enfraquecimento do temor a Deus. Assim, quanto mais se teme ao inimigo, maior deve ser o poder daquele que nos protege. Essa hipótese poderia ser verificada pelo exame do lugar que o demônio ocupa nas assim denominadas igrejas neopentecostais no Brasil. Ora, no período medieval surgem formas novas de contestação, porta de entrada para o demônio, colocando em perigo o poder da divindade: o demônio do meio-dia, ou seja, a preguiça como expressão da melancolia, a nascente ciência moderna e sua racionalidade, e o antigo riso. Todas elas são consideradas como manifestação do demoníaco a ser combatido. São os novos poderes do demônio, que requerem uma divindade forte e firme. Assim, o antigo poder catártico e subversivo da tragédia e da comédia gregas, que preconizava o benefício libertário das lágrimas e do riso, era inaceitável para a ortodoxia medieval, que via nela a obra do demônio. Além disso, apesar de ser reconhecido como próprio do homem, o riso em geral era censurado à luz do argumento de que Jesus, modelo supremo do humano, não teria rido em sua vida terrena. Enfim, o riso e o humor, por seu poder subversivo, tenderiam a profanar e a zombar do sagrado, e nisso consistir seu poder demoníaco a ser combatido.

IHU On-Line - Em que aspectos é possível estabelecer uma relação entre o riso e o trágico?

Mario Fleig - O trágico e o cômico fazem parte das múltiplas respostas do homem confrontado com o paradoxo de sua existência. Seria o riso a melhor resposta para esse

paradoxo? O humor não seria o valor supremo que permite aceitar sem compreender, agir sem desconfiar, assumir tudo sem levar nada a sério?

Sabemos que as tragédias gregas costumavam constituir uma trilogia: a primeira apresentava o conflito, como *Édipo Rei*⁹, na trilogia de Sófocles¹⁰; a segunda tratava do desdobramento dos efeitos do conflito, como *Antígona*¹¹; e a terceira apresentava uma solução do conflito, como *Édipo em Colono*¹². A comédia, ou seja, a dimensão do riso, viria como a solução da tragédia.

A tragédia surge na Grécia a partir do culto ao deus Dionísio¹³, dentro da trama de narrativas denominadas de mito que delimitam o que chamamos de trágico. Assim, o trágico não se restringe ao âmbito das tragédias do teatro, mas é algo que define a especificidade da condição humana, à medida que é nele que se realiza o que há de mais estranho no estranho, como se enuncia no primeiro coro da *Antígona* de Sófocles: “Muitas são as

9 *Édipo Rei*: peça de teatro grega, mais precisamente uma tragédia, escrita por Sófocles por volta de 427 a.C. Trata de uma parte do mito de Édipo. O mito de Édipo Rei é um dos pilares da psicanálise clássica. A definição do Complexo de Édipo remonta a uma carta enviada por Freud a seu amigo Fliess, em que discute relações de poder e saber num drama encenado tipicamente por pai, mãe e filho. (Nota da IHU On-Line)

10 *Sófocles*: Dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. *Édipo Rei*, *Antígona* e *Electra* são as suas peças mais conhecidas (Nota da IHU On-Line)

11 *Antígona*: figura da mitologia grega, filha de Édipo e Jocasta. A versão clássica do mito sobre a Antígona é descrita na obra *Antígona*, do dramaturgo grego Sófocles, um dos mais importantes escritores de tragédia. (Nota da IHU On-Line)

12 *Édipo em Colono*: uma das três obras de Sófocles que fazem parte da chamada trilogia tebana, na tragédia grega. Foi produzida pelo neto de Sófocles, em 401 a.C. Na linha do tempo das peças, a história ocorre depois de Édipo Rei e antes de Antígona. A peça descreve o fim da trágica vida de Édipo. Sófocles estabelece o local da morte de Édipo em Colono ou Hippeios Colonus, uma comunidade localizada mais ou menos a um quilômetro ao noroeste da cidade de Atenas. (Nota da IHU On-Line)

13 *Dioniso, Díonisos ou Dionísio*: deus grego equivalente ao deus romano Baco, dos ciclos vitais, das festas, do vinho, da insânia, mas, sobretudo, da intoxicação que funde o bebedor com a deidade. Filho de Zeus e da princesa Semele, foi o único deus olímpico filho de uma mortal, o que faz dele uma divindade grega atípica. (Nota da IHU On-Line)

coisas estranhas, nada, porém, há de mais estranho (*to deinaton*) do que o homem” (v. 332).

O riso da comédia e do cômico não se confunde com o mesmo efeito produzido pelo chiste e pelo humor, e funciona como um automatismo psíquico pré-consciente. O humor apresenta um riso entre parênteses, recatado, ao passo que o chiste resulta de um processo inconsciente que, com a autorização do sujeito, confessa a verdade que ser para ficar calada.

Contradição existencial

O humor, mesmo que possa se prender ao inconsciente, consiste para Freud em uma contribuição do superego para o cômico. O ponto de intersecção destas diferentes modalidades de riso se encontra se encontra no centro do culto ao deus Dionísio, o falo. Este falo simbólico que opera sua função somente se velado faz surgir a verdade do sujeito na revelação específica do cômico, visto que ele presentifica o desejo inconfessado no instante em que se dá a queda do falo. Assim, poderíamos ler o exemplo que referi acima, da senhora chique que escorrega em uma casca de banana e se estatela no passeio público, acompanhada pelo olhar de gozação dos transeuntes. Do que é mesmo que eles riem?

Retornamos sempre ao mesmo ponto, ou seja, como lidamos com esse estranho em nós mesmos? Voltando ao trágico, este pode se apresentar em relatos aparentemente banais da vida cotidiana, como o jovem se queixava a respeito de suas dificuldades em progredir na vida, tanto no trabalho quanto no estudo, e muito mais ainda em sua vida amorosa. Logo se lembra de pensamentos fugidios que o atormentam, dos quais consegue situar um: tem um pensamento terrível de que seu pai iria morrer se ele não fizesse determinadas coisas. Não se sente à vontade para falar destas coisas, pois as considerava idiotas. Finalmente as revela: para que seu pai não viesse a morrer por sua causa, deveria contar até quatro e depois descontar até zero ou dar três passos para frente, três para o lado e depois recuar os três passos e assim por diante. Parece-

nos que sua narrativa apresenta a dimensão trágica de sua vida, presente no paradoxo entre avançar um tanto e recuar na mesma proporção, de modo a jamais sair do lugar. Estava paralisado por uma contradição existencial. O que poderia acontecer para que pudesse transpor tal impasse, ou seja, deixar cair o gozo deletério de seu sintoma? Semelhante ao percurso literário e social que a inventividade dos gregos construiu, da transformação do trágico em uma trilogia e a irrupção do riso na comédia, o percurso em um tratamento psicanalítico leva o sujeito a poder se apropriar de sua tragédia e, até mesmo, chegar a rir da banalidade de seu destino, renunciando então a gozar do ódio.

IHU On-Line - Podemos dizer que o chiste, o humor e o riso são formas de lidar com o mal-estar? Por quê?

Mario Fleig - Freud escreveu um pequeno artigo denominado *O humor* (1927), reiterando que a fonte de prazer deste provém da economia de um dispêndio afetivo que uma situação de mal-estar produz, ou seja, que o humor é gerador de um ganho de prazer para si ou para o espectador, de modo semelhante ao que se passa no chiste e no cômico. Contudo, ele apresenta uma novidade, ao afirmar que “o humor não só tem algo de libertador, sendo análogo nisso ao chiste e ao cômico, mas também tem algo de sublime e patético, traços que não encontramos nesses dois outros modos de obter prazer mediante uma atividade intelectual. Evidentemente, o sublime reside no triunfo do narcisismo, da vitoriosa confirmação da invulnerabilidade do eu. O eu recusa-se a se deixar abater e sucumbir ao sofrimento ocasionado pela realidade externa; recusa-se a admitir que os traumas do mundo externo o possam afetar, e ainda mostra que são para ele apenas oportunidades de obter prazer.”

O exemplo cabal do senso de humor irrompe na frase do condenado à forca que na segunda-feira, ao ser levado para o patíbulo, declara para seu carasco: “Começamos bem a semana!” Não é uma frase de queixa e resignação, mas de oposição, que indica, além do triunfo do eu, a afirmação de um

prazer apesar das circunstâncias desfavoráveis. Como meio de defesa contra a dor, o humor, assim como o chiste e o cômico, “ocupa um lugar dentro da grande série dos métodos que a vida anímica do ser humano construiu com o intuito de escapar da compulsão ao sofrimento, série que se inicia com a neurose e culmina no delírio, e na qual se incluem a embriaguez, o abandono de si, o êxtase”, afirma Freud.

Enfim, a sabedoria popular nos diz que “rimos para não chorar” ou que “rir é o melhor remédio”. Que verdade encontramos nestes provérbios? Se seguirmos as formulações de Freud, entendemos que nos encontramos com as diferentes elaborações e transformações da pulsão de morte, que, em vez de seguir a via direta da destruição, faz um contorno do estranho e impossível e cria algo diferente. No riso, ainda que seja de escárnio e repúdio, há um instante de suspensão do desejo de pura destruição de si e do outro. Instante que pode circunscrever outra coisa.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig e publicadas na IHU On-Line.

- O desaparecimento da família tradicional. Entrevista publicada na IHU On-Line 326, de 26-04-2010, disponível em <http://bit.ly/im40MS>;
- O pedófilo: vítima de seu desejo e perversão. Entrevista publicada na IHU On-Line 326, de 26-04-2010, disponível em <http://bit.ly/eadHUI>;
- O direito ao gozo e à violência. Entrevista publicada na IHU On-Line 298, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/jw3AwS>;
- Não cedas do teu desejo: é preciso sustentarmos o que falamos com voz própria. Entrevista publicada na IHU On-Line 295, de 01-06-2009, disponível em <http://bit.ly/jAUXph>;
- “Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”. Entrevista publicada na IHU On-Line 265, de 21-07-2008, disponível em <http://bit.ly/j9Zqel>;
- O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral. Entrevista publicada na IHU On-Line 220, de 21-05-2007, disponível em <http://bit.ly/mTwwK1>;
- O declínio da responsabilidade. Entrevista publicada na IHU On-Line 185, de 19-06-2006, disponível em <http://bit.ly/bp5jvr>;
- Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização. Entrevista publicada na IHU On-Line 179, de 08-05-2006, disponível em <http://bit.ly/kpHGAB>;
- As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família. Entrevista publicada na IHU On-Line 150, de 08-08-2005, disponível em <http://bit.ly/iYmk6n>.

Com as unhas cravadas no mal-estar

Fazer humor é transgredir, é despir as ideologias de suas roupagens, e as teorias de sua pompa, frisa a psicanalista Marília Brandão Lemos Morais. Os humoristas são aqueles que enterram as unhas no “mal-estar” do qual padece a contemporaneidade, fazendo ressurgir a transgressão

POR MÁRCIA JUNGES

“O humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita”. A afirmação é da psicanalista Marília Morais em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Ela recupera o conceito de humor em Sigmund Freud, dizendo que este não é resignado, mas rebelde. Os humoristas são aqueles que “cravam as unhas no mal-estar”, apontam a “finitude humana, sua dor e sofrimento”. E complementa: “Através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem a sua pompa, as religiões, as ideologias mostram sua face frágil e nua. O humor é transgressor!”. Marília constata que nossa sociedade “parece ter perdido a potência do riso, evidenciada pelo conformismo que se observa no humor cínico e no pornográfico. Resgatar a rebeldia característica do humor é resgatar as dimensões de vida que não podemos deixar esmaecer no nosso dia a dia: a graça de viver, a criatividade, o lúdico e o bom humor”.

Psiquiatra e psicanalista, Marília Brandão Lemos Morais é filiada ao Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ao Círculo Brasileiro de Psicanálise e à International Federation of Psychoanalysis. É autora do livro *Psicanálise e Contemporaneidade: arte, literatura, poesia, humor, corpo, anorexia, bulimia* (Editora Biblioteca 24x7: São Paulo, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Psicanaliticamente, o que explica a necessidade e o prazer que sentimos de rir e fazer rir?

Marília Lemos - O riso é uma descarga de afeto que gera prazer e contágio. O mecanismo do riso é explicado como consequência da suspensão da inibição: um *quantum* de energia psíquica torna-se livre e encontra uma via de descarga motora na risada. O chiste e o humor convidam ao prazer e ao gozo em função do riso que provocam, contagiando o espaço social. Se o chiste está estruturado como uma formação do inconsciente, é por isto mesmo um trânsito para que alguma coisa da ordem do recalado abra passagem e se mostre sem passar pelo desconforto da angústia e do padecimento de sintomas.

No capítulo V do livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), de Freud, são analisados os motivos dos chistes e o impulso que temos de passá-los para frente, através de um contágio entusiasmado, colocando-os como um processo social. Na estrutura dos chistes, são determinadas três

personas: a primeira, quem conta a piada; a segunda, aquela de quem se fala e que não está presente e é o alvo das pressões sexuais e agressivas; e a terceira, que é para quem se conta a piada, a plateia ou a *paróquia* (termo retirado de Bergson que Freud colocou como *todo chiste requer seu próprio público*). A função desta terceira pessoa é fundamental: é aquela que ri da piada e a que a referenda, pois, sem seu riso, a piada não é piada, portanto, um efeito *a posteriori*, que só então faz o piadista rir. Esta terceira pessoa é importante para o piadista reexperimentar, através dela, o efeito surpresa da piada ouvida pela primeira vez, e para autorizar a transgressão da repressão social efetuada pelo piadista.

Os chistes provêm dos jogos de palavras e pensamentos usados pelas crianças e que produzem prazer. Com o passar dos anos são abandonados em função da faculdade crítica e da racionalidade. Entretanto, o sujeito não quer renunciar a um prazer que lhe é familiar. Daí o ulterior desenvol-

vimento destes jogos infantis até a sua transformação em chistes, impulsivados pelo desejo de burlar a crítica e reencontrar o antigo prazer. O propósito, a função dos chistes consiste em suspender as inibições internas e tornar acessíveis as fontes de prazer. Os chistes são tendenciosos, satisfazem a uma *tendens*, uma intenção. A sua forma engenhosa satisfaz a intenções agressivas e sexuais, a sua forma alusiva e indireta permite que pensamentos sejam expressos, burlando a crítica. O fato de negarem a censura e de liberarem a inibição que pesava sobre estas fantasias coloca à mostra o inconsciente e o prazer é derivado da economia de um dispêndio psíquico, aquele que mantinha a inibição. Entre os vários tipos de inibição, o texto freudiano se refere ao *recalque*, *reconhecido por impedir que impulsos a ele sujeitos e seus derivativos tornem-se conscientes*. E diz que os chistes são capazes de liberar prazer de fontes já submetidas ao recalque.

IHU On-Line - Qual é a função do riso? Catarse, mecanismo de defesa?

Marília Lemos - O humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita. *Numa brincadeira pode-se até dizer a verdade*, enuncia Freud em seu livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. O recurso ao *falei de brincadeira* ou *é de mentirinha* pode ser a maneira de uma verdade ser anunciada, através do faz de conta: *Foi sem querer querendo*, como diz o Chavez do programa humorístico da TV. Esta verdade se diz através de um sentido insólito brotado no *non-sense*, do paradoxo, do absurdo, ao qual se segue uma revelação de sentido que é sempre surpreendente e fugaz, seguido da descarga de riso.

IHU On-Line - Em que medida rir pode ser também uma transgressão e uma rebeldia?

Marília Lemos - *O humor não é resignado, mas rebelde*, diz Freud em seu ensaio *O humor* (1926). São os humoristas, aqueles que captam a fragilidade do homem, seus conflitos, sua finitude, sua dor e sofrimento, “cravam as unhas no mal-estar”, desviam do interdito e dali saem com um dito espirituoso que os fazem rir de si mesmos, ou do outro e fazem o outro rir. São eles que revelam nossas contradições, nossas falhas, nossas imperfeições. Através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem a sua pompa, as religiões, as ideologias mostram sua face frágil e nua. O humor é transgressor!

IHU On-Line - Como podemos compreender as conexões entre angústia, ironia e riso?

Marília Lemos - Se o humor consiste numa forma inteligente de lidar com a dor e o sofrimento e ainda tirar proveito disso, podemos observar esta conexão na própria vida de Freud em duas situações descritas por Peter Gay (e citadas por Kupermann). Em 1938, na época de deixar a Áustria dominada, então, pelo nazismo, após a prisão e interrogatório de sua filha Anna, Freud foi obrigado a assinar um documento para a Gestapo dizendo que não havia sofrido maus-tratos. Após assiná-lo, ele

“São os humoristas aqueles que captam a fragilidade do homem, seus conflitos, sua finitude, sua dor e sofrimento, ‘cravam as unhas no mal-estar’”

acrescentou de próprio punho: “Posso recomendar altamente a Gestapo a todos”. Esta tirada de humor foi, de início, interpretada por Gay como uma tentativa inconsciente de suicídio, uma vez que a ousadia de Freud punha em risco a sua própria vida, caso as autoridades nazistas reconhecessem ali uma fina ironia. Mas, num segundo tempo, o mesmo Gay reconhece que esta atitude demonstrava uma grande coragem e vitalidade do criador da psicanálise e “seu senso de humor irreprimível”. Esta ambiguidade, que aponta tanto para a vida quanto para a morte, revela a ambivalência e o paradoxo próprios do registro tragicômico e do humor negro, nesta estranha proximidade da angústia, da ironia e do riso.

IHU On-Line - Por que o humor pode ser o último véu a encobrir o horror?

Marília Lemos - Podemos observar como o humor pode ser o último véu a encobrir o horror, citando o famoso chiste de humor negro escrito por Freud, o do condenado à morte que, numa segunda-feira de manhã, ao ser levado para a execução, comenta: “É, a semana está começando otimamente.” Humor enquanto afirmação do desejo diante da adversidade e da morte. Humor lúcido e trágico, ao mesmo tempo triunfal, alegre, ou seja, o humor freudiano, em sua associação íntima com a morte é tragicômico.

IHU On-Line - Em que medida o humor freudiano é um humor trágico?

Marília Lemos - Em alguns episódios da vida de Freud, especialmente em

sua velhice, quando acometido por um câncer de mandíbula que lhe causava muito sofrimento, ou quando assistia ao advento do nazismo na Europa - todos estes momentos demonstram fino humor. Em maio de 1933, ao saber que seus livros estavam incluídos nos que seriam queimados em praças públicas das cidades alemãs e nos campi universitários, fez o seguinte comentário: “Que progressos estamos fazendo. Na Idade Média, teriam queimado a mim; hoje se contentam em queimar os meus livros”. Mal sabia ele o quanto estava sendo profético!

Numa conversa com o jornalista americano George Sylvester Viereck em 1926, Freud teria dito: *Setenta anos de existência ensinaram-me a aceitar a vida com alegre humildade... Não gosto de meu palato artificial, porque a luta para mantê-lo em função conso-me minha energia. Prefiro, entretanto, um palato postiço a nenhum; ainda prefiro a existência à extinção... Não sou pessimista, não permito que nenhuma reflexão filosófica me faça perder o gozo das coisas simples da vida*. Sábias palavras de alguém que, apesar dos sofrimentos pelos quais passou, ainda amava a vida e pode expressar, aos 71 anos, a sua criatividade e escrever sobre o valioso dom do humor para aliviar as dores da existência, pois só através dele, é possível divertir-se no infortúnio. O humor permite a inscrição da intensidade pulsional no universo das representações, ainda que em situações-limite. Permite que o sujeito afirme seu desejo contra a pulsão de morte que o habita.

IHU On-Line - Por que o humor é ético, estético e político? Poderia aprofundar essa relação?

Marília Lemos - Esta relação é bem aprofundada por Kupermann¹ (*Ousar rir*) e Birman², em *Frente e verso*: o

¹ Daniel Kupermann: psicólogo e psicanalista, doutor em teoria psicanalítica pela UFRJ. (Nota da IHU On-Line)

² Joel Birman: psiquiatra e psicoterapeuta brasileiro. Nascido em Vitória, Espírito Santo, descendente de imigrantes judeus romenos. Ele se formou em medicina na década de 1970 e efetuou sua pós-graduação em São Paulo e Paris. Birman escreveu vários livros no Brasil e na França sobre psicanálise. Atualmente ele é professor de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Instituto de Medicina Social na Universidade Estadual do

trágico e o cômico na desconstrução do poder, em Seria trágico... se não fosse cômico (Slavustzky e Kupermann). O humor é ético porque é a afirmação do desejo frente à pulsão de morte. O humor permite a inscrição da intensidade pulsional no universo das representações, ainda que em situações-limite. A essência do humor seria poupar afetos penosos. O humor possui, segundo Freud, *qualquer coisa de grandeza e elevação*, que faltam ao chiste e ao cômico: o eu se recusa a sofrer as provocações impostas pela realidade. Significa a vitória do eu sobre o mundo externo e a vitória do princípio do prazer, do modo de funcionamento do processo primário característico do inconsciente. O desejo se afirma frente à pulsão de morte e a pulsão traça novos caminhos simbólicos, encontra outros objetos de satisfação. A despeito do *triunfo do narcisismo* enfatizado por Freud, o humor denuncia o fracasso e a impossibilidade de realização das ilusões narcísicas do eu, leva a uma desidealização e desmontagem de certezas, permitindo que o desejo abra caminhos. Estamos lidando, na questão do humor, não apenas com o triunfo do eu, mas com a afirmação teimosa e rebelde do erotismo e do desejo do sujeito frente às adversidades impostas pelo destino, pelo acaso e pela morte. O caráter rebelde do humor se opõe à resignação masoquista do sujeito ante o real e os imperativos sociais.

A obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente* é, segundo Jones, a principal contribuição freudiana para a estética, entendendo-se por estética as condições nas quais a fruição de prazer torna-se possível diante das produções artísticas e culturais. O humor é estético, pois, criativo, contorna os interditos e causa prazer da ordem sublimatória. Na segunda tópica freudiana, com a formulação do conceito de pulsão de morte, o processo sublimatório é concebido como uma mudança do objeto de satisfação num circuito pulsional, como uma saída criativa do aparato psíquico, pela criação de novos objetos para a satisfação erótica do sujeito, que também

Rio de Janeiro (UERJ). (Nota da IHU On-Line)

“Se encontramos algo cômico, poderemos rir sozinhos, embora muitas vezes o passemos para frente. Mas um chiste não nos permite rir sozinhos, é imperioso passarmos para a alguém que dê uma gostosa gargalhada”

possam ser culturalmente compartilhados, sem que isto implique em renúncia à satisfação pulsional, mas sim, um processo que é movido pelo erotismo e pelo desejo.

O humor como desconstrução de poder está exemplificado por Birman com o famoso humor judaico. O judaísmo utilizou-se do humor para a sua sobrevivência, enquanto cultura minoritária e enquanto *ethos*, como forma de reação criativa ao antissemitismo. Os judeus não se colocaram numa posição de vítimas, nem de mortificação masoquista, passiva, mas opuseram-se ativamente a isto, através de uma desmontagem social promovida pelo chiste, propiciadora da circulação do desejo e abertura de novas vias de discurso. Birman diz que *Transformar a agressão mortífera em chiste e ainda gozar com o que se realiza, pelo riso que provoca, implica, para a tradição judaica, não se identificar com o agressor e esvaziar em ato, em cena social, o aniquilamento presente no gesto antissemita*. Na virada do século XIX para o século XX, quando foi escrito o livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, uma Áustria antissemita foi o palco para a criação da psicanálise. Não é por acaso que a singularidade da criatividade judaica, a qual permeia este livro recheado de piadas sobre judeus, contribuiu para a sua constituição. O humor é político,

pois que é uma forma de desconstrução, pelas beiradas, do poder instituído, para que o sujeito reafirme o seu desejo e restaure o seu direito de existir numa comunidade social. Sem perder a graça!

IHU On-Line - Como compreender a contribuição de Lacan, quando refere que o chiste é da ordem do simbólico, o cômico, da ordem do imaginário e o humor, da ordem do real?

Marília Lemos - O chiste é da ordem do simbólico, porque se dá apenas no contexto da linguagem. Com a necessidade da primeira pessoa, a que conta a piada, a segunda pessoa, de quem se fala, e a terceira pessoa, aquela que ri da piada e que a referenda e autoriza a transgressão da repressão social, o chiste é considerado um modelo para o inconsciente. A referência de Freud à terceira pessoa coloca em cena um Outro como um lugar do simbólico, do código da linguagem com toda sua polissemia e ambiguidade, além da pessoa que a encarna. Uma diferença com o cômico está justamente aí, porque o cômico não necessita desta terceira pessoa, apenas de duas: a que ri e a de quem se ri. O cômico se realiza na dimensão especular da relação narcísica do eu com a imagem do outro, seu semelhante. Há, no cômico, uma tendência ao afastamento da palavra da sua propriedade significativa e a aproximação ao puro significado: por exemplo, o pastelão na cara. O cômico pode prescindir da linguagem, uma vez que se desenvolve no registro da imagem, valendo-se do inesperado e do contraste repentino, como o que ocorre numa galeria de espelhos. Se encontramos algo cômico, poderemos rir sozinhos, embora muitas vezes o passemos para frente. Mas um chiste não nos permite rir sozinhos; é imperioso passarmos para a alguém que dê uma gostosa gargalhada.

O humor seria uma criação simbólica repentina, quando, através da surpresa e do inesperado, eclode um sentido novo. Seria, como diz Kuppermann, o marco zero da criatividade. É articulado e depende totalmente da linguagem e do deslizamento de sentido da palavra. Completa seu curso

dentro de uma única pessoa; não é necessário uma outra para a fruição do prazer humorístico. Mas quando o humor é comunicado ou compartilhado pelo humorista, sentimos o mesmo prazer que o seu. A essência do humor é poupar afetos. No humor, a pessoa que é vítima da dor, consegue suprimir este afeto penoso *in status nascendi* e obter um prazer humorístico, o humorista consegue rir de si mesmo. De um encontro faltoso com o real, o humorista escamoteia o mal-estar e cria um dito espirituoso.

IHU On-Line - O risível muda de acordo com as culturas e com a época? Nesse sentido, qual é a peculiaridade do humor de nossos dias?

Marília Lemos - Apesar de o riso humorístico ser festivo e universal, sem idade ou pátria, o risível muda de acordo com a cultura e a época. Na Antiguidade e no Renascimento, havia a tradição das festas populares, na qual o sagrado era ritualmente profanado no paganismo. Uma estética do grotesco se disseminou no realismo alemão, que conjugava o horror e o disforme com a mordacidade. O conceito de *Unheimlich* (o estranho-familiar em Freud, ou o Sinistro) remete historicamente para esta estética do grotesco. Na Modernidade, o homem já não mais sabia rir (Nietzsche), a não ser por uma gargalhada estridente que funcionava mais como um instrumento de crítica que de prazer e descontração.

Vale dizer que os temas do riso e do cômico estavam na moda, na segunda

metade do século XIX e vários autores escreveram sobre ele, antes e depois de Freud. No campo da filosofia, o livro *O riso*, de Henri Bergson, publicado originalmente em 1899 na *Révue de Paris*, obra de grande bojo teórico, era conhecido por Freud e foi incorporado e criticado por ele no seu livro de 1905. Outra foi *Komic und Humor*, do filósofo Theodor Lipps. Mas a originalidade do livro de Freud e sua contribuição maior foi inscrevê-lo como uma formação psíquica do inconsciente, destacando as dimensões do sentido e do desejo presentes na produção do chiste pelo sujeito e inseri-lo no corpo teórico da psicanálise, que estava, naquele momento, sendo constituído. O que o discurso freudiano vai enfatizar na técnica do chiste e do seu efeito humorístico são os mesmos mecanismos de condensação e deslocamento pelos quais o inconsciente se apresenta, como nos sonhos, atos falhos e sintomas.

Nos nossos dias, o tempo da modernidade líquida, segundo Zygmund Bauman³, ou da hipermodernidade descrita por Gilles Lipovetsky⁴ em A

³ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição da IHU On-Line, de 30-08-2004. Publicamos uma entrevista exclusiva com Bauman na revista IHU On-Line edição 181 de 22-05-2006, disponível para download em <http://bit.ly/agTfsn>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Gilles Lipovetsky (1944): filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O luxo eterno*, *O império do efêmero*, entre outros. Sobre o tema,

era do vazio, no qual ele demonstra que vivemos numa “sociedade humorística” em que um código e um estilo humorístico dominam desde a publicidade até a política, da moda às produções acadêmicas, da arte aos meios de comunicação em massa, em que também as relações interpessoais são caracterizadas por um clima irreverente, nada deve ser pesado ou sério ou sólido, cuja orientação é que a vida deve ser vivida de modo *cool* [legal] ou *light* [leve] ou *fun* [divertido], descontraindo, sem conflitos, sem litígios, em nome de uma do bem estar definido por uma cultura, na qual os alvos almejados são a adaptação e o sucesso pessoal. Paradoxalmente, vivemos numa cultura marcada pela depressão, um dos efeitos da descrença e da falência dos ideais universais modernos que tinham possibilitado, até meados do século XX, o engajamento dos sujeitos em projetos para o bem comum. Uma sociedade contemporânea que parece ter perdido a potência do riso, evidenciada pelo conformismo que se observa no humor cínico e no pornográfico. Resgatar a rebeldia característica do humor é resgatar as dimensões de vida que não podemos deixar esmaecer no nosso dia a dia: a graça de viver, a criatividade, o lúdico e o bom humor.

confira a edição 105 da revista IHU On-Line, edição 105, de 14-06-2004, intitulada *Moda. Luxo. Uma sociedade cosmética*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262259.25pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

O risível através dos tempos

O riso passou por diferentes concepções ao longo da história: Platão acentuava que ele desviava as pessoas da Verdade, concepção que chegou até a Idade Média, pondera Verena Alberti. No século XIX, Arthur Schopenhauer classificou o riso como veia para alcançarmos o “impensado”

POR MÁRCIA JUNGES

Para Arthur Schopenhauer, pelo riso “nos damos conta da incongruência entre a razão e a realidade. Ver a severa e infatigável razão fracassar na apreensão das infinitas nuances da realidade é prazeroso para nós e, por isso, rimos”. A reflexão é da historiadora Verena Alberti, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Esse tipo de concepção é uma ruptura, quando o riso se transforma em conceito filosófico e nos leva a “uma dimensão mais abrangente do pensamento”, já que nos faz perceber “todas as incongruências e os não ditos que fazem parte do real, permitindo-nos alcançar o impensado”. Contudo, não foi sempre essa a concepção acerca do riso. Platão afirmava que o riso afastava o homem da Verdade, ideia que atingiu vários pensadores medievais.

Verena Alberti é graduada em História, mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ é doutora em literatura pela Universidade Gesamthochschule Siegen, na Alemanha, com a tese *La pensee et le rire: etude des theores Du rire et Du risible*. É pós-doutora pela Universidade de Londres e pela Universidade de East Anglia, ambas na Inglaterra. Atualmente, leciona na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. De sua produção bibliográfica, citamos *O riso e o risível na história do pensamento* (2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e Fundação Getúlio Vargas, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o riso e o risível se apresentam na história do pensamento?

Verena Alberti - No meu livro *O riso e o risível na história do pensamento*, procuro mostrar como o riso foi pensado no Ocidente, desde Platão até hoje. É claro que há diferenças importantes, mas também continuidades. Uma das principais diferenças verifica-se a partir do século XIX, quando o riso deixa de ser apenas objeto do pensamento - algo sobre o que os filósofos em geral pensavam, tentando definir de que e por que rimos - para se transformar em conceito filosófico - algo que nos ajudaria a entender o próprio pensamento e as formas de apreender o mundo. Essa ruptura começa em meados do século XIX, com pensadores como Schopenhauer¹, por exem-

plo, para quem rimos porque nos damos conta da incongruência entre a razão e a realidade. Ver a severa e infatigável razão fracassar na apreensão das infinitas nuances da realidade, diz Schopenhauer, é prazeroso para nós e, por isso, rimos. Podemos dizer que essa forma de conceber o riso é relativamente recorrente desde então; é como se o riso nos levasse a uma dimensão mais abrangente do pensamento, porque consegue compreender - no sentido de incluir - todas as incongruências e os não ditos que fazem parte do real, permitindo-nos alcançar o impensado.

IHU On-Line - Comédia, sátira e humor são categorias particulares que nomeiam algo universal, o riso? O

influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

que as une e separa?

Verena Alberti - Mas não foi sempre assim. Platão via o riso justamente como aquilo que nos afastava da Verdade - com “v” maiúsculo -, porque seria resultado de um falso prazer. Nisso, foi acompanhado por boa parte dos textos da teologia medieval, que afirmavam que o riso nos afastava de Deus. Muitos textos medievais comprovavam essa distância pelo fato de Jesus Cristo jamais ter rido, apesar de ter sido dotado dessa faculdade, própria do homem. Que o riso é algo próprio do homem vem sendo repetido desde Aristóteles, que, aliás, reservava um lugar mais digno para a comédia do que o que Platão lhe consignava. Para Aristóteles, a comédia era a prova do caráter filosófico da poesia, pois construía seus personagens de acordo com o verossímil, ao passo que a tragédia teria como alvo os homens que realmente existiram.

Outro viés pelo qual o riso foi pensado desde a Antiguidade foi o da retórica: Aristóteles, mas principalmente Cícero e Quintiliano, entre outros, observaram os recursos que levariam uma plateia a rir e, com isso, acabaram constituindo também teorias do riso. Quintiliano tem, a meu ver, uma explicação surpreendentemente moderna do riso. Analisando duas frases idênticas que, de acordo com o contexto, podem fazer rir ou não, ele deduz que a causa do riso no contexto que faz rir “está na apresentação das coisas de uma maneira contrária à lógica e à verdade”.

IHU On-Line - O que nos faz rir?

Verena Alberti - Muitos pensadores se preocuparam com essa questão: o que faz rir? O objeto do riso é chamado de diferentes formas: o cômico, a piada, a sátira etc. Para unificá-los uso, no meu livro, a categoria “risível”, aquilo que provoca o riso. Esse objeto do riso também foi se modificando ao longo da história do pensamento ocidental: de um defeito anódino (de menor importância), passando pelo contraste ou pelo caráter moralizador do ridículo (o riso como instrumento de correção), até a incongruência entre o pensado e a realidade, ou ainda o próprio trágico, que alguns filósofos identificaram como objeto do riso.

A produção do riso no corpo e o fato de muitas vezes não poder ser contido ocuparam também alguns pensadores. Um dos mais geniais, a meu ver, foi o médico francês do século XVI Laurent Joubert, que escreveu um *Tratado do riso*, publicado em 1579. A professora Vera Cecília Machline², da PUC-SP, vem estudando em profundidade as produções de Joubert, incluindo esse seu tratado.

Espero poder ter dado uma noção geral de como o riso tem sido tratado no pensamento ocidental e do lugar de destaque que ele aí ocupa. Durante muito tempo, pensar o riso era se perguntar sobre aquilo que distinguia o homem dos animais e de Deus, que não riam. E esse enigma continua ocupando pensadores até hoje, mesmo que nossos parâmetros já não sejam os mesmos.

² Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com ela. (Nota da IHU On-Line)

A Idade Média e o riso sob um prisma moral

Considerado demoníaco, o riso no medievo possuía traços ameaçadores, perigosos e tentadores, além de satânicos, argumenta o historiador José Rivair Macedo. Renunciar aos prazeres mundanos era a exortação dada através do argumento de que Jesus Cristo jamais havia rido

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com o historiador José Rivair Macedo, “fora da esfera da Igreja, as manifestações do riso sempre estiveram presentes, nas festas, nos textos cômicos, composições musicais e imagens da cultura laica”. A análise faz parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, refletindo o riso na Idade Média. “A ideia de Cristo jamais riu, defendida por certos pensadores cristãos do início da Idade Média, como João Crisóstomo, no século V, e Jonas de Orléans, no século IX, tinha a finalidade mostrar que a renúncia aos prazeres mundanos era uma necessidade”. E complementa: “No período medieval, o fenômeno da risibilidade era encarado sob prisma eminentemente moral, de onde sua condenação”. Já a “modernidade consagrou a liberdade do riso, conferindo-lhe legitimidade como forma de expressão das emoções e dos sentimentos humanos”.

José Rivair de Macedo é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Graduado em História pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *Tolosanos, cátaros e faidits: conflitos sociais e resistência armada no Languedoc durante a Cruzada Albigense*. Obteve pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. É autor de diversos livros, entre os quais citamos *Riso, cultura e sociedade na Idade Média* (Porto Alegre: EDUFRGS/Ed. da UNESP, 2000) e *A Mulher Na Idade Média* (5. ed. São Paulo: Contexto, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Poderia contextualizar como o riso era compreendido na Idade Média?

José Rivair Macedo - Estudos realizados por pesquisadores como Mikhail Bakhtin, Georges Minois¹ e Jacques Le Goff² demonstram que, ao contrá-

¹ Georges Minois (1946): historiador francês. (Nota da IHU On-Line)

² Jacques Le Goff (1924): medievalista francês, formado em história e membro da Escola dos Annales. Presidente, de 1972 a 1977, da VI Seção da École des Hautes Études en

Sciences Sociales (EHESS), foi diretor de pesquisa no grupo de antropologia histórica do Ocidente medieval dessa mesma instituição. Entre outras altas distinções, Le Goff recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pela primeira vez atribuída a um historiador. Boa parte de sua obra está ao alcance do leitor brasileiro, como por exemplo, *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente* (Lisboa: Estampa, 1980); *Mercadores e banqueiros da Idade Média* (Lisboa: Gradiva, 1982); e *A civilização no Ocidente Medieval* (Lisboa: Estampa, 1984). Le Goff concedeu a entrevista *Roma, alimento e pa-*

rio do que se costuma pensar, a cultura cristã latina do período medieval não foi atravessada pela ideia da culpa, pecado e arrependimento, como sugerem os textos dos representantes da cultura clerical, que era majoritariamente eclesiástica. Fora da esfera da Igreja, as manifestações do riso sempre estiveram presentes, nas festas, nos textos cômicos, composições musicais e imagens da cultura laica.

IHU On-Line - Normalmente esse período é tido como lúgubre e religiosamente sério. Quais são as manifestações do riso dessa época? O que o riso naquele período ocultava e revelava?

José Rivair Macedo - Seria estranho pensar que a sociedade medieval, cujas formas de comunicação e de sociabilidade foram marcadas essencialmente pelo gesto, pela palavra e pela imagem, não tivesse reservado algum espaço às formas de expressão do risível. Os estudiosos conhecem bem as manifestações populares urbanas dos séculos XIII-XV denominadas “festas dos loucos”, onde o riso, a comilança, a bebedeira e o escárnio tinham livre curso. Origem do carnaval moderno, as “festas dos loucos” antecederam a quaresma e a Semana Santa, períodos de contrição e de resignação espiritual, e a liberação do riso e dos excessos constituíam um contraponto ao rigor moral imposto pelas normas cristãs.

De outro lado, a partir do século XII, integrantes da Igreja envolvidos com a pregação e com a educação perceberam o potencial educativo do riso, utilizando a comicidade como um recurso na transmissão de mensagens cristãs. Data deste momento o aparecimento de gêneros textuais destinados à edificação dos fiéis, como os *exempla*, contos humorísticos curtos que deviam ser inseridos nos sermões. A ideia era valer-se do riso para execrar os comportamentos condenáveis e ridicularizar os pecadores incorrigíveis.

IHU On-Line - Em que medida o riso funcionava como uma forma de resistência?

José Rivair Macedo - A ênfase da *disralisia da Idade Média* à edição 198 da Revista IHU On-Line, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/j8rsRb>. (Nota da IHU On-Line)

curso oficial cristão incidia na alma e sua necessária salvação, enquanto a comicidade e o riso enfatizavam a materialidade do corpo. Pode-se dizer que, contrariando os preceitos da renúncia, da ascese e da culpa, as manifestações de vitalidade e alegria da cultura popular medieval, sempre aberta à fantasia e evasão, ao prazer e à festividade, indica-nos que já naquele momento o riso era um veículo de expressão da liberdade.

IHU On-Line - Como podemos compreender a interdição ao riso no medievo com base na trajetória de Jesus?

José Rivair Macedo - A ideia de Cristo jamais riu, defendida por certos pensadores cristãos do início da Idade Média, como João Crisóstomo³, no século V, e Jonas de Orléans, no século IX, tinha a finalidade mostrar que a renúncia aos prazeres mundanos era uma necessidade, pois segundo tais escritores o verdadeiro riso só deveria provir do *gaudium*, da felicidade eterna no Paraíso. Na arte religiosa oficial, inscrita na estatuária das catedrais, na iluminação dos manuscritos ou na pintura mural dos afrescos, as cenas risíveis em geral estão associadas com o demônio, que, invariavelmente, mostra-se rindo. A gargalhada, expressão do excesso, da desmesura, continuou sempre a ser um gesto com conotação demoníaca, como bem lembrava São Bernardo de Claraval⁴ em 1125 no *Libro de gradibus humilitatis et superbia*. Daí em diante, passa-se a admitir

³ São João Crisóstomo (347 - 407 d. C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Bernardo de Claraval (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da IHU On-Line)

a possibilidade de que Cristo pudesse ter rido (porque tinha sido humano um dia), embora ninguém admitisse que tivesse feito. É o que defende o mestre em teologia Pedro Cantor em seu tratado moral intitulado *Verbum abbreviatum*, escrito em 1178, onde se pode ler que: “O risível ou a risibilidade é uma característica do homem, dada pela natureza. Como, então, não poderia servir-se dele? Terá, talvez, podido, mas não se lê que dele se tenha servido”.

IHU On-Line - Hoje, quais são as principais diferenças em relação à forma como o riso era encarado naquele período?

José Rivair Macedo - A modernidade consagrou a liberdade do riso, conferindo-lhe legitimidade como forma de expressão das emoções e dos sentimentos humanos. Na arte e na literatura as formas risíveis passam a ser valorizadas em gêneros específicos, como a comédia na literatura teatral, a paródia na literatura e a caricatura nas artes visuais. Ao riso está ligada a liberdade de expressão individual, e se reconhece nele um instrumento de afirmação social, cultural e mesmo política - como demonstram os estudos de Henri Bergson (*O riso: ensaio sobre a significação do cômico*), Sigmund Freud (*Os chistes e sua relação com o inconsciente*), Jean Duvignaud⁵ (*Sociologia do comediante*). No período medieval, o fenômeno da risibilidade era encarado sob prisma eminentemente moral, de onde sua condenação.

IHU On-Line - Nessesentidoqualé o “perigo” que há por trás do riso? Por que o riso assusta tanto o poder?

José Rivair Macedo - Num velho estudo composto em 1855 a respeito do significado da caricatura, Charles Baudelaire⁶ reconhecia no riso um caráter

⁵ Jean Duvignaud (1921-2007): escritor, crítico de teatro, sociólogo, dramaturgo, ensaísta, cenógrafo e antropólogo francês. Fundou várias revistas, entre elas a *Argumentos*, com o filósofo Edgar Morin, nos anos 50, e *Causa comum*, com o escritor Georges Perec e o filósofo Paul Virilio, nos anos 70. Entre outros, é autor de *Sociologia do teatro* (1965). (Nota da IHU On-Line)

⁶ Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da

demoníaco, no sentido de que sua manifestação franca representava sempre uma ameaça. O riso rebaixa, denuncia, ridiculariza a seriedade do poder, a grandiloquência dos poderosos, reduzindo-os através da caricatura. Contém algo de ameaçador, de perigoso, de tentador, de satânico. Nas palavras de Baudelaire: “O sábio treme por ter rido; o sábio teme o riso assim como teme os espetáculos mundanos, a concupiscência. Ele se detém à beira do riso assim como à beira da tentação”.

IHU On-Line - Em que medida rir é uma transgressão política?

José Rivair Macedo - O riso carrega consigo certa ambiguidade, que transpõe inclusive no uso político de formas ou expressões cômicas. A política é a mais séria, digna e elevada atividade humana, porque diz respeito à nossa essência enquanto seres humanos (gregários, coletivos). Certos temas, sobretudo aqueles relacionados com as opções de fé, com as minorias étnico-raciais e sexuais, por exemplo, não devem ser objetos de riso porque tal uso poderia ofender a liberdade, dignidade e integridade das pessoas envolvidas. É preciso saber sempre discernir a tênue fronteira entre a comicidade e a seriedade, sob pena de transformar o riso numa arma a serviço do proselitismo, do autoritarismo e do racismo. Mas em situações de opressão, rir pode vir a ser uma forma de expressão da liberdade de manifestação e, por conseguinte, uma forma de transgressão e de subversão da ordem estabelecida.

tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

- Confira outras entrevistas concedidas por José Rivair Macedo e publicadas na IHU On-Line.
- A Idade Média através do cinema. Entrevista publicada na IHU On-Line 153, de 29-09-2005, disponível em <http://bit.ly/iBANpr>
 - O riso no medievo como forma de resistência. Entrevista publicada na IHU On-Line 198, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/lsze66>

A fisiologia do riso e a “moderação” da alegria

Objeto de interesse por pensadores ao longo da história, o riso recebeu inúmeros rótulos, como verdadeiro e falso, resalta Vera Cecília Machline. Gargalhadas desenfreadas eram desaconselhadas, uma vez que também a alegria precisava ser “moderada”

POR MÁRCIA JUNGES

Desde remotas épocas o riso atraiu a curiosidade dos pensadores. No século XVI, por exemplo, havia a distinção entre o riso “verdadeiro” e “falso”. Para o médico de Montepplier Laurent Joubert, o riso “genuíno” era aquele causado sobre coisas ridículas. Por outro lado, o riso considerado “bastardo” teria como origem causas “mórbidas”, “como ruptura do diafragma, um baço enfermo ou algum desequilíbrio humoral; se não, resulta do consumo excessivo de vinho ou açafrão, ou ainda da ingestão de duas plantas lendárias: gelotophyllis e herba sardoniana, a primeira literalmente ‘folhas de riso’”. A explicação é da pesquisadora Vera Cecília Machline, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Ela explica que precisou rever a hipótese inicial de sua pesquisa de doutorado, intitulada *François Rabelais e a fisiologia do riso do século XVI: a terapêutica médico-satírica de Gargântua e Pantagruel*. Isso porque uma de suas conclusões foi a aversão de vários pensadores quinhentistas a gargalhadas desenfreadas. “Primeiramente, o riso exagerado era contrário aos preceitos médicos vigentes na época, que recomendavam moderação inclusive na alegria. Em segundo lugar, rir desbragadamente afigurava-se característico de camponeses rudes e do zé-povinho e, como tal, impróprio para integrantes da nobreza e da burguesia então nascente”. Outros temas analisados por Vera Machline são o uso de uma terapêutica do riso em hospitais, e o conceito de gelotofobia, ou seja, o medo de ser ridicularizado.

Vera Machline é graduada em Letras pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, onde também cursou pós-doutorado. Atualmente, leciona no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, nessa mesma instituição. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que o riso se destaca na história do pensamento?

Vera Machline - O riso é um assunto fascinante porque, embora já se tenha cogitado muito sobre sua natureza, ainda sabemos pouco a respeito. Ademais, rimos pelos mais diversos motivos: não só diante de uma his-

tória engraçada ou uma situação incongruente, mas também por conta de ansiedade ou alívio, surpresa ou frustração, raiva ou afeição, timidez ou desejo de esconder pensamentos pessoais - sem falar de cócegas e da ingestão de determinadas substâncias tóxicas.

Aliás, conforme apurei durante meus estudos de doutoramento, tratados sobre a arte da oratória de Cícero (106-43 a.E.C.) e Quintiliano (c. 25-c. 96) revelam que os antigos romanos já sabiam serem múltiplas as causas do riso. Adicionalmente, em virtude da preocupação dos latinos com o decoro a ser observado no uso do riso na retórica, os romanos tinham mais de uma dúzia de termos para distinguir diferentes tipos de gracejos, como, por exemplo, *facetiae*, *sal*, *urbanitas*, *iocus*, *hilaritas*, *ludo* e *acutum*.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre sátira, comédia e humor?

Vera Machline - No meu entender, a vertente satírica cultivada pelos antigos romanos ainda é um corretivo social; ou seja, um instrumento para censurar atitudes e comportamentos indesejáveis. A rigor um gênero teatral, comédia hoje se aplica até nas surpresas que a vida nos traz. Já humor, que no século XVIII designava o gracejo típico dos ingleses, aos poucos ampliou sua gama denotativa, ao ponto de agora significar qualquer estímulo cognitivo capaz de despertar divertimento ou graça. Em outras palavras, à semelhança de um prodigioso guarda-chuva, humor atualmente abarca toda sorte de modalidades sério-cômicas, jocosas e derrisórias atinentes aos mais variados gêneros retóricos, dramáticos, literários, gráficos e até musicais.

IHU On-Line - Quais as principais conclusões de sua tese de doutorado “François Rabelais e a fisiologia do riso do século XVI: a terapêutica médico-satírica de *Gargântua e Pantagruel*”?

Vera Machline - Para começar, essa tese - defendida em 1996 junto do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP - versa sobre as divertidas crônicas, hoje reunidas sob o título *Gargântua e Pantagruel*, que imortalizaram o médico humanista François Rabelais¹ (c. 1494-1533). Mais precisamente,

¹ François Rabelais Chinon (1494-1533): escritor, padre e médico francês do Renascimento, que usou, também, o pseudônimo Alcofribas Nasier. (Nota da IHU On-Line)

“Ao ler escritos do século XVI sobre o riso, surpreendeu-me a distinção de alguns autores entre riso ‘verdadeiro’ e ‘falso’”

enfoca a intenção advogada por Rabelais de “dar por escrito um pouco de alívio” a “aflitos e enfermos”, assim como a pessoas passando por aborrecimentos ligeiros, como alguém da nobreza que perdeu uma caça. Outrossim, sustenta a possibilidade de Rabelais também pretender revigorar com suas brincadeiras satíricas a sociedade de seu tempo.

Cumpramos esclarecer ainda que, como resultado da orientação escolhida, em vez de ser um estudo literário, essa tese se pautou nas diretrizes metodológicas mais recentes da História da Ciência. Isto, entre outras consequências, me levou a buscar entender como o riso era considerado na época de Rabelais e a levantar fontes quinhentistas tratando do riso, uma vez que as crônicas de Rabelais adiantam muito pouco sobre o assunto.

Ao fim, cheguei a diversas conclusões, algumas inesperadas. Dentre outras, destaca-se o fato de que o riso atraiu a curiosidade de vários pensadores renascentistas. Um motivo foi o postulado “o riso é o próprio do homem”. Citado em *Gargântua e Pantagruel*, esse axioma deriva da *Isagoge* de Porfírio² (c. 234-c. 305) às categorias lógicas de Aristóteles (384-322 a.E.C.). Outro fator parece ter sido a então recente “redescoberta” da *Poética* aristotélica, que traz no Capítulo

² Porfírio (c.232-c.304): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. (Nota da IHU On-Line)

V uma definição do risível. Mas, por ser reticente e por dizer respeito à Comédia Antiga ateniense, sua compreensão provou-se difícil. Mesmo assim, instigou vários tradutores da *Poética* a tentarem reconstruir a teoria aristotélica do móvel do riso. Como seria de se esperar, as propostas dificilmente coincidiram, haja vista que, na versão de Eudoro de Souza³, a *Poética* aristotélica define o risível como “apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor.”

Ao ler escritos do século XVI sobre o riso, surpreendeu-me a distinção de alguns autores entre riso “verdadeiro” e “falso”. Por exemplo, segundo o médico de Montpellier Laurent Joubert (1529-1582), riso “genuíno” é aquele que provém da apreensão de alguma coisa ridícula. Já o riso “bastardo” advém de sortidas causas, em sua maioria mórbidas, como ruptura do diafragma, um baço enfermo ou algum desequilíbrio humoral; se não, resulta do consumo excessivo de vinho ou açafrão, ou ainda da ingestão de duas plantas lendárias: *gelotophyllis* e *herba sardonis*. Literalmente “folhas de riso”, a primeira seria um termo de origem grega para o gênero *Cannabis*, enquanto que a segunda parece dizer respeito à espécie *Ranunculus sceleratus* Linnaeus.

Riso terapêutico

Falando de antigas lendas em voga no Renascimento, foi uma delas que me permitiu confirmar as intenções satíricas de Rabelais em *Gargântua e Pantagruel*. Trata-se da fabulosa história que associa grande sabedoria ao riso sistemático - mesmo diante infortúnios - do pré-socrático Demócrito de Abdera⁴ (c. 460-c. 370 a.E.C.), hoje

³ Eudoro de Sousa (1911-1987) foi um filósofo e professor universitário luso-brasileiro, um dos fundadores da Universidade de Brasília (UnB) e um dos primeiros professores da Faculdade Catarinense de Filosofia hoje parte integrante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Demócrito de Abdera (480 a. C. - 380 a. C.): filósofo grego sucessor de Leucipo de Mileto. Sua fama decorre do fato de ter sido o maior

melhor lembrado por ter dado continuidade ao atomismo de seu mestre Leucipo⁵ (fl. c. 430), doutrina essa que posteriormente retomada por Epicuro⁶ (341-270 a.E.C.). A história em questão é narrada num conjunto de 12 cartas anônimas, escritas entre os séculos I a.E.C. e II E.C., sugerindo que o riso de Demócrito era terapêutico por apontar falhas e encaminhar as pessoas em direção à virtude.

Uma conclusão que me obrigou a rever minha hipótese inicial foi a aversão de diversos pensadores quinhentistas a gargalhadas desenfreadas. Com efeito, diferentemente do sustentado por Mikhail Bakhtin (1895-1975) em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*, o riso acumulava mais de uma ressalva entre os intelectuais do século XVI. Primeiramente, o riso exagerado era contrário aos preceitos médicos vigentes na época, que recomendavam moderação inclusive na alegria. Em segundo lugar, rir desbragadamente afigurava-se característico de camponeses rudes e do zé-povinho e, como tal, impróprio para integrantes da nobreza e da burguesia então nascente. Como explica Joubert⁷ em seu *Traité du ris*, quando o riso “é dissoluto ou de longa duração, a garganta se abre ao máximo, enquanto os lábios são repuxados para trás em extremo [...] E, por isso, tornam-se feios, impróprios e lascivos.” Ainda segundo Joubert, posto o riso excessivo provocar o surgimento de rugas na face e em volta dos olhos, “as jovens são advertidas de evitar rir totalmente e avisadas de que podem

expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. (Nota IHU On-Line)

5 Leucipo de Mileto: filósofo grego. Tradicionalmente, Leucipo é considerado o mestre de Demócrito de Abdera e, talvez, o verdadeiro criador do atomismo (segundo a tese de Aristóteles), que relatava que uma matéria pode ser dividida até chegar em uma pequena partícula indivisível chamada átomo. (Nota IHU On-Line)

6 Epicuro de Samos: filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. (Nota da IHU On-Line).

7 Joseph Joubert (1754-1824): escritor ensaísta francês. (Nota IHU On-Line)

“Desde as últimas duas décadas do século passado, a visita de palhaços a internados em hospitais vem se tornando uma prática cada vez mais recorrente, não só no exterior como também aqui no Brasil”

envelhecer mais cedo.”

IHU On-Line - Em comparação a hoje, quais são as principais diferenças em relação à forma como o riso era considerado no século de Rabelais e Joubert?

Vera Machline - Atualmente, define-se o riso como uma expressão psicomotora de alegria, prazer ou outros sentimentos nem sempre afins, que se manifesta mediante a contração de músculos faciais, peitorais e abdominais, além de expirações curtas mais ou menos ruidosas e um ligeiro aumento dos batimentos cardíacos.

Para se compreender como o riso era considerado no Quinhentos, é necessário mencionar aqui o abecê de medicina teórica, datando do século XI ou XII, conhecido como *Isagogoge Joannitti*. Esta “Iniciação” ou “Interpretação de Joannitius” foi responsável pela longa doutrina higiênica, isto é, preventiva - ainda em vigor na primeira metade do século XIX - dos seis conjuntos de agentes “não naturais” que, apesar de exógenos, influíam na saúde. São eles: ares e lugares, movimento e repouso, comida e bebida, sono e vigília, evacuação e repleção, e as “paixões da alma”. As últimas, também chamadas “afetos da mente” e hoje denominadas emoções, eram reputadas reações passivas a acontecimentos externos, capazes de

afetar o organismo. Alegria e prazer, por exemplo, dilatariam o coração e aqueceriam o corpo. Inversamente, tristeza ocasionaria - tal como ainda se diz - “coração apertado” e “frio na barriga”.

À luz dos preceitos da *Isagogoge Joannitti*, portanto, o riso assomava uma modalidade de “não natural”. Mais precisamente, era considerado um movimento suscitado por duas ou mais emoções contrárias ou parecidas. Para Laurent Joubert, o riso genuíno seria um misto de tristeza e alegria, resultante da apreensão de algo “feito e impróprio, mas desmerecendo compaixão.” Já no entender do médico Girolamo Fracastoro⁸ (c. 1478-1553), o riso verdadeiro proviria de alegria e admiração ou surpresa. E, segundo o médico Girolamo Mercuriale (1530-1606), rir era um “exercício vocorrespiratório”.

IHU On-Line - Como se explica o valor terapêutico do riso na medicina atual?

Vera Machline - Desde as últimas duas décadas do século passado, a visita de palhaços a internados em hospitais vem se tornando uma prática cada vez mais recorrente, não só no exterior como também aqui no Brasil. A explicação para isso, na mídia especializada, não raramente se resume ao chavão “Rir é o melhor remédio”. Nada mais simplista - e equivocado! É verdade que o riso assoma um exercício aeróbico moderado, dado ativar a respiração e a circulação sanguínea, além de liberar endomorfina. Ocorre que tais palhaços (sejam eles atores profissionais ou voluntários amadores) estão longe de pretenderem levar às gargalhadas pessoas hospitalizadas. No máximo, almejam brincar com elas e distraí-las, ainda que por uns poucos instantes, da dolorida rotina hospitalar. Ademais, como visto acima, nem toda risada é salutar. Com efeito, inaugurados em fins da década de 1960 pelo psiquiatra norte-americano William F. Fry, os estudos acerca dos benefícios do riso geralmente dizem respeito à modalidade suscitada por

⁸ Girolamo Fracastoro (1478-1553): médico, matemático, geógrafo e poeta italiano. (Nota da IHU On-Line)

alegria, júbilo ou contentamento.

Diante dos dados históricos aqui mencionados (e outros mais omitidos por limitações espaciais), não deixa de ser interessante que o riso, particularmente aquele atrelado à alegria, voltou a ser valorizado com o advento (ou melhor, a reinvenção) da medicina psicossomática. Por outro lado, até a alegria, da linha de frente de um arsenal terapêutico muito antigo, passou a mero acessório paramédico, a cargo de grupos de humanização.

IHU On-Line - O humor e o riso têm um caráter rebelde?

Vera Machline - Nem sempre. Comungo com outros especialistas o fato de o humor e o riso também poderem ser usados para reforçar estereótipos, como a “loura burra”. Não faltam exemplos de lugares-comuns repisando preconceitos nos meios de comunicação...

IHU On-Line - O que vem a ser gelotofobia?

Vera Machline - Malgrado suas raízes gregas, gelotofobia é uma palavra recente que designa o medo de sermos ridicularizados - cumpre acrescentar - independentemente de o riso ser amigável ou beirando o vitupério. Meu envolvimento com o assunto deu-se em 2009, quando aceitei participar de uma pesquisa internacional, liderada pelos doutores René T. Proyer e Willibald Ruch, visando reunir dados como sexo, idade, estado civil e grau de gelotofobia. Com a ajuda de minha ex-orientanda Yara Kassab, foi feito um levantamento junto de mais de 200 moradores da cidade de São Paulo. Ao terminarmos de tabular os dados numa planilha Excel, constatei que quem tem menos propensão à gelotofobia são os mais vividos, ou seja, pessoas da assim chamada terceira idade. Concluindo, o riso é como uma “faca de dois gumes”: pode ser subversivo ou conservador, e benéfico ou prejudicial à saúde. Da mesma forma, quando cordial, aproxima as pessoas; mas se escarnevador, prontamente divide-as em vítimas e algozes.

O riso e suas interdições na sociedade

O riso é produto de uma cultura e resulta da complexidade do social, afirma Maria Generosa Ferreira Souto, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“O riso liberta o ser de tudo que oprime, do medo da limitação e do limitador”, mas nem sempre o ato de rir ou sorrir teve esta conotação. Na Idade Média, o riso tinha um caráter negativo e foi excluído dos ritos oficiais. Segundo a pesquisadora, “o riso era excludente, era interdito, pois visava somente à seriedade”.

Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Maria Generosa comenta como o riso foi compreendido ao longo da história da humanidade e enfatiza que o “ato de rir está condicionado a diversos significados determinados pelos códigos de comunicação aceitos coletivamente, pelas convenções partilhadas”. Ainda hoje, diz, o riso sofre interdições em locais de trabalho e na sala de aula, onde “rir alto, e gargalhado, é proibido, é falta de educação, é falta de princípios, é escandaloso, é vulgar”.

Maria Generosa Ferreira Souto é mestre em Letras, na área de Literatura Brasileira, e doutora em Comunicação e Semiótica. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais interdições que o riso sofreu na sociedade?

Maria Generosa Ferreira Souto - As principais interdições do riso partiram do princípio de que rir em praça pública ou em ritos oficiais da Igreja era proibido. O riso foi excluído e controlado.

IHU On-Line - Ainda hoje existem interdições ao riso? Quais são elas?

Maria Generosa Ferreira Souto - Sim. Ainda hoje há interdições do riso, uma vez que o poder e a autoridade, por exemplo, jamais impregnam a linguagem do riso. O riso liberta o ser de tudo que oprime, do medo da limitação e do limitador. Algumas das interdições, hoje, demarcam locais de trabalho em que rir alto, e gargalhado, é proibido, é

falta de educação, é falta de princípios, é escandaloso, é vulgar. Há professores que indagam a seus alunos a famosa frase: “Está rindo de quê? Parece um bobo, um palhaço”. Com isso, ocorre a discriminação, pois o aluno é tolhido de sua manifestação, de sua linguagem risível.

IHU On-Line - Quais são as maiores diferenças entre o riso medieval e o do Renascimento?

Maria Generosa Ferreira Souto - Na Idade Média, o riso era excludente, era interdito, pois visava-se somente à seriedade. Passa a se referir a caráter negativo. O riso passa a ser restrito e específico, sendo expurgado. Foi, portanto, necessário excluí-lo dos ritos oficiais. Ocorreu a necessidade de legalizá-lo e mantê-lo sob controle. Quem ri em praça pública

é prostituta ou bruxa. Portanto, rir era proibido. Deixa de ter um caráter jocoso e alegre. Na Idade Média o riso não era sensação subjetiva, individual, e, sim, sensação social, universal. É o riso da festa popular, que manifesta a vitória sobre o terror que é inspirado pelo inferno e pelo céu, pelas coisas sagradas e pela morte. E também sobre o temor inspirado por todas as formas de poder, pelos soberanos e a aristocracia social terrestre, tudo o que oprime e limita. É fato que na sociedade da Idade Média havia uma divisão bastante acentuada entre o sério e o cômico. Pode-se dizer que as autoridades, os religiosos e os senhores feudais defendiam a seriedade como atributo da cultura oficial. O cômico, por sua vez, opunha-se à cultura oficial e este valor subversivo o transformou em uma característica essencial da cultura popular.

Já no Renascimento, o riso adquire um profundo valor de concepção de mundo. Através do riso exprimia-se uma verdade a respeito do homem, da história, dos problemas universais que afligiam a humanidade. Com isso, o riso perdeu seu elo essencial com a concepção de mundo, reduz-se ao domínio do particular e do típico. Perde, portanto, seu colorido histórico.

IHU On-Line - Quais são as peculiaridades do risível hoje?

Maria Generosa Ferreira Souto - É risível aquilo que está fora do indivíduo, aquilo que ele observa nas outras pessoas ou naquilo que o rodeia. Bergson trata o risível como algo que está fora do indivíduo que observa o fato ou a ação. O riso seria uma manifestação relacionada a algo que está fora da pessoa. O riso se modifica após o Renascimento, até a contemporaneidade, tomando a forma de humor, de ironia, de sarcasmo. Em nenhum momento há citação ou referência ao “rir de si mesmo”. É possível pensar em rir de si mesmo, mas se houver um distanciamento do indivíduo e um tratamento de si mesmo como um “outro”. O indivíduo poderá rir de si mesmo se houver uma comparação com o outro, ou com um comportamento que deveria ser o correto, o adequado, o acei-

“Observei que o homem ri, é verdade, todavia não pelos mesmos motivos e circunstâncias”

to, o esperado, o justo.

IHU On-Line - Em linhas gerais, qual é a concepção do riso em Mikhail Bakhtin, Vladimir Propp, José Rivair Macedo e Bergson?

Maria Generosa Ferreira Souto - Mikhail Bakhtin: Por meio do riso e da visão carnavalesca do mundo, a seriedade é destruída e a consciência, o pensamento e a imaginação humana ficam disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades: por isso, que uma certa carnavalização da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico.

Deste modo, postula Bakhtin, que se pode dizer que o riso é uma das principais formas pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo, sobre a história, sobre o homem, assumindo “um profundo valor de concepção do mundo”.

Henri Bergson: O papel do riso é social, ou seja, o riso é produto dos costumes e das ideias de uma sociedade, por isso se nós não estivermos dentro do contexto, aquilo que é risível para alguém não será para mim. Bergson tirou do riso moderno a ambivalência encontrada nas figuras carnavalescas e grotescas, tais como a bruxa velha prenhe, representando morte e vida ao mesmo tempo.

Para José Rivair Macedo¹, o riso era, para a sociedade medieval, um bom remédio contra a opressão e um veículo de expressão de liberdade. Segundo Macedo, o riso, a comicidade e a diversão foram mantidos sob suspeitas nos textos de teólogos e moralistas, uma vez que se exigia seriedade. Ao enfatizar as glórias da vida eterna, a ética cristã medieval, incentivando

¹ Confira nesta edição uma entrevista inédita com o pesquisador. (Nota da IHU On-Line)

a renúncia aos prazeres terrenos e corporais, valorizava a continência e o rigor moral como condições para a purificação da alma, na preparação para o reencontro com Deus.

IHU On-Line - Como podemos compreender a conexão entre o riso, a transgressão e a carnavalização?

Maria Generosa Ferreira Souto - Podemos estabelecer um imbricamento entre riso, transgressão e carnavalização, porém, é necessário mostrar o significado de cada signo na humanidade. Bakhtin dizia que o verdadeiro riso não recusa o sério, ao contrário, purifica-o e completa-o: “O riso impede que o sério se fixe e isole da integridade inacabada da existência cotidiana” (BAKHTIN, 1996, p. 105). Logo, o intuito do cômico, da transgressão, na literatura, por exemplo, é de instruir e capacitar o leitor para perceber a falsidade e os defeitos do homem, funcionando como um instrumento de combate contra o autoritarismo, a intolerância e a falsa moral da sociedade. O riso significava libertação dos padrões sérios e oficiais. A liberdade do riso, para Bakhtin, era evidentemente relativa, já que seu domínio se alargava ou diminuía, mas jamais foi interdita novamente.

Já a carnavalização, para Bakhtin, caracteriza-se como a celebração do riso, do cômico. Nesse sentido, a paródia é o elemento que mais se aproxima da carnavalização, visto que subverte a ordem pré-estabelecida, pelo deboche, pela sátira da realidade. Quer dizer, a carnavalização está relacionada ao “aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso” (BAKHTIN, 1999, p. 73). O carnaval na concepção de Bakhtin é o locus privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico e fazem explodir a alteridade, o excêntrico, o lado marginal, o periférico, o excluído mesmo. Representa, portanto, a liberdade, o extravasamento de um mundo às avessas. Opõe-se ao sério, ao medo, ao dogmático, diluindo, no conjunto, os ritos, os mitos, as máscaras. É a oposição de valores por um

curto período. É a festa popular. Onde tudo é possível e aceitável.

IHU On-Line - Por que rir e sorrir são atos diferentes?

Maria Generosa Ferreira Souto - Rir é a linguagem de um ato de deboche. É uma manifestação de alegria ou mesmo de zombaria, porém, de forma extravagante e cômica. É abalar o sério e o oficial. É a (des)medida.

Sorrir é a linguagem que envolve um estado de espírito. É sinônimo de felicidade, de plenitude, de agradecimento, de racionalização. Sorrir é um gesto suave de contentamento, de respeito.

IHU On-Line - Poderia enumerar os tipos de riso que existem? O que essa amplitude de tipos de riso demonstra sobre o risível?

Maria Generosa Ferreira Souto - Levarei em conta os vários tipos de Riso, deixando vazios para que se faça, posteriormente, estudos pertinentes acerca de cada tipo mencionado e em que circunstâncias são manifestados: Riso

zombeteiro, Riso gargalhado, Riso de leite, Riso de prazer, Riso de bruxaria, Riso de loucura, Riso de dor, Riso amargo, Riso triste, Riso trágico, Riso irônico, Riso hipócrita, Riso disfarçado, Riso sarcástico, Riso sardônico, Riso soberbo, Riso despudorado, Riso bastardo, Riso genuíno, Riso alegre, Riso de saudação, Riso de desprezo, Riso de humor, Riso terapêutico, Riso cômico, Riso virtual, Riso caricatural, Riso cultural, Riso caipira, Riso subversivo, Riso romântico, Riso malicioso, Riso insinuante, Riso erótico, Riso sensual, Riso perverso, Riso de deboche, Riso indignado, Riso sereno, Riso burlesco, Riso ambíguo, Riso doce, Riso mímico, Riso amarelo, Riso escandaloso, Riso espetaculoso, Riso tolo, Riso cordial, Riso indulgente, Riso tímido, Riso amável, Riso amigável, Riso hostil, Riso sincero, Riso terno, Riso triunfante, Riso justificativo, Riso infantil, Riso embaraçado, Riso festivo, Riso grosseiro, Riso popular, Riso grotesco, Riso carnavalesco, Riso gratuito, Riso infernal, Riso excêntrico, Riso inteligente, Riso

significativo, Riso sem-vergonha.

A partir desta morfologia, depreendi que o riso é produto de uma dada cultura, resultando da complexidade do social. Observei que o homem ri, é verdade, todavia não pelos mesmos motivos e circunstâncias. Conforme Sodré (1974), nem tudo é motivo de riso para todos os homens e, por isso, faz-se necessário reconhecer condicionamentos socioculturais em diferentes grupos humanos ligados à expressão de formas de poder e de crítica social.

Bergson ressalta, portanto, que o riso é um ato fisiológico, resultante da contração dos músculos faciais de acordo com a oscilação de emoções ou de abruptas modificações no estado de espírito dos indivíduos, sendo, portanto, um ato social.

É válido ressaltar que o ato de rir está condicionado a diversos significados determinados pelos códigos de comunicação aceitos coletivamente, pelas convenções partilhadas. Logo, o homem não é apenas “um animal que ri”, mas também um “animal que se faz rir”.

ObservaSinós - Oficina sobre os dados censitários 2010

da Região do Vale do Sinós

Ministrantes: Prof. Ademir Barbosa Koncher,

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Data: 24/8/2011

Horário: das 14h à 17h

Informações em www.ihu.unisinos.br

As raízes do riso e a ética emocional brasileira

Experiência humana diversificada, o riso popular permitiu o surgimento do humor como arma política contra a repressão, criando produções ambíguas, não inocentes e espécie de “espelho da sociedade, embora distorcido”, frisa o historiador Elias Thomé Saliba

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com o historiador Elias Thomé Saliba, o riso brasileiro nasceu “para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história brasileira; ela misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o universo tácito da convivência personalista construiu-se uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, naqueles efêmeros momentos de riso, a sensação de pertencimento que a esfera política lhe subtraía”. Assim, as raízes do riso em nosso país estão ligadas a essa “ética emocional”. A criação da linguagem humorística por aqui deve ser compreendida a partir da “abertura proporcionada pela imprensa moderna, juntamente com uma crise de valores culturais, no plano mundial - e, no caso brasileiro, as expectativas geradas pelo advento da República”. Saliba acentua que “a produção humorística é um espelho no qual as sociedades podem mirar-se - mesmo quando as piadas sejam vistas como ‘ruins’ ou de ‘mau gosto’”.

E completa: “Tudo indica que pelo humor, o brasileiro apropriava-se, por momentos, do espaço público, que lhe era negado pelo poder republicano nas suas mais variadas e perversas formas de exclusão social”. Espécie de arma política contra o poder repressivo, o riso entre os brasileiros adentra até os territórios santos: Thereza de Lisieux aqui é chamada de Santa Terezinha. “Usamos de diminutivos para quebrar hierarquias e tornar tudo próximo, porque temos horror das distâncias sociais, que são enormes. Não conseguimos ver o mundo sem emoção, distinguir o público do privado. Vem das nossas raízes ibéricas. O brasileiro não resiste muito à seriedade”. As declarações foram feitas por e-mail à IHU On-Line.

Elias Thomé Saliba é professor titular de Teoria da História na USP, historiador especializado em História Cultural, com foco na história do humor e das formas cômicas. Entre suas publicações mais importantes estão os livros *Raízes do riso* (3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008) e *As Utopias Românticas* (2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004); organizou as coletâneas, *História e Música no Brasil* (São Paulo: Alameda, 2010) e *História e Cinema; dimensões históricas do audiovisual* (São Paulo: Alameda, 2008); escreveu ainda os capítulos “A dimensão cômica da vida privada na República”, que integra o vol. 3 da *História da Vida Privada no Brasil* (12. ed., Cia. das Letras, 2010) e “Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana”, que integra o vol. 3 da *História da Cidade de São Paulo* (São Paulo: Paz e Terra, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as raízes do riso na representação humorística do dilema brasileiro? O que é esse dilema?

Elias Thomé Saliba - Foi exatamente esta a questão que me formulei durante todo o tempo da pesquisa, que durou mais de cinco anos e originou o livro *Raízes do riso*. No livro procuro mostrar que o humor não produz identidade, pelo contrário, ele questiona, pela sátira, as falsas identidades, que sempre estiveram comprometidas com

o poder. Aliás, esta é a grande questão do livro: por que representar o país, os brasileiros, a sociedade e a história na forma efêmera e passageira de uma piada?

Uma resposta já se mostrava no quadro geral da história do país: porque que a história brasileira não cria e não criou nenhuma identidade autêntica e duradoura, ela apenas ajudou a segregar, a isolar a maior parte da população - não criou espaços públi-

cos - tudo isto se acentuou na *Belle Époque* brasileira, após a Abolição e a República, que prometeram muito e, na realidade, realizaram pouco ou quase nada.

Em muitos casos, o riso brasileiro nasceu assim, como que para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história brasileira; ela misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o

universo tácito da convivência personalista construiu-se uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, naqueles efêmeros momentos de riso, a sensação de pertencimento que a esfera política lhe subtraía. O livro todo é sobre isto e seu título foi colocado de propósito.

Com uma inspiração oblíqua no clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda¹, *Raízes do riso* sugere, numa interpretação mais libertária da obra desse autor, que as raízes históricas devem ser bem conhecidas para serem melhor extirpadas, já que a representação humorística do mundo, implícita na cultura brasileira, é uma invenção histórica e, tal como a vida, ela pode ser modificada, reinventada, transformada.

Mas, não é um retorno puro e simples ao “homem cordial” que está em *Raízes do Brasil*. Nunca é demais lembrar que Sérgio Buarque de Holanda sempre ressaltou que ele utilizava a metáfora do cordial no seu verdadeiro sentido, ou seja, relacionado ao coração - a sede dos sentimentos, e não apenas dos bons sentimentos -, ora as raízes do riso brasileiro estão relacionadas a esta ética emocional.

IHU On-Line - Quais são as maiores diferenças entre o humor da *Belle Époque* brasileira àquela dos primeiros tempos do rádio?

Elias Thomé Saliba - As coisas não devem ser colocadas apenas sob a forma de diferença. Há vários anos realizando pesquisas na área de História do Brasil no começo da República, chamou-nos a atenção a quantidade da produção cômica brasileira, muito superior a de outros países neste período conhe-

1 Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-08-2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003, disponível em <http://bit.ly/iYypBD> Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/jwktif> (Nota da IHU On-Line)

cido como *Belle Époque* (cobrindo as duas décadas finais do século XIX até o fim da I Guerra Mundial, em 1918). Daí meu esforço por tentar entender como nasceu a linguagem humorística brasileira. A *Belle Époque* foi a época que viu nascer o jornalismo moderno. Foi neste período que, no Brasil, surgiram as revistas semanais ilustradas, que continham seções fixas de humor e de caricaturas e, ainda, de publicidade. Este último aspecto também foi importante porque a grande maioria dos humoristas brasileiros criou anúncios publicitários. Em termos mundiais, a *Belle Époque* foi uma espécie de resumo do que seria o século XX, com todas as benesses da Revolução Tecnológica mas também com todas as tristes perversidades, anunciadas pela guerra de 1914.

A abertura proporcionada pela imprensa moderna, juntamente com uma crise de valores culturais, no plano mundial, e, no caso brasileiro, as expectativas geradas pelo advento da República é que possibilitaram a criação de uma peculiar linguagem humorística brasileira. Esta linguagem múltipla, variada, concisa e eclética - porque misturava música, anúncios publicitários, dança e marchinhas de carnaval, cantadas no teatro de revista - transfere-se, com poucas adaptações, para o rádio, nas décadas de 1930/1940. O humorista brasileiro típico era alguém que já tinha um pé na cultura verbal mais culta e um outro pé numa cultura mais popular - daí sua capacidade de produzir um linguagem humorística compreensível a todos.

IHU On-Line - Sob quais aspectos o humor é expressivo da época em que é produzido?

Elias Thomé Saliba - O humorista faz um retrato instantâneo e efêmero da história das sociedades, mas nem por isso, menos verdadeiro. A anedota colocada na abertura do livro - um inglês, um francês e um alemão descrevendo um camelo (a qual eu acrescentei também um brasileiro) - mostra que quase toda piada (não apenas as chamadas “piadas étnicas”) exige uma espécie de cultura silenciosa para o seu completo entendimento. A produção humorística é um espelho no qual

as sociedades podem mirar-se, mesmo quando as piadas sejam vistas como “ruins” ou de “mau gosto”.

Outra das teses centrais do livro é que quando o rádio brasileiro, nos seus primeiros tempos, precisa de uma linguagem rápida, concisa, feita daquelas palavras “portáteis à memória” na expressão de Bastos Tigre (humorista do começo do século XX, criador de lemas famosos, como “Se é Bayer é bom”) - ele vai encontrá-la na produção humorística. Agora, não se pense que é uma linguagem “cult”. Pelo contrário, é uma linguagem que surge da mistura das duas culturas: uma mais culta e a outra mais “popular”. É por isto que chamei a linguagem humorística brasileira quase da mesma forma que Mário de Andrade² chamou a autêntica música brasileira: o “ruim gostoso”.

Mas, afinal, por que tanta produção humorística? O livro sugere a existência, no Brasil, de uma espécie de cultura tácita, silenciosa - embora hipócrita - de ampla aceitação daquela música ritmada e daquele humorismo impertinente, talvez porque tais elementos já faziam parte da vida cotidiana de cada um. Ninguém admitia publicamente gostar do samba ritmado, herdado do “maxixe desavergonhado”, das piadas de caipiras ou das anedotas obscenas. Mas dificilmente resistia à sedução de tamborilar com os dedos, chacoalhar os pés ou ouvir e difundir, ao pé do ouvido, “a última piada”. Parece que a sociedade delegava aos humoristas, os “palhaços por um dia” ou “engraçados arrependidos”, a representação, em relances rápidos e efêmeros, desses desejos sutilmente recalcados ou encobertos. Tudo indica que, pelo humor, o brasileiro apropriava-se, por momentos, do espaço público, que lhe era negado pelo poder republicano nas suas mais variadas e perversas formas de exclusão social.

2 Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador e crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, ele praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada*, em 1922. Andrade exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso - foi um pioneiro do campo da etnomusicologia - sua influência transcendeu as fronteiras do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Uma inovação do humor em nossos dias é o programa jornalístico CQC. Como compreender que se pode informar através do humor?

Elias Thomé Saliba - Aquilo não é um programa jornalístico, é um programa humorístico. Agora, se o público entende que é um programa jornalístico - isto diz muito sobre o público que o assiste. Ou seja, continua sendo um público que só consegue lidar com a informação no tom da galhofa - estamos, de novo, em pleno país da piada pronta.

IHU On-Line - Há um humor tipicamente brasileiro, uma linguagem dessa natureza que nos diferencia dos demais países?

Elias Thomé Saliba - Eu acho que é difícil definir uma vocação típica do humor, não só brasileiro, mas de qualquer outra cultura, porque o humor é uma modalidade de experiência tão diversa, tão multifacetada, que é difícil teorizar sobre ele. Mas eu arrisco: eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de “canto paralelo”. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real. Eu me lembro aqui, por exemplo, da frase do Paulo Emilio Salles Gomes³ analisando o Mazaropi⁴ e a chanchada: ele dizia que nossa capacidade paródica resulta “daquela nossa incapacidade criativa de copiar...” Eu acho que isso tem a ver com a nossa história brasileira, porque, se a realidade já é engraçada, basta que façamos uma paródia do real. Eu vou citar um exemplo de que eu gosto muito e que está narrado em detalhes no meu livro: em 1912, quando se abriu a Avenida Central no Rio de Janeiro, durante a grande reforma urbana que a cidade sofreu, o único prédio que ruiu por erro de cálculo foi o do Clube de Engenharia. Ao viajante alemão, que contaram a mesma história, ele perguntou: “Mas isto é uma piada?” Resposta: “Não é uma piada. É um fato. Aconteceu realmente”. E aí vem o dilema: se a realidade já é

3 Paulo Emilio Sales Gomes (1916-1977): historiador, crítico de cinema e militante político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

4 Amácio Mazaropi (1912-1981): ator e cineasta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

engraçada, não há contraste para produzir o senso de humor...

Experiência humana diversificada

O humor, em geral, é um dos mais elevados instrumentos de comunicação. Rir aproxima as pessoas, provoca suas emoções e mobiliza suas mentes - além, é claro, de aliviar a tensão. Isto é universal. Basta ver alguns ditados folclóricos que são comuns a todos os povos, tanto ocidentais como orientais, e que existem, com pequenas alterações, em todas as línguas - como “O mais perdido dos dias foi o dia em que não se riu”, ou “Quem não sabe sorrir, não deve abrir uma loja.”

Como produção cultural, o humor exerceu um papel importante em várias sociedades e em várias épocas. Tanto na Antiguidade quanto no período medieval, o humor era mais difuso por não existir ainda uma separação entre as esferas pública e privada. A comédia originalmente era um evento no qual todos participavam e todos riam em conjunto. Quando a modernidade cria propriamente uma esfera pública - o que ocorre, na história ocidental, entre os séculos XVII e XVIII - é que o humor se fortalece como uma das mais disseminadas e universais formas de comunicação, já que todos os comportamentos humanos ganham repercussão coletiva (pública), suscitando reações emocionais (que incluem, é bom que se digam, tanto o choro quanto o riso).

Mas o riso é uma experiência humana tão diversificada que não necessariamente ele resulta sempre do “bom humor”. Portanto, como ele é uma experiência extremamente rica e variada, ele se liga a muitos aspectos da vida humana. É impossível enumerar todos. Por exemplo, o humor seduz? Sim, primeiro porque ele tende a produzir intimidade e proximidade. Neste sentido, rir é como almoçar ou jantar juntos - em certos casos, favorece até a aproximação sexual.

Lembrar, portanto, que o humor - sobretudo o humor que nasceu com o século XX - possui uma fortíssima vocação para a ambiguidade: se uma piada agrada e gratifica alguns, ela acaba por

ferir outros. Não há remédio. Se fui eu quem escorreguei na casca de banana, eu não vou rir... Se o escorregão for de alguém que tem poder (político, pessoal ou qualquer outro), ele não só não vai rir, como vai proibir os outros de rirem.

IHU On-Line - Em que medida rir é uma transgressão política? Nesse sentido, como podemos compreender o papel das charges e, recentemente, daquelas feitas saudando a morte de Bin Laden?

Elias Thomé Saliba - A esfera política sempre foi motivo de chacota porque as pessoas que participam da vida pública são iguais a todas as outras no plano individual. Esta diferença suscita ambiguidades que constituem o motor do riso e da piada. Hoje, a esfera política é mais sujeita à chacota e ao riso cínico talvez porque os grandes projetos políticos de transformação social mostraram-se utópicos e falharam. Numa época de crise de utopias, as sociedades regridem emocionalmente à sátira, à derrisão e ao humor. As pessoas riem das desgraças alheias, mas também das próprias desgraças. A produção humorística é ambígua. É o “doa a quem doer”. Não é inocente, é um espelho da sociedade, embora distorcido.

No caso brasileiro tudo isso é muito mais forte porque o que caracteriza a história brasileira é a eterna confusão entre as esferas pública e privada e nossa vocação - que, gradativamente, temos esperança de superar - para tratar tudo emocionalmente, reduzindo as distâncias sociais. Chamamos esta vocação de síndrome de Santa Tereziinha. A santa francesa Thereza de Lisieux⁵, transforma-se aqui em Tereziinha - ou seja, até os santos partilham de nossa vida privada, tornando-se mais próximos de nós. Usamos de diminutivos para quebrar hierarquias e tornar tudo próximo, porque temos horror das distâncias sociais, que são enormes. Não conseguimos ver o mundo sem emoção, distinguir o público do privado. Queremos transformar o público numa coisa nossa, pessoal. Vem das nossas raízes ibéricas. O brasileiro

5 Teresa de Lisieux (1873-1897): religiosa carmelita francesa e doutora da Igreja. É conhecida como Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face ou, popularmente, Santa Teresinha. (Nota da IHU On-Line)

não resiste muito à seriedade. Quanto Ayrton Senna morreu, em menos de 24 horas já circulavam anedotas.

Por outro lado, o humor, por mais agressivo que seja, incentiva a sociabilidade, sublima a agressão, administra o cinismo e, em alguns casos, estiliza a violência, dissolvendo-a no riso. “Fiquem tranquilos: nenhum humorista atira para matar”, diz Millôr Fernandes⁶.

Um efeito libertador

Mas o riso também é a arma social dos impotentes. No decorrer da história, o próprio riso popular permitiu que se criasse, cada vez mais, uma cultura da divergência, ativa e oculta, mostrando como o humor se tornou uma arma política importante contra os regimes repressivos. Se não se pode mudar a história real, muda o sentido dela. O riso, a piada é essencialmente alteração de sentido, reversão de significado.

No caso brasileiro, humor e riso compensam também a falta de identidade. Uma sociedade mal costurada, que sempre praticou a exclusão. Brasileiros só se sentem brasileiros em momentos emocionais, rápidos e circunstanciais - quando toca o Hino Nacional, tem jogo da Seleção. O humor funciona como o Carnaval e o futebol para o brasileiro ter este momento de identidade.

Para os indivíduos, a disposição de rir das tolices da humanidade sempre foi considerada pela medicina como um meio de preservar a saúde (aliviar o excesso de bÍlis ou de adrenalina que, em excesso, produz a melancolia e as doenças). Talvez isto funcione para a sociedade brasileira também. É o rir para não chorar. Porque as pessoas que ríem das piadas guardam resÍduos de emoções que lhes vão permitir rir das maldades, dos preconceitos e das falcatruas reais. Quando as pessoas não ríem é pior, pois os ressentimentos são recalcados, o que talvez explique porque o humor, sob quaisquer de suas formas - pela graça ou pela inteligência -, tenha um efeito libertador.

⁶ Millôr Fernandes: desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro. Em 1968 começa a trabalhar na revista *Veja*, e em 1969 torna-se um dos fundadores do jornal *O Pasquim*. (Nota da IHU On-Line)

O riso como arma e libertação

Rir de si mesmo tem um efeito libertador, além do fato de que o riso faz com que o homem mostre seus dentes, movimento físico que expressaria agressividade, observa Henrique Rodrigues. Millôr Fernandes, muito antes dos blogs e Twitter, já exercia uma escrita direta, cujo tema central é o humor

POR MÁRCIA JUNGES

Muito antes do advento dos blogs e do Twitter, Millôr Fernandes já praticava uma escrita concisa e direta. Falou, inclusive, que o humorista “não atira para matar”. Ao assumir isso, Millôr “tem consciência de que o humor em si não resolve os problemas da sociedade, mas ajuda muito a descortinar os absurdos que tentam se esconder sob certa seriedade da vida brasileira”. A constatação é de Henrique Rodrigues, na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*. Segundo o pesquisador, “rir de si mesmo é um tipo de libertação”. E completa: “Rindo, o homem mostra os dentes, e há pesquisas que associam esse movimento físico do rosto ao instinto de agressividade. O riso, portanto, é uma arma”. Mas é preciso haver limites, pondera Henrique: “O humor é social, sempre. E como toda situação social, existem limites morais e éticos”. Além disso, com a internet, hoje qualquer pessoa pode se expressar humoristicamente através de um sÍtio, podendo ser uma espécie de bobo da corte. “Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo.”

Henrique Rodrigues é formado em Letras pela UERJ, com especialização em Jornalismo Cultural pela mesma instituição. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com dissertação sobre o humor político na obra de Millôr Fernandes. Atualmente é doutorando, na PontifÍcia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Literatura. É autor da dissertação *Millôr Fernandes: a vitória do humor diante do estabelecido*. Trabalhou como assessor técnico em literatura do Sesc Nacional, coordenando projetos de incentivo à leitura, e como superintendente pedagógico da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha com curadoria de programação na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. É autor de sete livros de literatura, entre infantis, juvenis e contos, e participou de várias antologias. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Aristóteles afirmou que “o homem é o único animal que ri”. Millôr Fernandes completou a sentença ao dizer que “é rindo que ele mostra o animal que é”. O que está por trás do mecanismo do riso que nos torna paradoxalmente diferentes e iguais aos animais?

Henrique Rodrigues - Essa famosa afirmativa de Aristóteles está no livro *Par-*

tes dos animais, uma obra de biologia, e não sobre estética, poética, retórica ou política. Na verdade, essa interpretação da frase segundo a qual “o riso faz parte da essência humana” pode ser um pouco exagerada. Acredito que Aristóteles tivesse até uma opinião semelhante à de Platão¹, para quem era

¹ Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até

impossível pensar que os deuses pudessem rir, e provavelmente deixaria os comediantes do lado de fora da República, ao lado dos poetas líricos. Na *Poética*, por exemplo, Aristóteles afirmou que a tragédia revelava os homens melhores do que são, enquanto a comédia os mostrava piores. A frase do Millôr teria mais esse sentido de assumir a essência humana e crua, animalésca, contida na atitude de rir. Rindo, o homem mostra os dentes, e há pesquisas que associam esse movimento físico do rosto ao instinto de agressividade. O riso, portanto, é uma arma. Mas o próprio Millôr diz que humorista não atira para matar. Voltando a Aristóteles, ele assume que a comédia mereceria um estudo à parte. Porém a existência dessa obra ainda é hipotética. Umberto Eco, em *O nome da rosa*, supõe que o livro era temido pelos clérigos medievais, devido ao poder libertador do riso, e por isso o mantinham (o livro e o riso) confinado.

IHU On-Line - Pensando na obra de Millôr Fernandes, de que forma o humor se constitui numa expressão literária? Além disso, como sua obra ajudou e ajuda a questionar verdades estabelecidas?

Henrique Rodrigues - A obra do Millôr cobriu a maior parte do século XX e está aí nesse início de século XXI. É preciso observar que ela sempre foi muito avançada em vários aspectos. Ele utilizou recursos de poesia concreta bem antes dos concretistas, foi um dos primeiros a usar computadores como ferramentas de criação. Aliás, há décadas pratica uma escrita concisa e direta bem típica de blogs e Twitter, cujos formatos são alardeados como “novos suportes”. Millôr é escritor, dramaturgo, artista plástico, roteirista, caricaturista e tantas outras coisas, exercendo todas não só com brilhantismo e originalidade, mas

hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

“Henri Bergson, no seu clássico ensaio *O riso*, disse que numa sociedade composta só por inteligências todos estariam rindo”

também uma imparcialidade rara. Essa irreverência (com o sentido mesmo de não se curvar) permite que ele passe pelas mais importantes publicações com a mesma postura, utilizando o humor como uma ferramenta de questionamento social. Ao assumir que não atira para matar, ele tem consciência de que o humor em si não resolve os problemas da sociedade, mas ajuda muito a descortinar os absurdos que tentam se esconder sob certa seriedade da vida brasileira.

IHU On-Line - Millôr foi um dos fundadores de *O Pasquim* e colaborador da *Revista Bundas*. O que esse tipo de humor mostra sobre a relação entre transgressão humorística e política?

Henrique Rodrigues - Como Millôr sempre publicou em jornais e revistas, a rotina política brasileira se tornou um assunto predominante. *O Pasquim* foi um dos pontos altos da história do humor brasileiro, e também para a imprensa como um todo, pois eles deram graça e liberdade às redações, às entrevistas, e especialmente ao modo como driblar as dificuldades (no caso, a censura era a maior delas). O Millôr, felizmente, sempre pegou no pé dos políticos. Lembro-me do caso do Figueiredo² e sua fixação por cavalos (“Enfim, um presidente *Horse-Concours*”);³ Sarney⁴ e sua pretensão

2 João Batista de Oliveira Figueiredo (1918-1999): ditador militar e político brasileiro, o 30º presidente do Brasil, de 1979 a 1985. (Nota da IHU On-Line)

3 FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a Bíblia do caos*, p. 231. (Nota do entrevistado)

4 José Ribamar Sarney de Araújo Costa (1930): político e escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, tendo sido o 31º Presidente do Brasil, de 1985 a 1990, Governador do estado do Maranhão de 1966 a 1971, e Presidente do Senado Federal de 1995 a 1997, 2003 a 2005, de 2009 a 2011 e de 2011 até a atualidade. (Nota da IHU On-Line)

literária (“Assim que saiu da posse na Academia, Sir Ney se reuniu, feliz, com um grupo de militares: está convencido de que fardão é o aumentativo de farda”); Collor⁵ e a figura do atleta (“Não só tem aquilo roxo como é pau pra toda obra e está sempre com o Cooper feito”); a suposta soberba intelectual de Fernando Henrique⁶ (“O único intelectual que se acha mais inteligente do que ele próprio”) e por aí vai. Cada escândalo político tem sido devidamente acompanhado e comentado, e o humor, por ser um texto prazeroso e trazer uma nova perspectiva sobre um mesmo fato, consegue muitas vezes chamar mais a atenção do que a notícia convencionalmente publicada. A subversão é, no caso, tão importante quanto a versão.

IHU On-Line - Particularmente no Brasil, há uma forte contestação e crítica à política via humor. Qual seu ponto de vista sobre a forma como o humor vem lidando com essa questão hoje?

Henrique Rodrigues - Há uns anos, um deputado apresentou um projeto de lei para punir quem abusasse de estrangeirismos, principalmente nos meios de comunicação. Haveria uma multa, de cerca de 30 mil reais, por exemplo, para uma placa com um termo em inglês. O Millôr publicou um texto em que dizia “Que idioleite!” Isso rendeu bastante. O deputado processou o Millôr por “comprometimento da honorabilidade”. O projeto não colou, claro. Mas isso demonstra como o humor está atento às tentativas de cerceamento da liberdade. Mas em relação ao humor hoje, vejo que a internet tem

5 Fernando Affonso Collor de Mello (1949): político, jornalista, economista, empresário e escritor brasileiro, tendo sido o 32º Presidente do Brasil, de 1990 a 1992, prefeito de Maceió de 1979 a 1982, Deputado federal de 1982 a 1986, Governador de Alagoas de 1987 a 1989, e Senador por Alagoas de 2007 até a atualidade. (Nota da IHU On-Line)

6 Fernando Henrique Cardoso (1931): conhecido popularmente como FHC, é um sociólogo, cientista político e político brasileiro. Professor Emérito da Universidade de São Paulo, lecionou também no exterior, notadamente na Universidade de Paris. Foi funcionário da CEPAL, membro do CEBRAP, Senador da República (1983 a 1992), Ministro das Relações Exteriores (1992), Ministro da Fazenda (1993 e 1994) e presidente do Brasil por duas vezes (1995 a 2002). (Nota da IHU On-Line)

sido um dos veículos mais importantes, e as possibilidades aumentam junto com os formatos. No entanto, os próprios conteúdos, assim como os suportes, surgem e desaparecem muito rapidamente. Em termos gerais, o humor deixou de ser político como era na época da ditadura, e se tornou mais comportamental. E como o comportamento se dissipa e/ou se move cada vez mais rapidamente de um assunto para outro, o humor acompanha e, muitas vezes, se torna mais banal. Por consequência, torna-se menos sardônico e contestador.

IHU On-Line - Identificar-se com situações cômicas é um dos fatores que aproxima o público com o humorismo. Por que as pessoas procuram essa caricatura de si próprias na alteridade, nesse outro que é tão igual e diferente de si mesmas?

Henrique Rodrigues - Rir de si mesmo é um tipo de libertação. Henri Bergson⁷, no seu clássico ensaio *O riso*, disse que numa sociedade composta só por inteligências todos estariam rindo. As pessoas se identificam com situações cômicas porque se veem nelas, mas ao mesmo tempo sabendo que não estão passando por aquela situação. As *sitcoms* (comédias de situação) mais cultuadas, como *Seinfeld*, mostram o politicamente incorreto em que todos nós nos metemos várias vezes nas situações sociais, e também por isso atraem tanto. Mas há nesse processo um certo distanciamento, pois o exagero, a caricatura impedem uma identificação total. Segundo alguns estudiosos, essa lacuna seria justamente a grandeza do humor. Uma coisa é ser o outro, outra é fingir ser o outro. No caso do humor, esse fingimento está sempre evidente, como se na relação de alteridade existisse

“Como existe essa indústria do riso, e inclusive qualquer pessoa pode abrir um sítio e se expressar humoristicamente, todos nós podemos ser o bobo da corte. Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo”

um alerta: “Ok, estou exagerando, mas você é assim e age assim”.

IHU On-Line - Na Antiguidade existia a figura dos bobos da corte, cuja função era fazer o rei rir. Qual é a grande mudança do humor daqueles tempos para os nossos dias?

Henrique Rodrigues - Essa figura do bobo da corte, ou jester, era um personagem bastante paradoxal que criticava os poderosos diretamente, sem que os mesmos se sentissem atingidos. Caso aceitassem a jocosidade e respondessem seriamente, estariam se denunciando, aceitando como verdadeiras as acusações feitas pelo bobo, *a priori*, sem intenção de um ataque concreto. Isso porque o bobo da corte não era considerado um membro da sociedade, mas alguém de fora, com uma crítica anárquica e sem valor destrutivo. Antes, sua crítica apontava para o que destoava das convenções sociais - das quais ele não participava. No fundo, ele acabava por ser um elemento mantenedor do controle social disfarçado de entretenimento. Hoje, talvez o humor seja um grande entretenimento em si, respondendo até por categorias industriais, como nas comédias do cinema, do teatro, das *sitcoms*, que finalmente estão emplacando na TV brasileira, dos sítios de humor, alguns largamente

acessados diariamente. Como existe essa indústria do riso, e inclusive qualquer pessoa pode abrir um sítio e se expressar humoristicamente, todos nós podemos ser o bobo da corte. Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo. Recentemente, a assessoria da presidenta Dilma divulgou que ela se divertiu ao assistir um vídeo de uma imitação que circula pela internet. Se tiveram o trabalho de informar que ela achou graça e não teve medo da paródia, fica parecendo que foi mais uma intenção de mostrar que Dilma é exceção, o que confirma a regra.

IHU On-Line - Existe humor de mau gosto e humor de bom gosto? O que os diferencia?

Henrique Rodrigues - Claro que sim. O humor é social, sempre. E como toda situação social, existem limites morais e éticos. Lembro-me de uma situação: em 2001, eu estava nos EUA e, logo após os atentados às Torres Gêmeas, os humoristas do *Saturday Night Live*, o programa de humor mais famoso de lá, tiveram um cuidado muito grande ao apresentar o primeiro programa após a tragédia. O Bush estava no ar e logo no início os apresentadores perguntaram: “Podemos fazer humor, presidente?”. Isso demonstra a preocupação em não sair da medida e abordar temas de forma irresponsável. De todo modo, o contexto é que determina essa medida. Mesmo porque os atentados de 11 de setembro se tornaram um assunto largamente utilizado no humor nos anos seguintes.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Henrique Rodrigues - Não. Ou melhor: sim. É preciso rir. Diz-se que rir é o melhor remédio, ao mesmo tempo em que é uma demonstração de infantilidade (muito riso, pouco siso). Esses paradoxos fazem do assunto algo muito interessante de se pesquisar, escrever ou até mesmo em conversas informais. Creio que o senso de humor é uma grande manifestação de humildade e virtude.

⁷ Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da *IHU On-Line*, de 24-09-2007, A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois, disponível para download em <http://migre.me/Jzy0>. (Nota da IHU On-Line)

Uma vacina contra o desespero

Mesmo que não faça revoluções, o riso estremece as bases do poder autoritário, revela nossa incompletude existencial e pode tornar nossa existência mais leve, pondera o psiquiatra e psicanalista Abrão Slavutzky

POR MÁRCIA JUNGES

“O humor aceita a loucura humana e sorri diante dela. Faz refletir sobre a tragédia e ainda distende os nervos do mundo. É uma vacina contra o desespero que, por doses moderadas de ceticismo, nos imuniza contra a tendência de levarmos tão a sério a seriedade dos homens”. A constatação é do psicanalista e psiquiatra Abrão Slavutzky, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Em seu ponto de vistas, “o riso se encontra na encruzilhada do físico e do psíquico, do divino e do diabólico, do individual e do social, flutuando no equívoco e na indeterminação”. Além disso, funciona como elemento importante de resiliência e preocupa o poder, “seja ele político, religioso ou mesmo educacional”. E completa: “Num mundo em que tanto se fala em diminuir o peso, em dietas milagrosas, nos perigos da obesidade, seria bom pensarmos em como diminuir o peso dos sofrimentos e das angústias que carregamos”.

Abrão Slavutzky é psicanalista e médico psiquiatra com formação em Buenos Aires. Graduiu-se em medicina em 1971, na Fundação Católica de Medicina do Rio Grande do Sul. Desde 2001, é colaborador do jornal Zero Hora e de diversas revistas. Entre outros, é um dos autores e organizadores de *Seria trágico... se não fosse cômico - humor e psicanálise* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), *Quem pensas tu que eu sou?* (São Leopoldo: Unisinos, 2009) e *Psicanálise e cultura* (Rio de Janeiro: Vozes, 1983). Alguns dos livros que organizou são *O Dever da Memória - O Levante do Gueto de Varsóvia* (Porto Alegre: AGE, 2003) e *A paixão de ser - depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que aspectos rir de si mesmo e dos outros é psicologicamente salutar?

Abrão Slavutzsky - Há um velho ditado que reza: “Os médicos dizem que rir faz bem à saúde”. Não só os médicos diziam isso, mas, segundo Kant, três coisas podem fortalecer o homem contra as tribulações da vida: a esperança, o sono e o riso. Interessante que os filósofos, em geral tão sérios, não desprezaram o riso, tanto assim que Aristóteles criou a célebre frase: “O riso é próprio do homem”. Será mesmo verdade essa afirmação? Em 2001 foi publicado um instigante trabalho sobre o riso dos chipanzés, com fotos e filmes em que se percebem claramente seus risos. Esse trabalho revela como riem esses macacos a partir de jogos que fazem entre si. Nesse sentido, confirma-se o que Johan Huizinga

ga¹ já havia escrito em seu livro *Homo Ludens*, de 1938, no qual afirma que os animais brincam e brincando riem, mesmo que seja um riso primitivo. Já os bebês começam a sorrir cedo, já no primeiro mês de vida, graças aos estímulos táteis e aos sons da voz de quem os cuida. E, à medida que crescem e aumentam as interações com seu meio, começam a brincar e rir, por exemplo, de esconder seu rosto e descobri-lo, “reaparecendo” - o famoso jogo do “cucu”.

IHU On-Line - Nessa lógica, como podemos compreender os tratamentos médicos que reconhecem o valor terapêutico do riso?

1 Johan Huizinga (1872-1945): filósofo e historiador holandês, foi reitor da Universidade de Leyden. É conhecido por seu trabalho na história da cultura da Idade Média. (Nota da IHU On-Line)

Abrão Slavutzsky - Essa é uma crença que vem dos gregos, que sugeriam ser o riso benéfico à saúde, por ajudar na digestão, restabelecer a energia e mitigar a tristeza. Impressionante como nas últimas três décadas cresceram as investigações sobre o valor terapêutico do riso e da alegria. A concentração do hormônio do estresse no sangue, o cortisol, diminui quando as pessoas riem. Quando o cortisol se mantém elevado, cai a defesa imunológica e aumentam as possibilidades de infecções. Também a sensibilidade à dor diminui em estado de alegria, pois a liberação das endorfinas desencadeia no cérebro sentimentos de prazer, bloqueando a transmissão de estímulos dolorosos. Um parêntese: estou falando mais de temas que se afastam da psicanálise, e, de fato, o riso e a alegria têm sido mais estudados por outras áreas do

conhecimento. Na psicanálise há certo vazio no estudo do riso e, principalmente, da alegria, às vezes até uma tendência a desprezá-los ou tomá-los como uma defesa maníaca, de modo que precisamos nos valer, cada vez mais, desses importantes estudos interdisciplinares. Na psicanálise, um bom ponto de partida para o exame do riso poderia ser a vivência de satisfação, um conceito introduzido por Freud no início de seus estudos sobre a realidade psíquica.

IHU On-Line - Em que medida o rir de si mesmo demonstra a incompletude da nossa verdade?

Abrão Slavutzsky - Antes de responder à pergunta, uma observação sobre o riso: há muitos tipos de risos - o amigável, o sardônico, o agressivo, o sarcástico, o angelical, o ingênuo, o do bebê. Percebo que as perguntas enveredaram por um caminho que coloca o riso mais ao lado da saúde, do saudável, do bem, quando muitas vezes o riso como expressão de alegria pode ser sádico, malvado ou arrogante de triunfo. Com efeito, o riso se encontra na encruzilhada do físico e do psíquico, do divino e do diabólico, do individual e do social, flutuando no equívoco e na indeterminação. Exponho aqui uma conclusão expressa por Gorges Minois em seu livro *História do riso e do escárnio*, leitura que indico fortemente.

O riso, não só revela a incompletude, como tende a ser malvisto diante do sagrado, seja o sagrado religioso, seja o ideológico e até na educação. O riso tende a ser tomado, às vezes, como irreverente, como um deboche. Todos os autoritarismos buscam disciplinar os risos: do que se pode rir e do que não se pode.

No riso, como no amor, o corpo se funde com o espírito. Aliás, Jacques Le Goff criticou a Freud que em seu importante livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) não se referiu a esta importante questão do riso se manifestando no corpo e não só no psiquismo. No riso de uma piada o corpo expressa o poder do jogo de palavras que liberam desejos eróticos ou agressivos de quem ri.

IHU On-Line - As pessoas deveriam rir mais de si mesmas? O riso tornaria a vida mais leve?

Abrão Slavutzsky - Não sei se as pessoas deveriam rir mais de si mesmas ou mesmo rir mais. Não acredito muito em sugestões do tipo “riam mais e sejam felizes”, “riam de si mesmas e conheçam o paraíso na terra”, e assim por diante. Respeito a necessidade humana de trilhar caminhos sedutores na busca desesperada da felicidade, mas me reservo uma atitude de suspeita. Não conheço caminhos fáceis que nos levem a encontrar uma vida mais leve. Além do que vivemos em sociedade, e vamos convir que a sociedade humana não é das mais bondosas - basta ver o poder da crueldade².

IHU On-Line - A vida, afinal, pode ou não ser mais leve?

Abrão Slavutzsky - Eis o ponto transcendental de nossa conversa. Talvez todas as terapias, psicanalíticas ou não, busquem, em verdade, tornar a vida mais leve, isto é, fazer com que a leveza alivie o peso de nossos sofrimentos, que não são poucos. Sofremos porque há desequilíbrios naturais, porque somos vulneráveis às doenças, porque as relações humanas são complexas - ora intensas, quase sempre tensas. Ninguém escapa às agressões e ninguém é só amor, pelo contrário. Viver é muito perigoso, escreveu Guimarães Rosa³ em seu *Grande sertão*:

² Sobre o tema, confira a entrevista concedida por Slavutzsky *O Holocausto e o dever da memória*, publicada na edição 323 da Revista IHU On-Line, de 29-03-2010, disponível em <http://bit.ly/fONsh1>. (Nota da IHU On-Line)

³ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo*. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qOX8>. De 25 de abril a 25-

veredas. Viver é tensão, mas viver, felizmente, também é tesão. Portanto, frente ao peso da existência, talvez seja útil buscar a leveza da música, da dança, da conversa amiga, e ler, por exemplo, as *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino⁴, em especial a primeira de suas conferências, que é justamente sobre a leveza. Perdi a conta de quantas vezes já me delicieei com esta pequena obra-prima, em que o autor afirma ter passado a vida buscando diminuir o peso das palavras, procurando a leveza, mesmo não tendo nada contra as palavras pesadas ou contra o peso. Num mundo em que tanto se fala em diminuir o peso, em dietas milagrosas, nos perigos da obesidade, seria bom pensarmos em como diminuir o peso dos sofrimentos e das angústias que carregamos.

IHU On-Line - Por que o humor é um dom precioso?

Abrão Slavutzsky - Escrevi, a respeito, um ensaio, *O precioso dom do humor*, que faz parte do livro *Seria trágico... se não fosse cômico - humor e psicanálise* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), que Kupermann e eu organizamos. Partí de uma frase expressa por Freud no final de seu breve ensaio *O humor*, de 1927, quando ele tinha 71 anos e sua teoria da psicanálise estava mais ou menos concluída. Fiquei espantado com sua afirmação de que o humor é um dom precioso e raro. Como nunca havia deparado com tanto entusiasmo por parte do sóbrio Sig, decidi investigar em sua correspondência e sua obra que qualidade humana havia despertado tanta emoção nele como o bom humor. Não encontrando, me perguntei: porque na história da psicanálise o tema do humor foi quase desprezado? Difícil questão, mas creio que ela está ligada à sedução exercida pelos traumatismos psicológicos ligados a violências,

05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Italo Calvino (1939-1985): escritor cubano, radicado na Itália, autor de livros como *As cidades invisíveis* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994). (Nota da IHU On-Line)

a separações, a rupturas, a perdas que são pesadas e vinculadas a ações e ao trágico. Feito esse pequeno passeio, retorno à questão do humor como dom precioso. O equivalente psicológico da resistência física é a resiliência⁵, uma espécie de energia mental cuja força psicológica é capaz de suportar crises e frustrações e ainda encontrar algo positivo mesmo em experiências dolorosas. O humor é importante fator de resiliência, fortalece o psiquismo, a alma (psique em grego é alma) e ajuda as pessoas. O contrário do humor é a mortificação. Daniel Sibony em seu recente livro - *Le sens Du rire et de L'humour* - define o humor como a arte de inventar um consolo que nos faz rir de nós mesmos. Talvez, todos nós, em alguma medida, nós levamos muito a sério, uma seriedade pesada que mortifica e nos deixa mau humorados.

IHU On-Line - Se o humor é um dom precioso, ele não deveria ser mais estudado?

Abrão Slavutzsky - Uma boa pergunta a se fazer às faculdades de Psicologia, aos cursos de psiquiatria e aos institutos de Psicanálise. Comecei a estudar o humor de forma sistemática faz dez anos e cheguei à conclusão de que ainda há muito, por aprender. Felizmente, hoje já existem vários grupos nos Estados Unidos e na Europa que estão publicando profusamente sobre o humor, com destaque para o livro recente de Roy Martin, uma compilação incrível sobre as mais diferentes facetas do humor, que ainda não foi traduzido para o português. Em psicanálise começam a se escrever livros, revistas sobre o tema, mas não soube de um só congresso sobre o tema até hoje!

IHU On-Line - Desculpe a indiscrição, mas estás escrevendo sobre o humor?

Abrão Slavutzsky - Não só desculpo, ⁵ Resiliência: capacidade de resistir a situações adversas, como choques, estresse e outros. A psicologia tomou emprestada essa imagem para explicar a capacidade de lidar com problemas, superá-los e até se deixar transformar por adversidades. Sobre o tema, confira as seguintes edições da *Revista IHU On-Line*: Edição 241, *Resiliência. Elo e sentido*, de 29-10-2007, disponível em <http://bit.ly/j66Zzs>; Edição 279, *Morte. Resiliência e fé*, de 27-10-2008, disponível em <http://bit.ly/kSPslx>. (Nota da IHU On-Line)

“O humor não faz nenhuma revolução, mas ele não perdoa as falhas dos poderosos nem qualquer forma de autoritarismo”

como agradeço (risos). Desde 2005, antes mesmo do lançamento de *Seria trágico... se não fosse cômico*, decidi escrever o meu livro sobre humor. Pensei que seria algo para dois anos, no máximo, e já estou nisso há quase seis... Aliás, a Unisinos contribuiu para o atraso do meu trabalho - sempre precisamos de algum bode expiatório -, pois interrompi por um ano e meio as atividades em função do *Quem pensas tu que eu sou?*. De qualquer forma, decidi não me apressar para concluí-lo, pois para estar à altura do que pretendo expor preciso melhorar meu sentido do humor, passando isso para o texto, o que não é fácil!

IHU On-Line - Qual é o laço que une tragédia e comédia?

Abrão Slavutzsky - Nos festivais gregos de teatro, em que teve início a história da tragédia e da comédia, ambas as manifestações integravam os espetáculos, que duravam o dia inteiro. Tanto uma como a outra eram igualmente importantes. Aliás, Tchekhov⁶ afirmou que a realidade humana pode ser vista através de duas janelas, a da tragédia e a da comédia. Woody Allen⁷, em seu filme *Melinda & Melinda*, trata exatamente dessa questão. E o mesmo se poderia dizer de tantos filmes de Chaplin que versam sobre a pobreza, o sofrimento, a tragédia da guerra e do nazismo - *O Grande Ditador* à frente - desde um ângulo cômico. A tragédia é, como se sabe, imitação de ações de caráter elevado; ela coloca o homem

⁶ Anton Paolovitch Tchekhov (1860-1904): escritor e dramaturgo russo. Entre as suas peças, destacam-se: O tio vânia, As três irmãs, O canto do cisne, Um trágico à força, Ivanov (Nota da IHU On-Line)

⁷ Woody Allen (1935): nome artístico de Allan Stewart Königsberg, cineasta, roteirista, escritor, ator e músico americano. (Nota da IHU On-Line)

na situação de agir, sendo a ação mais importante que o personagem. Já a comédia imita homens, homens inferiores que são hipocondríacos, como na peça de Molière⁸ *O doente imaginário*, ou medrosos, avarentos, enfim, ridículos, para que possamos rir deles e neles (que na verdade somos nós) descarregar nossos medos e angústias. Aliás, só Molière conseguiu escrever comédias que superassem as tragédias. No cinema, tivemos um Chaplin, hoje um Woody Allen, mas a condição humana tende a valorizar, como já disse, o traumático e o dramático.

IHU On-Line - Por que o riso ocupa um papel tão importante na história da humanidade e é objeto de tanta preocupação?

Abrão Slavutzsky - Será mesmo que o riso é tão importante assim? Pode ser, mas na Bíblia ele aparece pouco e às vezes é até criticado, como o foi o riso erótico de Sara, a primeira matriarca do povo judeu. Também no Cristianismo o riso nem sempre foi bem visto, em especial na Idade Média, como tão bem nos relata Umberto Eco em *O nome da rosa*. O riso na História e, em especial, o humor tiveram no poder um inimigo, pois este não deseja ser criticado, desvalorizado. Bergson, em seu clássico estudo sobre o riso, escreve que o poeta trágico evita chamar nossa atenção sobre a materialidade de nossos heróis, que por isso não sentam, não fazem suas necessidades fisiológicas, etc. O riso sempre preocupou o poder, seja ele político, religioso ou mesmo educacional.

IHU On-Line - O riso tem um caráter rebelde? Em que aspectos o riso se configura numa desconstrução do poder?

Abrão Slavutzsky - O riso? Não necessariamente; afinal, os nazistas, stalinistas e outros “istas” dessa natureza riam e riem. O problema do poder sempre foi o humor: este sim, por sua rebeldia, por sua irreverência, é essencialmente uma

⁸ Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673): mais conhecido como Molière, foi um dramaturgo francês, além de ator e encenador, considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de destaque na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. (Nota da IHU On-Line)

força desconstrutiva. O humor não faz nenhuma revolução, mas ele não perdoa as falhas dos poderosos nem qualquer forma de autoritarismo. Tivemos no Brasil o exemplo do *Pasquim*, um jornalzinho que todas as semanas procurávamos com entusiasmo nas bancas de jornais para rir do perigoso poder militar, que terminou por fechá-lo. Na Alemanha nazista os humoristas eram perseguidos, o mesmo acontecendo em outras ditaduras. O humor é rebelde pois sempre busca o outro lado de tudo, logo questiona o poder sempre.

IHU On-Line - Há um humor tipicamente brasileiro, uma linguagem dessa natureza que nos diferencia dos demais países?

Abrão Slavutzsky - O humor brasileiro é alegre e sacana como o personagem *O amigo da onça*, de Péricles, ou como o saudoso “Fradim”, do Henfil⁹, e ainda o grosso alegre *Analista de Bagé*, de L. F. Verissimo¹⁰. O povo brasileiro tem na alegria - nossa festa maior é o carnaval - uma de suas marcas. Nosso país é desorganizado em seu planejamento - como os preparativos para a Copa do Mundo uma vez mais atestam -, e é ainda injusto socialmente, mas segue o que em parte preconiza a sabedoria chinesa: comer a metade, caminhar o dobro e rir o triplo. Somos conhecidos como um povo que sabe rir, e nosso humor tem na alegria uma referência. De fato, ele é bem menos melancólico que o bom humor judeu, ou o quase sério humor inglês.

IHU On-Line - Por que homens e mulheres acham graça de coisas diferentes?

Abrão Slavutzsky - Engraçado, mas creio que já foram mais marcantes essas diferenças. Um exemplo: hoje as mulheres riem mais, sentem-se mais livres para rir em público, ao contrário de antes, quando tinham de ser mais reservadas. A mulher contemporânea é mais sofisticada, e fazê-la rir ten-

“O riso tende a ser tomado, às vezes, como irreverente, como um deboche. Todos os autoritarismos buscam disciplinar os risos: do que se pode rir e do que não se pode”

de a ser mais difícil. Aliás, fazer uma mulher rir ou sorrir é meio caminho andado para uma conquista amorosa. As mulheres são mais finas que os homens, em geral. Gostam de rir de nós, homens e de nossas arrogâncias e fragilidades, no que fazem bem. Nós homens, por nossa vez, às vezes somos das piadas mais grosseiras, e nossos risos podem ser mais ingênuos que os das mulheres. Na verdade, nunca havia pensado nessa relação do humor com o gênero; estou aqui tentando dizer alguma coisa para satisfazer a curiosidade da entrevistadora.

IHU On-Line - Há, se bem me lembro, uma frase importante de Wittgenstein¹¹ sobre o humor não?

Abrão Slavutzsky - Sem exagerar, a frase é importantíssima (risos). Ele escreveu que o humor, mais do que um estado

de espírito, é uma visão de mundo. Se essa frase fosse pensada por quem elabora os programas das faculdades de Psicologia e aquilo que devem estudar os “psi” - psicólogos, psiquiatras e psicanalistas -, o humor deveria ser incluído como disciplina. Há uma universidade na Espanha que há anos vem levando o humor mais a sério e tem feito um trabalho elogiável nessa área. Engraçado como na América do Norte e em alguns países da Europa estão bem mais adiantados que nós nessa matéria. Quem sabe um dia nós, intelectuais, possamos estudar mais o humor e assim introduzi-lo nas universidades e instituições “psi”, sempre tão formais e sisudas? Hoje o humor é importante não só na saúde física e na dita mental, mas também nas empresas, na economia, na propaganda. Aliás, Alfredo Fedrizzi organizou um livro sobre humor e propaganda - *O humor abre corações*. E bolsos.

IHU On-Line - O humor é sério?

Abrão Slavutzsky - “O humor é sério, é mais do que sério, é a quintessência da seriedade”, como diz Millôr Fernandes. Na realidade, o humor é sério e não é; é um paradoxo em que convivem dois sentidos contrários ao mesmo tempo. Ele transcorre em um espaço transicional, um espaço de brincadeira, revelando lucidez e alegria mesmo na desilusão. A lógica do humor é paradoxal, semelhante à do inconsciente, em que os contrários geram graça. Do inconsciente irrompem as verdades recalçadas; já o humor revela as outras faces da realidade, que estão além das aparências. O humor aceita a loucura humana e sorri diante dela. Faz refletir sobre a tragédia e ainda distende os nervos do mundo. É uma vacina contra o desespero que, por doses moderadas de ceticismo, nos imuniza contra a tendência de levarmos tão a sério a seriedade dos homens. O humor é marginal - e, se isso não é bom para as instituições, é ótimo para o humor, que se mantém livre, com seu olhar rebelde: Hay gobierno? Soy contra. Seu olhar sobre o reino do humano sempre busca o outro lado de tudo, o lado ridículo do sério, o sério do ridículo.

Com isso mantém uma da realidade

⁹ Henrique de Sousa Filho (1944-1988): mais conhecido como Henfil, foi um cartunista, quadrinista, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Luis Fernando Verissimo (1936): escritor gaúcho, filho de Erico Verissimo. É também jornalista, publicitário, humorista, cronista, cartunista e tradutor. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/IUCopl>. (Nota da IHU On-Line)

“Ninguém escapa às
agressões e ninguém é
só amor, pelo contrário.
Viver é muito perigoso,
escreveu Guimarães Rosa
em seu *Grande sertão:
veredas*”

uma distância saudável, erigindo-se como valor existencial, isto é, como visão de mundo. Uma visão que goza da nossa vaidade e arrogância, dando prazer a alguns e dor a outros, pois mobiliza o amor e o ódio, o erotismo e a agressividade. Abençoado, portanto, quem tem o sentido do humor, pois só os bem-humorados aprenderam a arte de viver. Por isso Thomas More¹², autor da *Utopia*, criou esta prece: “Senhor, dai-me senso de humor, dai-me a graça de saber discernir uma brincadeira e partilhá-la com os demais”.

O humor não salva, mas alivia, e integra uma velha família, fundada pela polêmica verdade, que gerou o espírito; este se casou com uma dama chamada alegria, cujo filho é o humor. Este filho inquieto escapa às definições, é instável, solene, espirituoso, tristonho, crítico, alegre. O humor é a mais simpática das criações - até o sóbrio Freud, volto a frisar, escreveu que o dom do humor é precioso e raro. Um dom que permite sorrir, sem compulsão, da pulsão de morte: “Embora eu não tenha medo da morte, prefiro estar longe quando ela chegar” (risos).

No humor não há conclusões finais, lições de vida, orientações existenciais. Em todo caso, encerraria esta conversa, em que me fizeste falar muito, dizendo que a vida, como se diz, careceria de sentido sem a arte. Já uma vida sem humor teria muito significado.

¹² Sir Thomas More, ou Thomas Morus (1478–1535): advogado, escritor, político e humanista inglês. Foi executado por ordem do rei Henrique VIII e posteriormente canonizado pela Igreja Católica com o nome de São Thomas Morus. Sua obra mais famosa é *Utopia*, de 1516. (Nota da IHU On-Line)

Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira



Início: 18 de agosto de 2011

Término: 01 de setembro de 2011

**20h - Conferência de Abertura: Contexto
e Significados da Legalidade**

Palestrante: Prof. Dr. Jorge Ferreira - UFF

Local: Auditório Maurício Berni - C4

Informações em www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

A política social brasileira e o estado de bem-estar

Para Jorge Abrahão de Castro, a política social brasileira tem dois vetores importantes: é central para o bem-estar e distribuição de renda e, em segundo lugar, é fundamental para o crescimento econômico, também contribuindo para ampliar a autonomia da economia nacional

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

Na entrevista que concedeu por telefone para a IHU On-Line, o pesquisador do IPEA Jorge Abrahão de Castro considera que a política social brasileira “é um pilar de um paradigma de desenvolvimento econômico sustentável, baseado nos critérios de mais crescimento, melhor distribuição da renda e maior inovação e produtividade”. Para ele, “o grande evento dessa década de avanços na área é a política de assistência social, que esteve marcada pelo atendimento via transferência de renda para deficientes físicos e aos idosos muito pobres, além da criação e desenvolvimento do Bolsa Família”. Portanto, continua, “os pilares da atual política social brasileira são a previdência, assistência, saúde e educação”. Na visão de Castro, “o Estado deve garantir o emprego e renda das pessoas naquilo que o mercado não dá conta, permitindo que as pessoas possam construir suas rendas e vidas através do trabalho e sendo remuneradas para tal”.

Jorge Abrahão de Castro possui graduação em Estatística pela Universidade de Brasília e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é pesquisador associado da Universidade de Brasília e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como as políticas sociais se colocam no cenário do desenvolvimento brasileiro?

Jorge Abrahão de Castro - A política social brasileira, por sua dimensão estratégica e abrangência na cobertura de riscos, contingências e necessidades da população, é central para o bem-estar social em dois sentidos. Primeiro, porque alavanca a promoção social via educação, permite oportunidades de geração de renda e trabalho, tanto no campo quanto na cidade, como também é um dos elementos centrais para a produção e acesso à cultura. Por outro lado, sustenta a proteção social, fortalecendo a seguridade através da saúde, previdência e assistência, compondo um todo muito importante para gerar, na população brasileira, uma sensação de solidariedade e bem-estar, além da possibilidade de, a partir disso, criar uma geração mais educada

e aumentar a produtividade, a inovação e a distribuição da renda. Pensando no futuro, a política social é central para aumentar a cidadania e a produtividade, além de ser, no presente, um elemento essencial da demanda e, por isso, ter a capacidade, em função do seu tamanho em termos de gastos públicos, de alavancar o crescimento econômico. Neste sentido, penso que a política social brasileira tem dois vetores importantes: é central para o bem-estar e distribuição de renda e, em segundo lugar, é fundamental para o crescimento econômico, também contribuindo para ampliar a autonomia da economia brasileira. É um pilar de um paradigma de desenvolvimento econômico sustentável, baseado nos critérios de mais crescimento, melhor distribuição da renda e maior inovação e produtividade.

IHU On-Line - Quais são as políticas sociais que mais impactam a realidade hoje?

Jorge Abrahão de Castro - Certamente a previdência social é uma das mais importantes, pois impacta fortemente a situação da população inativa brasileira. Hoje, grande parte dos idosos brasileiros tem cobertura proveniente da previdência social de nosso país. Por isso, ela é a maior área de gasto na política social que temos. A outra grande área é a saúde, porque atende o conjunto de toda a população brasileira, tendo no SUS sua estratégia central e de sucesso, mesmo com os percalços existentes, que se devem, em grande parte, à sua dimensão e às heterogeneidades sociais do país. A educação pública é outra área importante na política social, abarcando toda população e estrutura em todo o território nacional. No entanto, o gran-

de evento dessa década de avanços na área é a política de assistência social, que esteve marcada pelo atendimento via transferência de renda para deficientes físicos e a idosos muito pobres, além da criação e desenvolvimento do Bolsa Família. Portanto, os pilares da atual política social brasileira são a previdência, assistência, saúde e educação. Por outro lado, também há a política de salário mínimo, que assumiu uma função de grande importância para o conjunto da população que está no mercado de trabalho. Essa política de regulação salarial serve como um balizador das remunerações. Por outro lado, é também o indexador dos principais benefícios sociais da previdência e assistência social e uma importante conquista estabelecida na Constituição Federal de 1988.

IHU On-Line - Quais as possibilidades de uma mudança mais radical na realidade a partir da nova proposta de combate à pobreza extrema pelo governo federal?

Jorge Abrahão de Castro - O radical, nesse sentido, seria erradicar a pobreza extrema. E isso não é nada trivial. Os pobres, que estão na “rabeira” da sociedade brasileira, encaixam-se de forma muito vulnerável dentro do padrão de consumo e do sistema de proteção e promoção social. Ao verificar que há um conjunto razoável de brasileiros nessa condição, e se você consegue melhorar suas vidas em termos de renda, acesso a serviços e possibilidades produtivas, está sendo feita uma mudança profunda na sociedade. É uma mudança histórica. Na verdade, estamos fazendo história a duras penas desde a Constituição de 1988, montando o sistema de políticas sociais que, hoje, existe. Criar um Sistema Único de Saúde - SUS que abarca a todos é fazer história. Os mais pobres nunca tiveram esse tipo de benefício nos 500 anos de história brasileira. Existe a oferta de educação básica pública para quase todos, ou seja, aquela coisa do passado de que as pessoas não tinham acesso a nada já não existe mais, mesmo questionando-se a qualidade dos serviços. O desafio será conseguir transferir renda para aqueles que, neste momento,

“Estamos fazendo história a duras penas desde a Constituição de 1988, montando o sistema de políticas sociais que, hoje, existe”

não têm condições objetivas de entrar no mercado de trabalho, e ao mesmo tempo estruturar a oferta de emprego e possibilidades de trabalho para o conjunto da população. Para tanto, serão necessárias também a adesão e a estruturação de uma boa governança (o que vai ser complexo, porque é um conjunto muito grande de ações, entes federados, instituições públicas) e, ao fazer tudo isso funcionar a favor de uma determinada parte da sociedade para gerar maiores oportunidades e bem-estar, estaremos fazendo algo radical e vencendo uma etapa cruel na nossa história, que foi a que gerou essa quantidade de gente excluída.

IHU On-Line - Até o momento as políticas sociais brasileiras avançam naquilo que Amartya Sen chama de potencialização das capacidades humanas. Quais as possibilidades da outra dimensão que Sen também reconhece de que as capacidades humanas potencializem as políticas públicas?

Jorge Abrahão de Castro - Um dos vetores é aumentar as capacidades do indivíduo. Mas penso que é preciso ir mais além, buscando-se também fazer com que as capacidades geradas sejam de fato realizadas pelos indivíduos e grupos, com isso possibilitando a geração de trabalho e renda mediante a ação direta do Estado. É o que ocorre quando se organizam compras públicas e preços mínimos, por exemplo. Porque é um grande equívoco imaginar que, aumentando as capacidades, será já suficiente para que depois o mercado sancione e valide tal esforço. Nas atuais estruturas produtivas em que estão envolvidos os mais pobres, as desigualdades são muito grandes, sendo

necessário ir para além da expectativa que o mercado possa ser o grande regulador do processo. Quando fazemos o Programa de Aquisição de Alimentos, estamos interferindo nas “livres forças do mercado”. Pode-se imaginar que mesmo o pequeno agricultor irá produzir e vender no mercado, e isto é certo para uma parcela. Mas vai haver uma parte expressiva que não será comandada pelo mercado, e sim por essas políticas de Estado, ocorrendo a desmercadorização de uma parcela da produção, assegurando resultados a todos. Por outro lado, as políticas sociais hoje, quando geram capacidades e habilidades nos indivíduos, contribuem fortemente para ampliar operacionalidades de grupos e coletivos sociais, como, por exemplo, a maior participação nas organizações sociais e nos grandes eventos públicos, tais como as conferências nacionais, estaduais e municipais das diversas áreas e setores sociais. Esse processo tende a afetar e mudar a estrutura da democracia existente, no sentido de procurar garantir o exercício de direitos e interesses das diversas camadas sociais.

IHU On-Line - O senhor concorda que as políticas de distribuição de renda mínima não combatem a miséria, apenas amenizam a pobreza?

Jorge Abrahão de Castro - Eu não concordo com tal assertiva. Eu diria que em países com um mercado de trabalho com informalidade e precariedade tão imensas, conjugado com a enorme desigualdade social brasileira, a transferência de renda cumpre papel estratégico central. É um dos pilares da solidariedade social entre os brasileiros e geradora de segurança alimentar, nutricional e de ampliação de acesso a bens e serviços diretamente relacionados às necessidades fundamentais da vida dos indivíduos e de suas famílias. Lamento, isto sim, que o valor das transferências em alguns programas é ainda baixo para dar conta de retirar esse conjunto da população da situação de extrema pobreza, como é caso de algumas famílias, hoje, incorporadas ao Bolsa Família. Ter essa compreensão não significa que não admitimos que a pobreza tenha também de ser combatida em todas as diversas mani-

festações e dimensionalidades.

Portanto, a política social deve ser movida por um alguns fatores: aqueles que estão em situação de necessidade de renda e não a consegue diretamente, o Estado garante uma renda que lhe permite um determinado bem-estar. Ao mesmo tempo, oferece um conjunto de bens e serviços para pais e filhos terem todas as habilidades e capacidades para que, no futuro, não precisem ter esse tipo de benefício. Ninguém quer escravizar as pessoas mais pobres a uma estrutura de permanente subsídio do Estado. Não se trata disso.

IHU On-Line - Que política pública seria necessária para acabar com a miséria e a pobreza brasileiras?

Jorge Abrahão de Castro - No caso brasileiro, penso que seja fundamental fazer chegar aos indivíduos e suas famílias pobres os elementos de ampliação das habilidades e capacidades, além daqueles meios que permitam a plena realização desses atributos. No entanto, enquanto tudo isso não gera o efeito de prover a renda necessária ao padrão de bem-estar desejável, uma das políticas centrais deve continuar a ser a transferência de renda. Há um conjunto da população pobre que tem educação formal muita baixa, ou nenhuma educação, entre outras carências, além de ter uma frágil ligação com o mercado de trabalho. Não adianta pensar que vai haver instantaneamente uma estrutura de geração de renda no mercado para essas pessoas, pois suas conexões com o mercado são muito ruins. É preciso, nestes casos, em primeiro lugar, dar-lhe condições mínimas de bem-estar, assim como à sua família. Ou seja, transferir renda monetária. Conjugado a isso, há as tarefas permanentes do Estado, ou pelo menos deveria ser, de produzir e prover bens e serviços sociais fundamentais às pessoas (educação, saúde, saneamento básico, serviços socioassistenciais, etc.) em quantidade e qualidade necessária. Além disso, é tarefa fundamental da política pública estabelecer um conjunto de programas e ações geradoras de possibilidades para que os indivíduos possam exercer suas habilidades e capacidades, mediante

maior ampliação de possibilidades geradoras de renda e trabalho. No limite, o Estado deve garantir o emprego e renda das pessoas naquilo que o mercado não dá conta, permitindo que as pessoas possam construir suas rendas e vidas através do trabalho e sendo remuneradas para tal.

IHU On-Line - Como avalia o plano recém lançado da presidenta Dilma de erradicar a miséria brasileira?

Jorge Abrahão de Castro - Primeiramente, penso que o governo da presidenta Dilma foi bastante corajoso, porque erradicar a pobreza extrema, considerando a linha de 70 reais (é bastante próximo do critério estabelecido pela ONU para as metas do milênio), é um grande desafio e de grande dificuldade. Considerando os países que assinaram as metas nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - ODM, seríamos o primeiro país a erradicar a pobreza extrema nesse curto período de tempo. Por outro lado, é uma ação complexa, porque os extremamente pobres, apesar de sua homogeneidade nas carências, estão heterogeneamente distribuídos nas localidades e nas regiões do país, o que vai exigir muita competência e governança. Não se trata, portanto, de uma operacionalização trivial. Não vai ser fácil levar o plano em todas suas nuances adiante. Entretanto, isso vai significar uma ação muito importante para o Brasil e o mundo. Para o mundo pelo efeito de demonstração, de que é possível erradicar a miséria, desde que se tome isso como uma prioridade de governo. Para o país, pelo efeito concreto da eliminação de uma situação inaceitável para uma nação que se pretende ser desenvolvida. Além disso, teria um efeito muito importante para a economia brasileira, porque esse conjunto da população estaria entrando nas estruturas de consumo, tornando-se um importante vetor permanente de demanda de bens e serviços no mercado interno. Também será um elemento importante para implementar a participação social, para ampliar a experiência do próprio governo em lidar com um conjunto da população que fica normalmente esquecido. Essas pessoas, às vezes, são lembradas nos livros,

mas esquecidas na prática. Por isso, penso que a iniciativa do governo Dilma é tão importante. A estratégia proposta de trabalhar com transferência, inclusão produtiva de bens e serviços é, no meu entender, correta. Penso que é algo fundamental iniciar esse tripé de forma objetiva, mediante a busca, identificação e institucionalização dos que estão fora do sistema. A ampliação do Bolsa Família para aqueles que estavam fora e a inclusão de um número maior de crianças é outra forma adequada. As crianças também serão, de início, beneficiadas. A inclusão produtiva voltada para o meio rural foi também lembrada. A pobreza extrema brasileira está muito focada no meio rural, mas este, em termos de políticas públicas de ação produtiva, é mais homogênea. Já de início para as famílias rurais, foi estruturado o acesso a determinados recursos a fundo perdido para incrementar sua estrutura produtiva. Por outro lado, há também uma preocupação ambiental com a oferta de uma espécie de bolsa ambiental para a população pobre cuidar do meio ambiente. Ainda falta muita coisa a ser desenhada, como, por exemplo, a forma como fazer chegar saneamento a essa parte da população que não a possui, para que não tenhamos pessoas vivendo no meio do esgoto, em favelas precárias. É um exercício válido, importante e que irá exigir muito do governo e da sociedade, uma vez que o governo colocou isso como uma ação sua, mas a fiscalização será feita fundamentalmente pela sociedade, que irá contribuir nesse movimento.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o financiamento público social? Que percentual do PIB é destinado à área social?

Jorge Abrahão de Castro - Calculamos que algo em torno de 23% é o que é abarcado pela política social. Ou seja, quase ¼ da economia brasileira gira em torno dessa estrutura. Metade disso vai para as estruturas de previdência social. Esse é um vetor importante, principalmente o da previdência do sistema geral, que atinge a população brasileira. Já a previdência do setor público é um gasto que não é redistributivo,

porque há maiores salários e garantia de previdências completas. Outra parte importante do gasto social é a educação e a saúde. O gasto em educação gira atualmente em torno de 5% do PIB. Há uma discussão atual de ampliar esse valor um pouco mais, o que será importante para ampliar a oferta e melhorar a qualidade, e que pode ser fundamental para quebrar o ciclo da pobreza. O investimento em saúde, por sua vez, atinge 3,5% do PIB. A assistência social, que inclui o Bolsa Família, gasta cerca de 1% do PIB. A área de trabalho e renda também atinge cerca de 1% do PIB, e os gastos principais são com o seguro desemprego e abonos. Esse é o núcleo duro do gasto com a política social. No Brasil, o gasto com o social é um dos mais elevados da América do Sul, mas é bem mais baixo daqueles que são efetuados pelos países desenvolvidos. O lado ruim do atual sistema de financiamento social está na estrutura tributária, que é muito regressiva. Por exemplo, as pessoas que estão na extrema pobreza acabam pagando muito imposto de forma indireta.

IHU On-Line - Que investimentos em educação são mais urgentes?

Jorge Abrahão de Castro - Essa é uma discussão que está ocorrendo agora em torno do Plano Nacional de Educação - PNE. Temos necessidades de acesso e de qualidade. O acesso deve ser expandido consideravelmente para as crianças mais pobres como, por exemplo, a necessidade da oferta de mais creches. No ensino médio, há problema de frequência na escolarização. Mas ainda precisamos melhorar quantitativamente. A educação profissional é uma urgência. No ensino superior, o acesso é muito baixo em termos públicos, com preponderância do ensino privado. Olhando por esse lado, digo que temos um problema de acesso. Lateralmente a isso, há a questão da qualidade. É preciso oferecer escolas de qualidade, nas quais a criança possa ter acesso desde sua mais tenra idade. Isso vai fazer outro país. Tudo isso tem que ser permeado pela saúde e pela alimentação. Nossa escola pública precisa melhorar muito e, para tanto, vai precisar de mais recursos que os atualmente disponíveis.

EAD - Jesus e o reino no Evangelho de Marcos - 2011



O INÍCIO DO EVANGELHO DE MARCOS (Mc 1,1-15)

Contexto histórico e literário do Evangelho de Marcos

De 29 de agosto a 04 setembro - Jesus, o Messias, e as expectativas messiânicas (Mc 1, 1-15)

Horário: Ensino a distância (EAD) - Livre

Informações em www.ihu.unisinos.br



Últimos ataques político-midiáticos dos EUA contra Cuba

POR NOEL MANZANARES BLANCO*

Um cabo da agência espanhola EFE, vindo de Washington em 27 de maio, informou que a deputada republicana da Flórida, Ileana Ros-Lehtinen, está promovendo um projeto de lei que impõe sanções a empresas e indivíduos que ajudem Cuba a desenvolver sua indústria petrolífera, de acordo com notas oficiais advindas do escritório dessa senhora.

Ros-Lehtinen é uma congressista que representa os interesses da comunidade de empresários originários de Cuba, cujos expoentes em Miami e arredores, são muito ligados a atividades de inteligência. Com esse projeto, a republicana pretende impor sanções a “pessoas físicas e jurídicas que ajudem a ilha de José Martí a desenvolver sua indústria do petróleo, inclusive em águas perigosamente próximas aos Cayos da Flórida”, e busca negar vistos para entrar nos Estados Unidos “a qualquer pessoa que invista mais de um milhão de dólares no setor petrolífero de Cuba”.

O fato político (ainda declarativo) foi seguido de fatos midiáticos. O jornal *Novo Herald* (publicado nos EUA em castelhano) declarou apoio ao projeto, dando a seguinte ênfase: “Parece magnífico porque a única

forma de sancionar ao regime de Havana é com sanções”, disse Ninoska Pérez Castellón, jornalista da Rádio Mambí e membro do Conselho pela Liberdade de Cuba.

O bombardeio de conteúdo midiático não parou. Carlos Saladrigas, presidente do Cuba Study Group, um *think tank* da direita cubana com sede em Washington D.C., reforçando a mescla de realidade e ficção, afirmou: “Tal medida forçaria Cuba a negociar com empresas petrolíferas de países que não lhe interessam essa proibição e que não vão ter os recursos nem os preparativos para conter qualquer tipo de vazamento que possa ocorrer em Cuba. E isso vai afetar diretamente à Flórida”.

Essencialmente, o projeto se insere no programa Carril I das agressões contra Cuba. Trata-se do mais longo bloqueio imposto pelas autoridades políticas dos Estados Unidos, proibindo aos norte-americanos, a suas empresas e a suas subsidiárias - mesmo quando criadas em outros países e sob distinta legislação - a ter qualquer tipo de vínculo econômico, comercial e financeiro com a ilha.

Enquanto os republicanos de origem cubana e seus apoiadores fa-

* Noel Manzanares Blanco é historiador, jornalista e professor na Universidade de Camagüey, Cuba. É o colaborador titular de *Kaos en la Red/Cuba* e participa regularmente das atividades do Grupo Cepos. E-mail: <noel.manzanares@reduc.edu.cu>.

turam em cima do pensamento reacionário, outro cabo de agência de notícias, este da Associated Press (AP) anuncia que “novas normas ampliariam turismo estadunidense à ilha”. A AP informa que serão promulgadas pelo governo de Barack Obama para ampliar o acesso a Cuba, pois, segundo o texto da norma, justifica-se “porque já é um dos destinos favoritos de turistas de outros países”.

Aclara a agência que as viagens autorizadas não serão apenas para turismo de lazer, pois os visitantes estadunidenses deverão suar a camisa em passeios a estabelecimentos agrários ou conferências sobre história para justificar as viagens, já que a intenção, de acordo com Washington, é que os dois povos “se conheçam melhor”.

O conteúdo de mensagem não dá margem para dúvidas: “Não serão apenas dias de praia e noites bailando salsa. Se é para comer e beber, não se afrouxa as regras do bloqueio. Isso não cumpre com os critérios de uma viagem com propósitos sérios”, disse uma fonte do Departamento de Estado que declarou para a AP pedindo resguardo do sigilo da fonte.

É necessário refletir que esta medida é um complemento do plano Carril I. Aumentando o fluxo de viajantes, tratam de reativar o Carril II, fortalecendo a chamada subversão ideológica, jorrando dinheiro para a “dissidência” cubana. Reafirmo que é necessário verificar quem são os dis-

“Aumentando o fluxo de viajantes, tratam de reativar o Carril II, fortalecendo a chamada subversão ideológica, jorrando dinheiro para a ‘dissidência’ cubana”

sidentes reais e o que a maior parte deles realmente faz. Tal preocupação justifica-se através de outro cabo que li, sendo este oriundo de DDC | Madri, onde se informa que a Agência Estadunidense para o Desenvolvimento Internacional - USAID tem três editais abertos para projetos relacionados com a liberdade de informação e expressão e o apoio à sociedade civil em Cuba. Nestes projetos serão destinados 21 milhões de dólares, incluídos seis milhões para fomentar a liberdade de expressão e associação nos jovens dentre 12 e 24 anos por fora do controle oficial.

O despropósito é tamanho que um senador como John Kerry, um Falcão belicista e que preside a Comissão de Relações Exteriores do Senado, é contra a iniciativa dos projetos. Kerry, um democrata conservador, mas que apoia a nova norma da administração Obama facilitando o turismo

para Cuba fez uma forte declaração exigindo que a oposição cubana e os envolvidos em atividades de inteligência deixem de fazer um uso errado do dinheiro do contribuinte dos EUA. O senador disse: “porque iniciativas deste tipo (como da USAID, abrindo concurso para projetos contra Cuba) só têm servido para provocar ao governo cubano”.

Uma boa leitura dos estudos realizados a respeito do tema pelo jornalista Jean Guy Allard revela que, no fundo, os EUA têm a intenção de querer “fomentar a participação das populações marginalizadas e vulneráveis, como são os negros e mulatos, assim como os jovens rurais que vão morar no centro das cidades, os jovens portadores de necessidades especiais, os órfãos e adolescentes em situação de risco (como os de famílias interrompidas ou de tipo mono-parental, chefiadas por mulheres)”.

O discurso da direita cubana parece fora de propósito. Um dos alvos da operação de propaganda seriam crianças e adolescentes em situação de risco. Kerry está correto ao afirmar que estes recursos serão gastos à toa para o contribuinte dos EUA. No último dia 8 de junho, o Comitê de Direitos da Criança do Fundo das Nações Unidas para a Infância aprovou o Relatório de Cuba, recomendando o reforço na cooperação internacional e reconhecendo as conquistas em saúde e educação.



ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL

TURMAS EM PORTO ALEGRE

Inscrições pelo site www.unisinos.br/especializacao/televisao_digital/
ou pela central de relacionamento da Unisinos Fone : 3590-8131

**AULAS EM CONJUNTO
COM A GLOBO
UNIVERSIDADE**

REALIZAÇÃO:
 UNISINOS

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 21-6-2011 a 24-6-2011.

Plano de Sustentabilidade Financeira no RS em debate
Entrevista com João Ricardo dos Santos Costa, presidente da Ajuris

Confira nas Notícias do Dia de 21-06-2011

Acesse no link <http://migre.me/56gnK>

Nesta entrevista, o presidente da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul - Ajuris, João Ricardo dos Santos Costa critica o Plano de Sustentabilidade Financeira, proposto pelo governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT). Para ele, a proposta é tímida e equivocada porque “parte da premissa de que a única fonte de custeio para superar a dificuldade financeira do estado é o salário do servidor público”.

“Os agroquímicos são um ‘mal necessário’?”

Entrevista com Josino Costa Moreira, pesquisador na Escola Nacional de Saúde Pública e Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Fundação Oswaldo Cruz
Confira nas Notícias do Dia de 22-06-2011

Acesse no link <http://migre.me/56gNh>

Para o pesquisador Josino Moreira, uso excessivo de agrotóxicos no Brasil é resultado da dependência de resultados científicos produzidos no exterior. A aposta no modelo de

desenvolvimento agroexportador fundamentado na monocultura e o avanço da transgenia também contribuem para o uso de ativos na agricultura.

Por um Rio Grande do Sul sem miséria

Entrevista com Clitia Helena Backx Martins e Isabela Noêmia Rückert, pesquisadoras das Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul - FEE

Confira nas Notícias do Dia de 23-06-2011

Acesse no link <http://migre.me/56WH8>

Segundo as pesquisadoras da FEE, a pesquisa censitária de 2010 demonstra que das 300 mil pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza no Rio Grande do Sul, jovens e crianças são os mais prejudicados, pois estão em situação de risco, envolvidos com drogas e prostituição, além de estarem submetidos à violência.

A mancha negra do açúcar

Entrevista com Fernando Carvalho, historiador

Confira nas Notícias do Dia de 24-06-2011

Acesse no link <http://migre.me/56WRs>

Nesta entrevista, Fernando Carvalho, autor do livro Açúcar. O perigo doce, comenta como o açúcar ganhou destaque na alimentação brasileira e quais as consequências de consumir essa substância. Para ele, o açúcar é responsável pelas doenças crônicas porque ele agride o organismo, o metabolismo e a manutenção do corpo humano.

Giorgio Agamben: Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana

Início: 15 de agosto de 2011

Término: 24 de outubro de 2011

Informações em www.ihu.unisinos.br



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

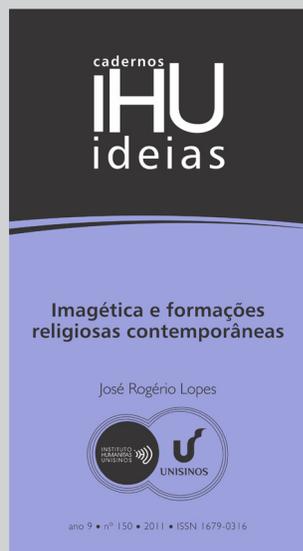
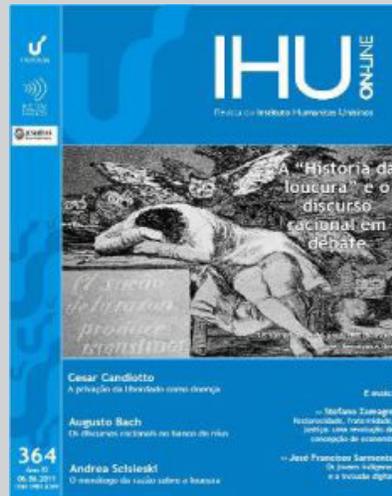
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

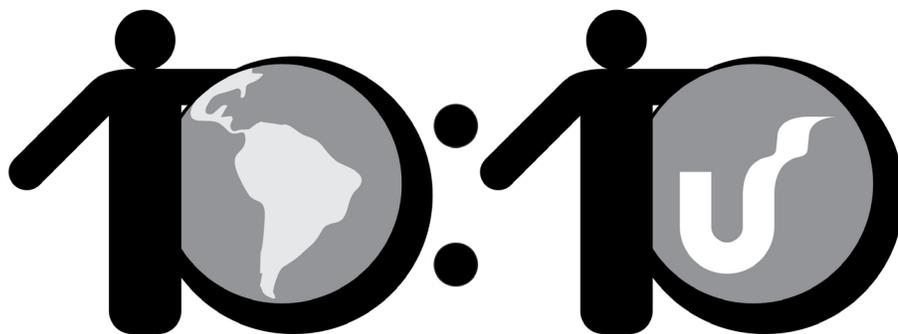
REDUZIR: uma atitude cada vez maior.

A **C**ampanha 10:10 Global surgiu em 2009 com a ideia de **reduzir** em 10% o **C**onsumo de carbono no mundo a partir de 2010.

Inspirada nessa ideia, a Unisinos implantou o projeto **10:10 Unisinos**, que iniciou no dia 10 de outubro de 2010 com o objetivo de reduzir em 10% a emissão de **carbon** na universidade.

CO₂

A **Agência Experimental de Comunicação** da Unisinos colaborou com essa campanha através da **criação do logotipo**.



Pra viver, tem que cuidar e fazer acontecer.

ABRACE ESSA CAUSA

Criada em julho de 2002, a Agexcom reúne em um único espaço professores, profissionais e estagiários dos cursos de Comunicação Social da Unisinos. A agência realiza trabalhos de criação e divulgação para diversos setores e cursos da universidade.

Além disso, é responsável pelo site de comunicação portal3.com.br, a revista Primeira Impressão e os jornais Enfoque e Babélia.

Eventos

Igreja e internet: uma relação de amor e ódio

Segundo o jornalista Moisés Sbardelotto, a religião acompanha a evolução da comunicação e “é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era”

POR PATRICIA FACHIN

Embora a Igreja tenha mantido uma relação de amor e ódio com os meios de comunicação e, em especial, com as mídias digitais, é inegável a vivência da fé em ambientes digitais nas últimas décadas. Em uma sociedade em midiatização, explica o jornalista, “o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias” porque elas “não são meros meios de transmissão de informação, nem apenas extensões dos seres humanos, mas sim o ambiente no qual a vida social se move”.

Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Sbardelotto enfatiza que a fé praticada nos ambientes digitais “aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso” e, portanto, que a religião tradicional está mudando. “Junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a Internet, vai nascendo também um novo ser humano e, por conseguinte, um novo sagrado e uma nova religião”, constata.

Moisés Sbardelotto abordará o tema desta entrevista no **IHU ideias** da próxima quinta-feira, 30-06-2011, quando apresentará a dissertação de mestrado intitulada *E o Verbo se fez bit: Uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa*. O evento iniciará às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Sbardelotto é mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais. Atualmente, é coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil (Stiftung Weltethos), um programa do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em São Leopoldo-RS. É bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a Igreja se posicionou diante das novas tecnologias e do uso da internet?

Moisés Sbardelotto - Pelo que temos visto especialmente nos últimos anos, a Igreja Católica tem mantido uma relação de “amor e ódio” com os meios de comunicação e particularmente com as mídias digitais, tendo estado no centro de inúmeras crises. Nesse processo de reviravolta sociocomunicacional, a Igreja ainda está tateando em busca de um reposicionamento institucional.

Em 2009, em um gesto histórico, o papa enviou uma carta a todos os bispos do mundo, na qual reconheceu que cometera um erro “comunicacional”. Referindo-se ao fato de

não ter se informado anteriormente sobre um bispo ultratradicionalista¹ recém reintegrado à Igreja que havia negado a existência das câmaras de gás durante o Holocausto, Bento XVI afirmou: “Disseram-me que o acompanhar com atenção as notícias ao nosso alcance na internet teria permitido chegar tempestivamente ao conhecimento do problema. Fica-me a lição de que, para o futuro, na Santa Sé, deveremos prestar mais atenção a esta fonte de notícias”. Ou seja, o papa assumiu que bastaria ter dado uma simples “googlada” para saber quem era esse bispo.

¹ Aqui o entrevistado se refere ao bispo britânico Richard Williamson. Sobre o caso, leia a seguinte matéria no sítio do IHU <http://bit.ly/aanj6l> (Nota da IHU On-Line)

Em termos oficiais, no nível da alta esfera, o Vaticano tem publicado documentos que abordam a relação entre a Igreja e as mídias digitais, como, por exemplo, as mensagens por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais. A última, do dia 5 de junho de 2011, trata do tema “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”. Ou seja, essa nova ambiência é uma temática que interroga a Igreja, que se encontra tão enraizada na cultura escrita impressa e nos meios de comunicação de massa, recolhendo ainda os despojos do papado multimidiático de João Paulo II. Nessa mensagem, há um avanço quando se reconhece que “as novas tecnologias estão mudando não só o modo de comunicar, mas também a

própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural".

Por outro lado, na mensagem, Bento XVI afirma que "como qualquer outro fruto do engenho humano", as novas tecnologias da comunicação, se "usadas sabiamente, podem contribuir para satisfazer o desejo de sentido, verdade e unidade que permanece a aspiração mais profunda do ser humano". Embora reconhecendo o alcance sociocultural das mídias digitais, a Igreja ainda se centra na questão do seu *uso* - que poderia ser, nesse entendimento, bom ou ruim (no final, o papa diz: "Convido sobretudo os jovens a fazerem *bom uso* da sua presença no areópago digital").

A preocupação, no entanto, deveria ir muito além disso. A internet, embora sendo "fruto do engenho humano", está ligada também a formas e práticas de vida intrínsecas a ela. Como analisa Gordon Graham, novidades tecnológicas como a internet não são positivas apenas por serem novas, nem negativas apenas por serem tecnológicas. Mas também não são neutras: nas mídias digitais online, por exemplo, põe-se de manifesto um determinado tipo de ser humano. Mesmo um "bom uso" traz consigo lógicas que são intrínsecas à técnica. Para exemplificar, na semana passada, a Basílica de São João de Latrão² começou a emprestar iPods a seus peregrinos com um aplicativo projetado especialmente para guiar o visitante junto às obras de arte, à arquitetura e à história do local. A proposta, segundo o padre responsável, seria reduzir o ruído provocado pela visita de grandes grupos e seus guias, assim como atrair mais os jovens. Cada visitante pode até ouvir as narrações na "voz" de personagens históricos como o próprio imperador Constantino³. Mas, no fundo, o que sig-

² A Basílica de São João de Latrão localizada na praça de mesmo nome em Roma, é a Catedral do Bispo de Roma: o Papa. Seu nome oficial é Archibasílica Sanctissimi Salvatoris (Arquibasílica do Santíssimo Salvador) e é considerada a "mãe" de todas as igrejas do mundo. É uma das quatro basílicas patriarcais. (Nota da IHU On-Line)

³ Constantino I, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande (272-337): imperador romano, proclamado augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306 e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte. (Nota da IHU On-Line)

“Hoje, o transcendente se digitalizou. E, como o Moisés bíblico, as pessoas sobem a montanha digital porque veem uma sarça ardente em seu topo e buscam a presença de Deus na internet”

nifica atribuir a função de "guia" a um aparelho digital personalizado? São essas lógicas, anteriores ainda a um *bom* ou *mau* uso, que merecem reflexão.

IHU On-Line - De que maneira a manifestação religiosa da Igreja e dos fiéis se transformou a partir da utilização da internet?

Moisés Sbardelotto - Em uma sociedade em midiatização, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias. Na transformação cultural de hoje, as mídias organizam e impregnam o social, e passamos a viver em uma realidade sociocultural de permanente comunicação midiatizada. Por isso, as mídias não são meros meios de transmissão de informação, nem apenas extensões dos seres humanos, mas sim o ambiente no qual a vida social se move. Marshall McLuhan⁴ já afirmava que "toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo", ambientes que "não são envoltórios passivos, mas processos ativos".

Hoje, o transcendente se digitalizou. E, como o Moisés bíblico, as pessoas sobem a montanha digital porque veem uma sarça ardente em seu topo e buscam a presença de Deus na Internet. Portanto, se as mídias digitais como a internet hoje "viraram um templo", com tantas ofertas de sagrado disponíveis, cabe analisar como isso

⁴ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são A galáxia de Gutenberg (1962) e O meio é a mensagem (1967). (Nota da IHU On-Line)

aconteceu, que templo-Igreja é esse e que relação fiel/Deus se manifesta em meio a seus bits e pixels.

Exemplo disso é que a experiência da fé - dentre outras diversas manifestações religiosas - pode ser vivenciada na internet por meio de diversos serviços: versões online da Bíblia e de textos sagrados; orientações online com líderes religiosos; pedidos de oração; as chamadas "velas virtuais"; programas religiosos em áudio e vídeo; dentre muitas outras opções. O fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja, por meio da internet, desenvolve um novo vínculo com a Igreja e com o transcendental, em um novo ambiente de culto. Isso possibilita uma nova modalidade de revelação e de manifestação de Deus e do sagrado: agora, porém, midiatizada - uma espécie de *midiateofania*.

A partir desse desvio do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, ocorrem alterações também na formação da identidade individual e religiosa. Cada tecnologia traz consigo uma nova maneira de ser e de fazer. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, características como a *digitalidade* (o sagrado moldado em bits e pixels), a *ubiquidade* (o sagrado acessível em qualquer ponto da rede a qualquer momento), a *conectividade* (conexões/interações em rede entre o sagrado e o fiel e entre fiéis) e a *hiperdiscursividade* (novas formas de discurso e narrativas sobre o sagrado), dentre outras, manifestam lógicas e processualidades comunicacionais que modificam o ser, o fazer e o experienciar da religião.

IHU On-Line - Como se dá a interação entre fiel, Igreja e Deus no ambiente digital brasileiro?

Moisés Sbardelotto - São as "ações entre" sistema e fiel que possibilitam a comunicação e a construção de sentido religioso na internet. De outra forma, isso não ocorreria. Na pesquisa, analiso essas interações por meio de três eixos conceituais - *interface* (as materialidades gráficas dos sítios católicos), *discurso* (coisa falada e escrita nos sítios católicos) e *ritual* (operações, atos e práticas do fiel).

Com relação à interface, o sagrado

que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de codificação por parte do sistema. Analisamos quatro deles: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional das informações (menus); e 4) a composição gráfica das páginas em que se encontram disponíveis os serviços e rituais católicos. Ou seja, a interação é possibilitada porque o fiel decodifica o sagrado a partir da configuração computacional ofertada pelo sistema. Por meio de instrumentos e aparatos físicos e simbólicos, o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros da forma como preferir. Por meio da interface, o sistema informa ao usuário seus limites e possibilidades, e este comunica ao sistema suas intenções. O sistema indica ao fiel não apenas uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de lidar com o sagrado, que raramente é neutra ou automática: ela carrega consigo sentidos e afeta a mensagem transmitida.

Por outro lado, o contato entre fiel e sagrado passa pelo discurso, pela *narração da fé*, pela “realidade material de coisa pronunciada ou escrita”, nas palavras de Michel Foucault⁵. Nos

5 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Seus primeiros trabalhos (História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como Vigiar e Punir e A História da Sexualidade. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Em três edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMjZ>, e edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em Formação, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyaH>. Confira a edição 343 da IHU On-Line, intitulada O (des)governo bio-

sítios brasileiros, esse discurso é construído a partir de três atores: o *fiel* (o internauta); um “*outro*” (com quem o fiel dialoga e intercede junto ao sagrado); e um “*Outro*”, o destinatário último (Deus, Nossa Senhora ou os santos, por exemplo). É por meio do discurso, portanto, que se gera o sentido religioso nos sítios católicos. Nele, é possível perceber virtualmente entidades como o “enunciador” e o “enunciário” - que estão inscritas e vivem no interior do texto -, assim como as regras para as interações entre eles, já que o discurso não é simplesmente “aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”, como também aponta Foucault.

Por último, o fiel interage com o sagrado por meio de rituais. Até então celebrados no templo físico, eles agora se deslocam para o ambiente online (como, por exemplo, as “velas virtuais”, o “terço virtual”, a “adoração ao Santíssimo”, missas etc.). Por isso, os chamados *rituais online* são atos e práticas de fé desenvolvidos pelo fiel por meio de *ações e operações de construção de sentido* em interação com o sistema católico online para a busca de uma experiência religiosa. O ritual online, portanto, esclarece mecanismos e processualidades fundamentais do fenômeno religioso contemporâneo. Tudo isso, analisado mais detalhadamente, estará disponível no Cadernos IHU, n. 35, que sintetiza a pesquisa.

IHU On-Line - Como o religioso pode ser explicado e entendido em uma sociedade em midiaticização?

Moisés Sbardelotto - O que se constata hoje é um *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade offline (como o “acender de velas”), mas que agora é ressignificada para o ambiente digital. Existe algo que faz

político da vida humana, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <http://bit.ly/9SQcgl>. (Nota da IHU On-Line)

com que o indivíduo prefira praticar a sua fé na internet, em vez de fazer isso na igreja de seu bairro.

Portanto, se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas operações) está em constante evolução, a religião, ao fazer uso dela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era. É essa complexidade da interface entre o fenômeno da comunicação (a partir de suas ocorrências concretas, como o caso da internet) e o fenômeno religioso (a partir da utilização dos dispositivos comunicacionais para a sua ocorrência) que exige maior atenção por parte da Igreja e dos pesquisadores.

IHU On-Line - Que religião nasce da mídia?

Moisés Sbardelotto - Essa é a pergunta-chave. As respostas são múltiplas, por isso posso dar apenas algumas indicações. O que podemos perceber é que a fé vivenciada, praticada e experienciada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso, por meio de *novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades*. Assim, a religião como tradicionalmente a conhecemos também está mudando, e a “nova religião” que se descortina diante de nós nesse “odre novo” traz também um “vinho novo”, que caracteriza a midiaticização digital (suas formas características de ser, existir, pensar, saber, agir etc. na era digital). Junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a internet, vai nascendo também um novo ser humano e, por conseguinte, um novo sagrado e uma nova religião, por meio de algumas microatuações.

Por um lado, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais, divididos e organizados pela Igreja liturgicamente e na vida cotidiana, mudam radicalmente na internet. Agora, um ritual religioso (missa, adoração ao Santíssimo, acompanhamento espiritual etc.) pode ser feito a qualquer hora do dia, independentemente dos horários dos demais membros da co-

munidade religiosa, e em qualquer lugar, em casa, no horário de trabalho, ou mesmo em trânsito, independente da agenda do padre, do religioso ou dos demais fiéis. O sistema se encarrega de mediar essa interação, apesar do tempo offline da vida cotidiana. Os processos lentos, vagarosos e penosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”, “até que a morte os separe”) vão sendo agora substituídos pela *lógica da velocidade absoluta*. Passamos, assim, a viver uma fé na *expectativa de imediatividade* (tudo deve estar disponível agora, já).

Por outro lado, há um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita do outro lado do país ou do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto - e é ele quem decide quando a missa vai começar. Um fiel do interior da Amazônia não precisará se deslocar até o Santuário Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, para fazer suas orações, prostrar-se diante da imagem e até mesmo acender sua vela, pois, pela Internet, a “capela virtual” acolhe seus pedidos e lhe oferece um vídeo do interior da basílica para venerar a santa pela internet. Assim, instaura-se uma nova forma de *presença*: uma “telepresença”, como indica Lev Manovich⁶, possibilitada pela *produção de presença* encarnada nas representações e simulações de sagrado disponíveis no sistema católico online. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença”. Não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente: o fiel pode agora *ver e agir à distância*. Essa “bilocação” não se deve à “santidade” do fiel, mas sim à técnica comunicacional, que permite ao fiel esse seu “poder ultraterreno” nessa ambiência digital.

A fé digital

Além disso, a fé digital traz con-

⁶ Lev Manovich Moscou (1960): crítico literário e professor universitário russo, estabelecido nos Estados Unidos. É pesquisador na área de novas mídias, mídias digitais, design e estudos do software (software studies). Lev Manovich mudou-se nos anos 1980 para os Estados Unidos, onde realizou seus estudos em cinema e computação. (Nota da IHU On-Line)

“São as ‘ações entre’ sistema e fiel que possibilitam a comunicação e a construção de sentido religioso na internet”

sigo uma *materialidade* totalmente própria: numérica, de dígitos que podem ser alterados, deletados, recombinações de acordo com a vontade do sistema e/ou do fiel, embora com resquícios de uma religiosidade pré-midiática (como o uso de velas, por exemplo). Assim, a complexidade da técnica não pressupõe o abandono de tradições discursivas. Porém, elas são ressignificadas: na “capela virtual”, o sol sempre brilha, as flores sempre estão abertas, vivas e coloridas, as velas até se acendem sozinhas, e a cerimônia inicia assim que o fiel entra (adeus, preocupação com o atraso!). Claro, algumas velas digitais também se “consomem” e diminuem de tamanho com o passar dos dias, mas não há mais os “incômodos” da cera derretida, dos vapores e fumaças, dos riscos de incêndio. Mas, hoje, acrescentam-se novas camadas intermediatórias entre fiel e Deus, agora tecnocomunicacionais: computador, teclado, mouse, interfaces, fluxos de interação comunicacional etc. Porém, tudo isso, em geral, passa despercebido pelo fiel, reforçando a *transparência* da técnica: a sensação de sagrado construída pelo sistema promove (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus. Além disso, a fé digital é vivida com uma *sensação de carência*: exigem-se sempre novas tecnologias, crescendo a necessidade de ser mediado pela tecnologia comunicacional, até na espiritualidade.

Sentido religioso

Discursivamente, o fiel constrói sentido religioso por meio de narrativas fluidas e hipertextuais, marcadas por uma constante transformação, em

que novas informações também podem ser adicionadas, deletadas, corrigidas ou relacionadas segundo os protocolos da internet. Isso acaba abrindo o texto original a inúmeras interpretações em uma hermenêutica infundável de novos sentidos. As relações e vínculos nesse ambiente também são fragmentários, já que o fiel seleciona e escolhe a sua alteridade discursiva (terrena ou divina). O fiel-internauta vive uma experiência de fé com uma *ausência objetiva* (antipresença) do “outro”, seja ele outra pessoa ou Deus, o que, nem por isso, caracteriza uma fé vivida isolada e individualisticamente, pois ele continua recorrendo a uma comunidade de fé, embora ressignificada. O deslocamento, em suma, dá-se em direção à *lógica do acesso*, em que o pertencimento-participação em uma comunidade não se estrutura por uma localização geográfica, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dela quem a ela tem *acesso*. E são comunidades instauradas comunicacionalmente: ou, vice-versa, é a interação comunicacional que cria novas comunidades ao *tornar comum* entre os fiéis aquilo que social, política, existencial e religiosamente é incomum ou não pode nem deve, a seu ver, ficar isolado. Assim, no fundo, há uma *lógica do compartilhamento* e da *publicização*: antes, o pedido do fiel era privado, restrito à sua intimidade com Deus. Hoje, é público, é compartilhado com todos, e seu conteúdo é de livre acesso.

Por fim, *ritualisticamente*, os atos e práticas de fé desenvolvidos pelo fiel por meio de ações e operações de construção de sentido em interação com o sistema constroem-se agora na internet. E novos fluxos começam a surgir, como rituais offline reconstruídos midiaticamente e rituais online que são estendidos midiaticamente para o ambiente offline. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta também oferece modelos para as práticas, o espaço e o imaginário litúrgicos. Instaura-se, em suma, uma nova *sacramentalidade*. O que fica escondi-

do nos templos territorializados, como o ritual de acender velas, passa a ser exposto e oferecido como o principal ritual religioso das “capelas virtuais”.

A partir da midiática digital do fenômeno religioso, portanto, vai acontecendo uma *metamorfose da fé*, somada aos diversos outros âmbitos sociais e históricos que evidenciam esse processo. Ou seja, embora mantendo alguns de seus aspectos tradicionais, produzem-se novas qualidades do religioso. Mas não podemos perder de vista que a hierofania nunca se restringe a um único âmbito do humano. Por meio da midiática, revelam-se algumas faces desse sagrado, que não se limita a essas manifestações. O sagrado escapa ao midiático. Paralelamente aos ambientes online, continua-se vivendo, praticando e experienciando a fé nos tradicionais espaços de culto, em crescentes tensões e desdobramentos.

IHU On-Line - E o que a religião em uma sociedade midiática revela acerca da mídia?

Moisés Sbardelotto - Estamos em uma nova etapa da comunicação, em que as mídias não são apenas veículos de troca de informações, nem se resumem a instaurar mediações entre âmbitos sociais. Com a convergência tecnológica e midiática, temos um *ambiente* formado pela comunicação midiática, onde se dão os processos sociais contemporâneos. Existe agora uma cultura *atravessada, perpassada, embebida* pelas mídias. A partir dessa compreensão, percebe-se que é esse ecossistema midiático que constitui o *socius*. O conteúdo do fenômeno da midiática é a convergência das mídias, cada vez mais abrangente, cada vez mais acelerada. Não se trata apenas de um avanço tecnológico, mas sim de uma nova configuração social ampla, que gera novos sentidos em escala complexa e dinâmica, a partir da tecnologia e para além dela.

Analisar a midiática da religião, portanto, é analisar também um processo de secularização: o processo histórico em que as mídias assumiram muitas das funções sociais que costumavam ser desempenhadas, por exemplo, pela própria religião. Por meio das

“O sistema indica ao fiel não apenas uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de lidar com o sagrado, que raramente é neutra ou automática: ela carrega consigo sentidos e afeta a mensagem transmitida”

processualidades da midiática, a lógica midiática vai subsumindo outras lógicas sociais, em termos de regulação institucional, de conteúdo simbólico e de práticas individuais.

IHU On-Line - Qual o significado da religião em uma sociedade midiática? Como ela constrói e gera sentido nesse novo contexto?

Moisés Sbardelotto - Hoje, os fiéis estão fazendo de forma online grande parte daquilo que fazem offline, mas, como dizíamos, fazem isso de uma forma e em um ambiente diferentes, que geram diferença para a religião como a conhecemos. Essas microalterações na vivência da fé não são apenas uma isenta mudança de “forma”, mas sim, em sentido mcluhaniano, uma mudança de “conteúdo”: religião e mídia evoluem de forma midiática, gerando novos predicados.

Em um contexto de aprofundamento das interações sociais via mídia, ganha menos destaque o *discurso* sobre Deus, e mais o *contexto*, as circunstâncias específicas, em que as pessoas interagem com Deus: não como as pessoas creem ou devem crer (*doxa*), mas sim como as pessoas expressam a sua fé (*praxis*). Hoje, esse contexto da fé é vivenciado na internet, é um *contexto comunicacional* construído pela interação entre o fiel e o sistema católico online. No fundo, os fiéis encontram nos protocolos da internet características outras, que *são ou não* encontradas nos santuá-

rios do mundo offline. Uma mídia tão simbólica da pós-modernidade como a internet permeia, mas também altera, a vivência e a experiência de uma fé tradicional, pré-moderna. Não acredito que se dê um processo de substituição de um por outro, mas sim uma *justaposição* das ofertas religiosas offline e online, a partir daquilo que o mundo digital concede *a mais ou a menos*, ou de forma *mais instantânea, acessível ou disponível* do que a religião tradicional.

Raízes agrárias

Nesse sentido, para religiões tradicionais como a Igreja Católica, ainda tão enraizadas em culturas e origens agrárias e pastorais, são necessárias mudanças realmente profundas em seus sistemas simbólicos para que possam ser capazes de responder a todos esses desafios na compreensão de uma nova forma de ver e de viver o “novo mundo” que vai nascendo. Noções como tempo, espaço, comunidade, autoridade, presença, participação etc. - tão centrais ao contexto religioso - vão sendo reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social que, por vezes, é combatida pela Igreja e tem sua importância diminuída, como um processo localizado e sem grandes repercussões para as estruturas eclesiais. Porém, esse é um grande engano, já que, a partir das beiradas, uma modificação de fundo vai ocorrendo, para o bem ou para o mal, na configuração das religiões tradicionais.

IHU On-Line - Como vê o incentivo e o estímulo que a Igreja tem dado à relação e ao vínculo do fiel com Deus por meio do ambiente digital?

Moisés Sbardelotto - A relação com os meios de comunicação é quase vital à Igreja. Como indicou a Instrução Pastoral *Communio et progressio*⁷, ainda em 1971, “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”. Para o então

⁷ A Instrução Pastoral “Communio et Progressio”, sobre os meios de comunicação social, foi publicada em 1971 por mandato do Concílio Ecumênico II do Vaticano. Pode ser lida em português em <http://bit.ly/j8pAmK> (Nota da IHU On-Line)

Papa Paulo VI, a Igreja “viria a sentir-se culpada diante do seu Senhor” se não lançasse mão dos meios de comunicação. Já para o Papa João Paulo II, na encíclica *De Redemptoris Missio*⁸, os meios de comunicação social seriam “o primeiro areópago dos tempos modernos”. E aqui, o papa reconhece um ponto importante, já em uma era digital (1990): “A experiência humana como tal se tornou uma *experiência vivida através dos mass media*”.

Portanto, em nível internacional, começando pelo órgão máximo da Igreja, o Vaticano lançou sua página online ainda nos primórdios da internet, em 1995. O sítio continha apenas o texto da mensagem de Natal do então Papa João Paulo II para aquele ano e um e-mail de contato. Hoje, o sítio oficial da Igreja Católica já está disponível em oito idiomas, incluindo o português e até o latim, língua oficial do Vaticano. Em junho de 2011, foi lançada uma nova interface do sítio com poucas alterações na página de entrada, principalmente, um menu em formato de “calendário maia”, como li em uma crítica. A grande novidade do novo sítio ainda está em construção, que será um serviço de notícias do Vaticano, o News.va⁹. Também houve uma recente ampliação dos serviços prestados pelo sítio, como uma seção de vídeos e a criação de uma “visita virtual” a diversas basílicas vaticanas, além da Capela Sistina e da Necrópole Vaticana.

Além do sítio oficial, o Vaticano também criou outros serviços específicos, como a página Pope2You (pope2you.net), lançada em 2009. A intenção de lançar esse sítio foi o de aproximar os jovens à mensagem de Bento XVI, ou a chamada “geração digital”, conforme palavras do próprio pontífice. Foi uma aproximação, mas nada além disso. Na página, os usuários têm acesso a aplicativos para Facebook, iPhone e iPad, para o recebimento de conteúdos re-

8 *Redemptoris Missio*: encíclica do Papa João Paulo II, publicada em 1990, dedicada ao tema da “urgência da atividade missionária” e da “validade permanente do mandato missionário”. Nesta carta, o Papa desejava “convidar a Igreja a renovar o seu compromisso missionário”. (Nota da IHU On-Line)

9 1.- O novo portal do Vaticano, news.va (http://www.news.va/), foi apresentado oficialmente nesta segunda-feira, dia 27 de junho, em Roma. (Nota da IHU On-Line)

“Por outro lado, o contato entre fiel e sagrado passa pelo discurso, pela narração da fé, pela ‘realidade material de coisa pronunciada ou escrita’”

ligiosos, além de links para a Jornada Mundial da Juventude e para a página do Vaticano no YouTube. O fiel continua apassivado para o sistema, e precisa encontrar brechas em outros ambientes online, não oficiais, em que dá vazão à sua construção simbólica do religioso.

Tecnologia à “nossa imagem e semelhança”

Porém, é preciso superar, por parte da Igreja, uma imagem das mídias meramente como *meios* a seu dispor para a difusão de uma mensagem, como se a “influência” da tecnologia sobre nossas vidas fosse só um problema no “modo de usar”. Ao contrário, é necessário compreender que toda a tecnologia - incluindo a comunicacional midiática - não é uma “escrava” a serviço do ser humano, nem mero prolongamento, extensão ou magnificação das capacidades humanas. A tecnologia é nossa “irmã” (como diria São Francisco) e nasce à “nossa imagem e semelhança”, da nossa “costela”, depende de nós. E, por isso, também nos molda poderosamente através de uma coevolução cada vez mais intensa. Como a Igreja, enquanto instituição hierárquica, em sua organização interna, irá reagir ao longo do tempo a uma cultura do compartilhamento, da instantaneidade, das redes, da fluidez de tempo, espaço e vínculos etc.? Acho que o Wikileaks e as revoluções no Oriente Médio são demonstrações mais do que suficientes de que a cultura contemporânea é, em grande parte, o resultado do encontro entre as possibilidades da

técnica diante das impossibilidades e limitações da episteme contemporânea (social, política, econômica, mas também religiosa). A tentativa de conjugar e resolver essa tensão será cada vez mais forte.

IHU On-Line - A virtualização provoca alguma modificação na vivência da fé?

Moisés Sbardelotto - Cremos que apontamos diversos aspectos nas respostas anteriores. Mas a pergunta é válida para debater o conceito de “virtual”, tão disseminado no campo de estudos das mídias digitais. Virtual é um termo que vem do latim (*virtus*), no sentido de força, potência, virtude. Ou ainda, filosoficamente, é aquilo que não tem efeito atual (“concreto”), que existe somente em potência. Mas essa conceituação não nos possibilita compreender a internet e suas processualidades. A internet pode, sim, ser considerada virtual quando o indivíduo está, por exemplo, descansando no campo, longe de um computador conectado. Nesse momento, ela, para ele, é virtual. Porém, assim que ele a acessa e interage com a rede, ele já a *atualiza*, a *presentifica*, poderíamos dizer. Passa-se do virtual ao atual. Por isso, mesmo que a informação da internet esteja “virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida”, como afirma Pierre Lévy¹⁰, ela se atualiza, fisicamente até, em algum lugar (por exemplo nos mais de 7 mil metros quadrados ocupados pelos quase 2 mil servidores do centro de dados do Google na Califórnia, ou nos mais de 65 mil metros quadrados do centro de dados da Microsoft, em Chicago), em determinado momento, em determinado suporte, deixando assim de ser *virtual*. A internet em sua virtualidade não é do interesse da comunicação, mas sim a atualização

10 Pierre Lévy: filósofo da informação que estuda as interações entre a internet e a sociedade. Mestre em História da Ciência e doutor em Sociologia e Ciência da Informação e Comunicação, pela Universidade de Sorbonne, França, Lévy é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. Entre outras obras, escreveu *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?*. São Paulo: Loyola, 1998. e *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. (Nota da IHU On-Line)

“Um ritual religioso (missa, adoração ao Santíssimo, acompanhamento espiritual etc.) pode ser feito a qualquer hora do dia, independentemente dos horários dos demais membros da comunidade religiosa”

do virtual nas interações e processos comunicativos.

Por isso, preferimos usar conceitos como *digital* ou *online* (conectado), mas que também não são sinônimos. Digital é a operação computacional que lida com quantidades numéricas ou informações expressas por algarismos (dígitos), com bits, com “cacos” de informação. Mas os fenômenos aos quais nos referimos aqui não são apenas digitais, mas também *online*, ou seja: o acesso do fiel ao “sagrado digitalizado” se dá por meio da internet, em rede, em qualquer ponto do tempo e do espaço.

Em uma analogia teológica, para se fazer presente na internet, o Verbo se torna informação e faz-se bit. Mas Deus, segundo a tradição cristã, se faz “carne”, para integrar tudo o que é do ser humano: seus órgãos, seus sentidos, a terra que o envolve. E não apenas o seu DNA. Em bits (o DNA da computação), o Verbo fica impossibilitado de assumir o “homem todo inteiro”, segundo Leonardo Boff - assim como o DNA não dá conta de toda a complexidade da “carne”. Portanto, na internet - entre fiel, Igreja e Deus - interpõe-se a técnica comunicacional digital, que reduz a bits, a “cacos”, a experiência multissensorial do sagrado. E “os bits fazem com que a matéria seja mais maleável do que os átomos”, como aponta Kerckhove.

Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011



Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material

Palestrante: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos

**Data de início: 29 de agosto de 2011
Data de término: 07 de novembro de 2011**

**Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Informações em www.ihu.unisinos.br**

IHU Repórter

Frank Jorge

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES, RAFAELA KLEY E STEFANIE TELLES, | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Seu nome é Jorge Otávio Pinto Pouey de Oliveira, mas todos o conhecem por Frank Jorge. Ele é músico, multi-instrumentista e uma importante figura do cenário do rock and roll gaúcho. Aqui na Unisinos é um dos coordenadores e professor do curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock. Na entrevista a seguir, ele conta aspectos marcantes da sua trajetória pessoal e profissional. Saiba um pouco mais sobre este porto-alegrense apaixonado por música, literatura e comunicação, cujas raízes vêm da fronteira do Brasil com o Uruguai e Argentina, elementos fundamentais para entender o surgimento de Amigo Punk, um de seus grandes sucessos.



Origens - Venho de uma família muito rica culturalmente. Meu pai é de Uruguaiana, médico, filho de família que trabalhava com agropecuária. Não cheguei a conviver muito com ele porque faleceu quando eu ainda era pequeno. Desde sempre vivi em Porto Alegre, de onde minha mãe é natural. Mas a família dela veio de Santana do Livramento. Então, minhas origens vêm do interior do nosso estado, da fronteira com o Uruguai e Argentina - Uruguaiana e Paso de Los Libres por parte de pai e, por parte da minha mãe, Santana do Livramento e Rivera. Quando meu pai veio estudar medicina em Porto Alegre, conheceu minha mãe, se casou e teve filhos. Gosto sempre de comentar que tive uma infância muito legal, rica de convivências, com todos os irmãos juntos. Tenho três irmãs e dois irmãos antes de mim. Sou o caçula desses seis. A família era muito ligada à música e à leitura. Minha mãe, mesmo não tendo feito curso superior, tinha uma formação bacana, sólida, cultural, de gostar muito de ler, de música, MPB, tango. Meu pai, quando vivo, viajou muito com mamãe pela Argentina, Uruguai em congressos de medicina. De lá trazia discos tanto de

tango como dos Beatles, que estavam saindo nos anos 1960. Usufruí desse ambiente de bens culturais, e isso me marcou profundamente. Eu tinha uma diversidade cultural muito grande em casa, que não é a realidade de todo mundo, embora hoje se tenha a internet. Acho que os filhos ficam um pouco à mercê do que a internet mostra; não há um guia para dizer que isso aqui é bacana, isso aqui é *cool*, isso não é.

Porto-alegrense - Sou porto-alegrense. Morei um tempo no bairro Bom Fim, um outro período no bairro Mon't Serrat, mas sempre indo e voltando no Bom Fim. De um modo ou de outro, sou muito vinculado a esse lugar.

Influências - Costumava ouvir orquestras de tango, Paixão Cortes, Celly Campelo, Mutantes, Beatles, Roberto Carlos. Esse acesso e a importância de entender com naturalidade o acesso à informação ampla foi vital para o que eu viria fazer.

Irmãos - Meus irmãos não têm envolvimento formal com a música. A mais velha, mais próxima de mim, é nutricionista, e tenho um irmão jor-

nalista, uma irmã fisioterapeuta, uma bióloga e outra fisioterapeuta. Já na minha adolescência, acompanhando a cena musical de Porto Alegre, no final dos anos 1970, surge todo um cenário de música pop brasileira. Era um cenário de música popular e brega muito sólido no Brasil, resquícios da Bossa Nova, Chico, Caetano, Gil, pouca coisa de rock, mas alguns heróis dos anos 1970. Mas nos anos 1980 é que vai surgir um apelo forte para eu começar a tocar violão, e passei a estudar o instrumento com 14 anos.

Música - Comecei a tocar violão em 1981. Mal sabia eu que viria a trabalhar com música de verdade, compondo, tocando, fazendo shows. Comecei a tocar porque eu gostava de música, mas não tinha uma formação, uma clareza que seria, de certo modo, um ofício, uma profissão. Esse período vai de 1981 até 1986, uma época adolescente, confusa e deslocada do mundo, como qualquer adolescente, em qualquer época. E eu estava ali tocando violão, terminando o ensino fundamental, depois o ensino médio, mas completamente sem saber o que faria da vida. Tinha uma margem de gran-

de prazer e identificação com música, com literatura, mas não me enxergava como um artista. Servi o Exército em 1985, e em 1983, 1984 tive as primeiras bandas, que são importantes pela ideia da largada, de dar um *start*, ter coragem e cara de pau para fazer um show. Estou falando do *Prisão de ventre*, banda anterior à *Graforreia Xilarmônica*. Mas essa questão de profissionalização ocorre em 1986, quando saio do quartel e entro nos *Cascavelletes*. Isso tem ainda a ver com aquilo que comentei: eu não tinha noção de que entrar naquela banda estava sendo uma profissionalização e foi o que aconteceu. Com 20 anos de idade, tocar numa banda, num cenário histórico, num contexto brasileiro e riograndense, que estava repleto de bandas novas, foi algo marcante. O *Cascavelletes* tinha uma linguagem muito própria, e daí estreou no bar Ocidente em 1986 e, em seguida, estava fazendo abertura de shows do Capital Inicial, em Porto Alegre.

Curso de Letras - De 1986 em diante foi um ritmo frenético. Esse foi o ano em que, além da estreia do *Cascavelletes*, entrei no curso de Letras da PUC. Eu tinha uma noção e interesse pela academia, por uma profissão reconhecida pela interface do conhecimento, do saber científico. Isso aconteceu sem uma imposição familiar. Minha mãe tinha respeito por em nossas escolhas, mas estava implícito na maneira como funcionava a família, como enxergava o mundo, o quanto era importante que cada um tivesse a sua passagem pelo ensino superior. Fiz Letras por gostar muito de Literatura. Cursei a graduação conciliando a fase de efervescência juvenil, e tocando com os *Cascavelletes*. Foi bem bacana, muito rico, tive professores excelentes, assisti a vários seminários e palestras importantes. Ficava extasiado. Entre colegas falávamos muito sobre literatura, em criar um grupo de estudos, um grupo literário. A graduação durou de 1986 a 1992. Em 1991 nasceu meu primeiro filho, o Rafael, hoje estudante de Letras na UFRGS.

Aventuras literárias - Nos anos 1990, já vivia uma outra realidade,

de estar atuando ainda com bandas, principalmente com *Graforreia Xilarmônica*, Julio Renny, e estar correndo atrás de outras possibilidades de ganhos dentro da área da Literatura. No final dessa década surge o Sarau Elétrico, com a Kátia Sumann e o Augusto Fischer. Comecei a carreira de escritor, mas muito destrambelhada (com o perdão da palavra). De tanto que lia crônicas e gostava de escritores mais escatológicos, mais irreverentes, comecei a tentar escrever algo assim e aí, com o Sarau, tive que gerar uma produção textual para ler. Isso porque além de ler outros escritores, tinha um momento em que eu lia alguma coisa minha, inédita. Isso foi gerando material, acabei lançando quatro livros, mas não era um projeto literário, era uma literatura possível que estava ao meu alcance fazer, que era um texto meio despretensioso, às vezes um conto, um poema. É na década de 2000 que vou dar um “pique” maior nessa perspectiva, porque nasce meu segundo filho, em 1999. Então, é nos anos 2000, que encaro de uma maneira pragmática a necessidade de seguir sendo músico. Sempre fui uma pessoa de não trabalhar só com um nicho do mercado musical, “só com shows em bares”. Eu dialogava já com a Câmara Riograndense do Livro, com as secretarias de cultura, tentava ter uma rede muito ampla de relações, de laços fortes e fracos, que ia gerando uma perspectiva de trabalho e de ganhos, uma continuidade. Todo problema de um artista é a continuidade: tu desenvolves um disco, um trabalho e tem que divulgar bem, distribuir bem, fazer shows e tu tens que estar sempre pensando no próximo passo. Vais fazer o quê? Gravar outro material? Vais tentar gravar em outros estados? Então, nos anos 2000 foi importante manter a atividade musical. Comecei a lançar discos solo, só como Frank Jorge, mas já tentando trabalhar como redator em produtora de vídeo.

Experiência em TV - Fui convidado, muito em função do Sarau elétrico, a trabalhar na TV Educativa, durante o governo Olívio Dutra. Não tinha noção de como era trabalhar em TV, mas aprendi a trabalhar, a fazer produção,

roteiro, edição de fita, que nem era digital ainda. Fiz curso de radialista, para ter uma mínima condição do ponto de vista de regulamentação do ofício, não sendo jornalista, o que agregou muito. Fiquei quase três anos na TV Educativa e fazendo no período um programa de rádio na FM Cultura, isso sempre tocando o dia a dia familiar, minha proximidade com minha mãe, com meus irmãos, dentro das minhas condições. E, a essa altura, já tinha os dois filhos, Rafael e Érico, e, seguindo essa sequência, depois da TVE em 2003, eu atuo na Usina do Gasômetro por um ano como diretor, que também foi outra atribuição. É também o ano (2004) que nasce minha terceira e última filha, a Glória, que já está com seis anos. Minha esposa se chama Daniela e é professora de inglês.

Outros caminhos profissionais e entrada na Unisinos - Em 2005, começo a trabalhar na Secretaria de Cultura de São Leopoldo, que viria a ser a minha ponte com a Unisinos, pela proximidade geográfica. O Fabrício Carpinejar me convidou para ser o seu secretário adjunto. Ele seria o secretário de cultura, mas neste ínterim desistiu e aí eu me construí como alguém disponível para trabalhar na Secretaria de Cultura. Estava iniciando a Secretaria, e de certo modo não deixei de ser um fundador da Secretaria de Cultura de São Leopoldo. Fiquei ali por um ano e meio e, no decorrer de 2006, o Fabrício me convidou para conhecer a unidade acadêmica de graduação da Unisinos. O Gustavo Borba atuava com os novos projetos e a ideia que o Fabrício tinha era que eu constituísse um curso de música diferente. Nessa história com a Unisinos sempre tive uma relação muito boa, muito intensa. É um namoro que está durando muito, no sentido de surpreender minhas expectativas e da própria Universidade, com um nível de satisfação também pelo que tanto eu quanto o professor Sefrin estamos atingindo. Fiz um rascunho singelo do que poderia ser um curso de música diferente dos cursos tradicionais de música erudita, de licenciatura, composição e regência. Pensei em um curso diferente, agregando saberes na



área do Direito, de software de áudio, da história da música popular. Fomos construindo um nível de sensibilidade e atenção tão interessante que o curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock foi ofertado no final de 2006 e a primeira turma já entrou no início de 2007. Já formamos cinco turmas, e na medida em que o curso foi sendo organizado e tendo a previsão de lançamento de coletânea de trabalho autoral, bem como de projeto-festival, também lançamos cinco coletâneas de trabalhos autorais dos alunos

feliz, independentemente da correria, de manter a coordenação do curso com o professor Sefrin, com a docência, com o fato de estar estudando. Esta tem sido minha realidade.

Rádio - Agora recebi um convite da rádio Ipanema para produzir e apresentar um programa, que vai se chamar "Crocâncias diversas". É uma expressão que gosto muito de utilizar. Independentemente dos desafios e dos (dis)sabores, a gente não pode perder uma cer-

ta alegria, um humor, uma visão mais crocante das coisas. Muito mais do que cumprir com assiduidade, com profissionalismo. Sim, isso tudo é importante, mas tem que enxergar a graça das coisas.

Unisinos - O bacana de entender uma universidade jesuíta e ler alguma coisa da história da Companhia de Jesus, da pedagogia inaciana, é que você vai percebendo a construção de saberes e competências como um ideal muito bacana, muito singelo. Minha vida inteira teve muito desta perspectiva de não se enxergar acovardado, sem capacidade de trabalhar os desafios. E é o que a gente faz no dia a dia: pensar em uma integração para que o aluno consiga ter um bom domínio dos conteúdos que vão fazer diferença no mercado, e que vá fazer diferença na vida dele, na convivência e experiência que os professores conseguem transmitir e construir. Vejo isso de uma maneira muito bonita e me sinto muito identificado com estes preceitos, que são caros.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

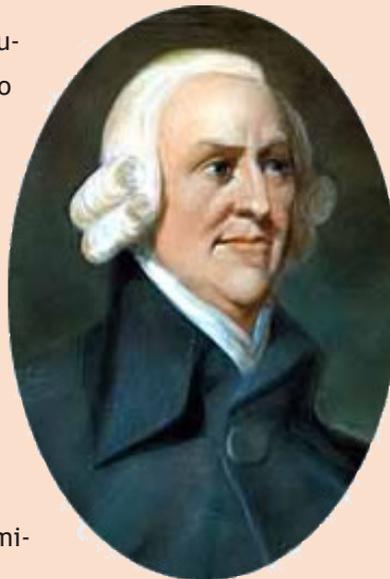


ACESSE NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU - WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques

Repensando os Clássicos da Economia

Para compreender quais são as ideias e as implicações das obras de autores que contribuíram para a estruturação do pensamento econômico contemporâneo, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove o **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011**. A cada encontro, um professor convidado apresentará a obra de um economista e refletirá sobre a viabilidade de aplicação na solução de problemas econômicos atuais. Intitulada **Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material**, a primeira palestra do Ciclo será ministrada pelo Prof. Dr. **André Filipe Zago de Azevedo**, da Unisinos, no dia 29 de agosto, às 20h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. A programação completa está disponível no link <http://migre.me/56fGa>.



Perspectivas do Humano

Promovido pelo PPG em Filosofia da Unisinos e em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, se realizará de 16-08 a 25-09 próximos o **Ciclo de Estudos: Perspectivas do Humano**. Com o objetivo de proporcionar uma reflexão plural a respeito do ser humano, seus direitos (e responsabilidades) e suas múltiplas possibilidades de ser, o programa do evento tem como referência a filosofia de alguns pensadores espanhóis contemporâneos, como Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno, José Luis Aranguren e Ignacio Ellacuría. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/imNmTU>

Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos

Durante três meses, o IHU promove o curso **EAD - Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos - 2011**, por meio da plataforma Moodle. Através de encontros virtuais, os participantes irão estudar e meditar a vida de Jesus de Nazaré que anuncia o Reino de Deus, 'já' e 'ainda não'.

O curso acontece entre os dias 15 de agosto e 27 de novembro, com horário livre. A programação completa pode ser acessada no link <http://migre.me/56fT9>.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no

facebook

(<http://bit.ly/ihufacebook>)



Apoio:


UNISINOS


INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU Contracapa